Julgamento dos Comandos: sentença para depois das eleições

Pág. 8

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 405 Terça-feira, 7 de Julho de 1987 Preço 40$00

Maioria agora, Belém depois

PRESIDENCIAIS DE 91 EM DISCURSOS DE 87

Objectivos finais da direita parlamentar revelados a meio da campanha eleitoral

Fernando Seara e Ângelo Correia: duas segundas figuras em primeiro plano

A campanha eleitoral chegou hoje precisamente a meio do percurso que a separa do seu termo, a 17 de Julho. E cresce em mobilização e também em surpresas. Depois da ideia da «maioria absoluta» ter surgido, pela primeira vez no domingo, claramente explicitada no discurso dos sociais-democratas (Ângelo Correia), foi ontem a vez do CDS remeter esta campanha para o horizonte de 1991 — as próximas eleições presidenciais. Quem o fez foi o secretário-geral dos centristas, Fernando Seara, pensando em Freitas do Amaral. Confessa Seara que tomou esta posição a título pessoal, mas que «há uma lógica em tudo isto»: «Esta maioria para as legislativas, pela qual nós lutamos, também tem que ser uma maioria presidencial» (ler na pág. 3). Anteriormente, também Ângelo Correia fundamentara o seu apelo à «maioria absoluta»: gerar um «poder claro» articulado com a Presidência da República, o Parlamento e o Governo, sem esquecer a revisão constitucional (ver crónica de Aurea Sampaio na nossa edição de ontem). Ângelo Correia em Aveiro, Fernando Seara em Viseu: a estratégia última da direita parlamentar revelada por segundas figuras dos partidos? Ou «derrapagens» de ocasião, deixando transparecer o que verdadeiramente se joga nestas eleições?

"Dívida de dois milhões é aperitivo!"

Atlético de Madrid: novo patrão de Futre dispensa, compra, muda e vai investindo

•Mais de um milhão de contos gastos em 10 dias •Adiantamento ao Porto: 100 milhões de pesetas pelo «passe» de Futre, que ganhou um «Porsche» amarelo, uma vivenda e cerca de 11 mil contos mensais durante quatro anos •Jesus Gil já esteve preso: Franco indultou-o •Janta «sandes» no clube e compra terrenos a toda a hora •«É tudo uma questão de livro de cheques», comenta.

Pág. 14

Concedidos seis meses para a regulamentação

Lei do Serviço Militar foi hoje publicada

Pág. 7

O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio

TOITORRES

Banix

TOYOTA uma FORÇA para o FUTURO

pelo prazer de conduzir MOTOCICLOS

PRESIDENTE DE ANGOLA RECEBE O MINISTRO PIRES DE MIRANDA

O presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, recebeu ao fim da manhã de ontem o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, que se encontra em Luanda a participar na reunião da comissão mista luso-angolana.

A audiência decorreu na residência oficial do chefe do Estado angolano, em Futungo de Belas, não tendo sido todavia revelados pormenores sobre os assuntos discutidos. Fontes citadas pela «Lusa» terão dito, no entanto, que Eduardo dos Santos e Pires de Miranda abordaram questões do âmbito das relações bilaterais e da situação internacional, nomeadamente na África Austral.

Fontes diplomáticas indicaram, por outro lado, que é bem provável que o presidente angolano tenha informado o ministro português da data exacta da sua visita a Portugal, prevista para o próximo mês de Setembro. Recorde-se que Pires de Miranda levou a José Eduardo dos Santos uma mensagem peesoal do primeiro-muinistro português, Cavaco Silva.

Crocker em Luanda

Entretanto, será aguardado em Luanda, no início da próxima semana, o secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker. Fontes diplomáticas disseram já que Crocker deverá abordar com as autoridades angolanas questões bilaterais, a situação de Angola e o futuro da Namíbia.

Estas conversações eram aguardadas desde há algum tempo, na sequência de um encontro informal entre Crocker e o ministro angolano da Energia e do Petróleo,

Pedro Castro Van-Dunen, em Washington, no passado mês de Junho. Meios dilplomáticos portugueses e angolanos têm vindo a referir que o secretário- de Estado adjunto norte-americano poderá fazer escala na capital portuguesa antes ou depois da sua deslocação a Angola.

Na sequência do castigo aplicado pelo CEME

Quinhentos cidadãos pedem ao Presidente da República reparação a Vasco Lourenço

Quinhentos e dezoito cidadãos, democratas de várias tendências, subscreveram uma carta que entregaram na Presidência da República a solicitar «uma reparação ao tenente-coronel Vasco Lourenço».

Segundo se pode ler na mensagem, os signatários manifestam ao chefe do Estado a sua «inquietação pela natureza parcializada, senão mesmo politicamente conservadora, que parece marcar a linha de conduta das Forças Armadas». Os autores da iniciativa chegam a esta conclusão não apenas devido ao «caso de Vasco Lourenço», «mas também de várias declarações públicas da mais elevada hierarquia» das FFAA.

António Galhordas, Lopes Cardoso, Aquilino Ribeiro Machado, Carlos Fabião, Carlos Paredes, Consiglieri Pedroso, Edite Estrela, entre outros, dizem que sobre o presidente da República impende a obrigação cívica de usar as prerrogativas ao seu alcance «para que os valores democráticos não sejam afectados». Esta tomada de posição surge ainda na sequência de o tenente-coronel haver sofrido uma detenção disciplinar de cinco dias por ter dito por ocasião das comemorações do 25 de Abril que se fpsse preciso, os capitães da Primavera de 1974 continuariam presentes para lutar pelos mesmos ideais que então defenderam.

Emídio Guerreiro, Eunice Munoz, Fausto, Fernando Lopes Graça, Henrique de Barros, Luis Moita, Mário Murteira e Mário Neves também se encontram entre as personalidades que subscreveram a carta enviada ao presidente da República, na qual consideram que o castigo dado ao presidente da Associação 25 de Abril é considerado «sanção aberrante».

BANCO DE PORTUGAL

DEPARTAMENTO DE EMISSÃO E TESOURARIA

AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que vai pôr em circulação, por intermédio das Instituições de Crédito, a moeda de 10$00 comemorativa da Campanha Europeia para o Mundo Rural, criada pelo Decreto-Lei n.º 224-A/87, de 3 de Junho.

Lisboa, 7 de Julho de 1987

BANCO DE PORTUGAL

OS Vice-Governadores

António Carlos Feio Palmeiro Ribeiro

Alípio Barrosa Pereira Dias

DROGA

PÁ É POSSÍVEL

MINISTÉRIO DA SAÚDE

O MINISTÉRIO DA SAÚDE criou em Lisboa o CENTRO DAS TAIPAS, onde é possível encontrar apoio quer na fase de privação de droga, quer no reencontro do interesse pela vida e pelo futuro.

O CENTRO DAS TAIPAS dispõe de:

- Uma consulta de porta aberta onde qualquer toxicodependente se pode dirigir de manhã ou de tarde;
- Um apoio de urgência;
- Um apoio telefónico permanente;
- Internamento de curta duração para a desabituação de casos mais difíceis;
- Centro de dia onde o toxicodependente em tratamento pode realizar actividades variadas.

É possível deixar a droga. O CENTRO DAS TAIPAS está à disposição de quem o quiser fazer.

Rua das Taipas, 20 — LISBOA

Tel. 362584/5 • 327155/6

CENTRO DAS TAIPAS

SIC

Mário Tomé (UDP):
«Eu não vou fa lar com quem faz manguitos à luta».
«O PRD foi a mu leta do Gover - no durante ano e meio».
«O PS tem uma política ao ser- viço do imperialismo».

Gonçalo Ribeiro Teles (PPM):
«Estamos a fazer uma história desgraçada».

Adriano Moreira (CDS):
«Não queremos o PC e os seus aliados na área do poder».
«A arte de governo fundamental é a arte de obter consensos».
«Não nos impressionamos com as críticas do esterior».

Gomes de Pinho (CDS):
«19 de Julho vai ser para todos nós um dia de alegria, mas também um dia de maior responsabiliza - ção».

Lurdes Graça (PCTP/MRPP):
«As operárias não são abelhas, não são escravas».

Alcídio Torres (PC(R):
«O nosso povo quer um país de pão e de rosas».

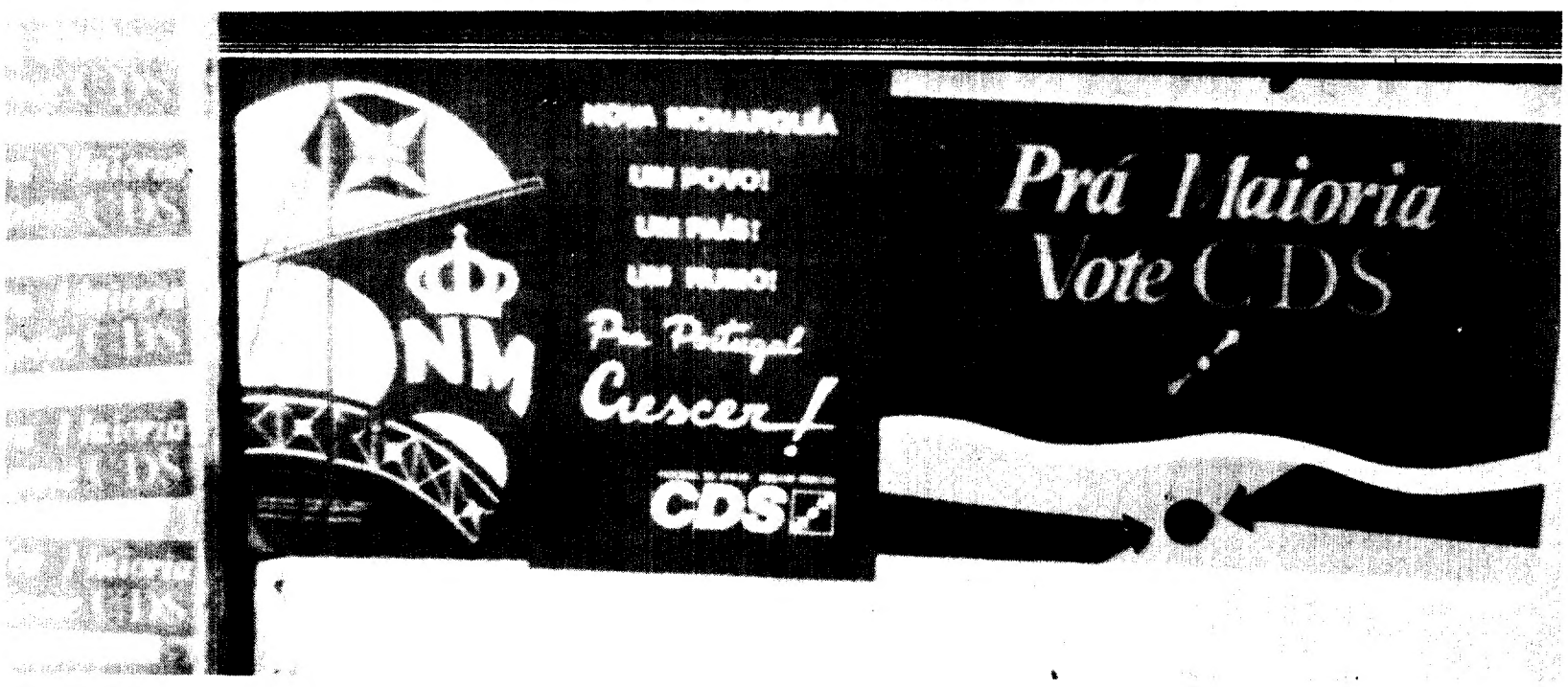
Vítor Constâncio (PS):
«Quando aumentou as reformas, o PSD pretendeu iludir alguns in - cautos».
«Queremos um país mais rico, mas um país que não seja só para ricos».
«Não temos facturas a pagar, clientelas a atender, nem compa - drios a satisfazer».
«Não somos o parente pobre da Europa. Somos Europa e que remos participar na sua construção».

Lurdes Pintasilgo (PS):
«O socialismo democrático não é um sistema aca bado, é uma procu - ra».

Lucas Pires (CDS):
«É este o Portugal de Abril? É este o país da solidariedade de raíz cristã que quisemos construir?»
«Durante dez anos es tive à frente deste povo e convenci-me que o conhecia».
«(Durante a campanha) houve coisas que não conhecia e me mara - vilharam e coisas que não co nhecia e me envergonharam».

José Carlos Vasconcelos (PRD):
«Basta, é preciso, é urgente, é necessário governar melhor este país».

Cavaco Silva (PSD):
«Todos, votem como votarem, têm de beneficiar da acção do meu Governo».
«Somos um país de gen te mode - rada».
«O desafio do Mercado Comum ganha-se ou perde-se nos próxi - mos quatro anos».
«A questão decisiva é esta: ter es - tabilidade governativa e um gover - no eficaz».
«O PSD alberga todas as clas - ses».



CENTRISTAS JÁ TÊM HOMEM PARA AS PRESIDENCIAIS...

CDS

Perante os olhos arregalados de alguns dirigentes centristas que estavam na tribuna montada na Praça do Rossio, em Viseu, Fernando Seara, o jovem secretário-geral do CDS e candidato nº1 pelo círculo viseense, causou sensação ao afirmar sem rebuço:

«Nestas eleições de 19 de Julho já estamos a pensar nas eleições presidenciais e para essas eleições já temos homem, já temos candidato para vencer».

Na tribuna, Seara não foi explícito quanto ao nome desse homem. No partido, ninguém sabia quem era. Mas em conversa com jornalistas mais tarde, Seara garantiu que esse homem era... Freitas do Amaral.

Gomes de Pinho, instado a pronunciar-se sobre esta afirmação do secretário-geral, escusou-se, com elegância, a dizer fosse o que fosse — e aconselhou os jornalistas a fazerem igual pedido a Fernando Seara.

Esta manhã, o homem no centro da polémica não se fez rogado: a questão não fora discutida dentro do partido, nada há decidido a esse respeito, a posição tomada fora meramente pessoal. Mas atenção: segundo Seara, o comício de Viseu fora uma boa oportunidade para lançar a ideia, pois na Praça do Rossio, prenhe de gente entusiasta e ruidosa, havia, logo. ali nas primeias filas, muitas pessoas que tinham estado naquele mesmo local aquando da campanha de Freitas do Amaral para a Presidência.

«Está a ver» — disse — Fernando Seara — «há uma lógica em tudo isto. Esta maioria para as legislativas, pela qual nós lutamos, também tem que ser uma maioria presidencial. As pessoas de Viseu apostaram na candidatura do prof. Freitas. Eu terei sido o intérprete fiel daquelas pessoas da região, que eu bem conheço».

Não tenhais medo...

Como já ontem aqui se disse, a campanha do CDS, embora à sua escala, está em crescendo. Como o líder do partido, Adriano Moreira, sublinhou ontem no início da jornada (uma feira em Espinho) «o nosso lugar, agora, é andar na rua».

É isso: o CDS, depois de uma semana de jejum de multidão, encafuado em salas de restaurantes e hotéis, tomou o gosto pela rua. A caravana já é composta de mais viaturas, as bandeiras são em maior número, o barulho feito á roda do líder já é o tradicional de uma campanha eleitoral. E, vejam lá, as sedes do partido já estão abertas e com gente lá dentro quando a caravana passa...

Ontem, para lá da feira de Espinho, Adriano Moreira, que viaja agora acompanhado da mulher e de dois filhos — Mónica, de 15 anos e Nuno (este integra a caravana desde o princípio e é mais papista que o papa no seu amor ao CDS) —, passou por Vila da Feira, S. João da Madeira (onde almoçou ao ar livre, num parque a cheirar a sardinha e febras assadas) e S. Pedro do Sul, sempre acolhido com calor e entusiasmo pelos simpatizantes do partido da bola ao centro.

À noite, no comício de Viseu, foi saudado com o «slogan» «Adriano, amigo Viseu está contigo», e, depois de ter evocado Adelino Amaro da Costa, garantiu que o CDS se mantém fiel ao pensamento da AD.

Sublinhando seguidamente o papel do partido enquanto expressão de uma maioria cristã e a sua fidelidade aos valores que esta defende, dirigiu-se directamente a quem o ouvia e lançou um apelo:

«Não tenhais medo e votai cristão.»

Antes, Gomes de Pinho, líder do grupo parlamentar do CDS e candidato número dois pelo círculo de Viseu, lembrou que «por muito grande que o barco do PSD pareça, sem um rebocador potente, que é o CDS, não poderá sair do cais».

O CDS, enquanto expressão política dos valores cristãos traduzidos, por exemplo, no ataque à lei do aborto, na defesa da televisão privada e da Lei de Bases da Família, foi a tónica do discurso de Gomes de Pinho, que afirmou a certa altura: «A maioria dos cristãos que somos também quer ser uma maioria política.»

Para Gomes de Pinho o CDS «está a fazer de forma brilhante aquela que é talvez a sua mais difícil campanha de sempre».

... E votai cristão

E por falar na campanha mais difícil de sempre: como disseram em privado vários dirigentes centristas, quando a campanha começou, o horizonte era muito negro.

Uma semana depois, porém, tudo parece ter mudado: a campanha contra o voto útil parece ter dado resultado e a situação, embora não se possam esquecer problemas internos que demorarão a cicatrizar, parece estar controlada.

«Um resultado idêntico ao das últimas eleições já será um bom resultado para nós» — disseram, em Cinfães, no fim-de-semana, Gomes de Pinho e Fernando Seara, enquanto tomavam uma bica com alguns dos jornalistas que o acompanhavam.

A atitude da Igreja, que alguns receavam que pendesse para o lado da onda laranja, foi considerada pelos dirigentes centristas como positiva, tendo Fernando Seara, com alguma boa disposição, dito a propósito: «Podemos considerar que neste momento é de 'neutralidade colaborante', se se pode utilizar a expressão...»

Gomes de Pinho, pegando no mote, disse por sua vez:

«A Igreja e os cristãos sentem cada vez mais a necessidade da existência de uma representação política cristã correspondente. E o facto dela não existir, nomeadamente no Parlamento, tem levado a que valores cristãos e a Igreja tenham sofrido derrotas significativas.»

E assim vai a campanha do CDS, agora por terras de Viseu e hoje já a caminho da Guarda, onde é esperada com grande expectativa a participação de Lucas Pires, pela primeira vez em público ao lado de Adriano Moreira no comício que logo à noite se realizará na cidade serrana.

Parlamento Europeu

O Presidente da República dirigiu «um apelo veemente a todos os portugueses» para que participem nas primeiras eleições directas que no país se efectuam para o Parlamento Europeu.

O presidente Soares diz no número de Julho da revista «Selecções» que as eleições directas para o Parlamento Europeu, no dia 19, (em simultâneo com as eleições para a Assembleia da República) reforçam a aproximação dos protugueses a todos os restantes membros da CEE.

«A campanha eleitoral permitirá um mais eficaz conhecimento das realidades europeias e do desafio que é feito enquanto novos membros deste grande espaço de liberdade e progresso» — afirma Mário Soares, na mensagem que escreveu para as «Seleções do Reader´s Digest».

«A opção europeia de Portugal é uma opção nacional e representa um rumo para o futuro, que a todos deve mobilizar: trabalhadores, cientistas, técnicos, jovens, empresários, homens de cultura» — acrescenta o chefe do Estado.

«É necessário — prossegue — que todos os portugueses se sintam cidadãos europeus empenhados na construção de uma Europa cada dia mais desenvolvida, solidária e criativa. Uma Europa ao serviço dos cidadãos europeus e, por isso, também ao serviço dos portugueses».

FRACO NO RESTO, APOTEOSE NA RÉGUA

PRD

José António Cerejo

O cheiro forte das resinas dos pinheiros, as profundezas dos vales, a vertigem das aldeias alcandoradas nas serranias, a interrogação das estradas serpenteantes trouxeram ontem um mundo de contrastes à caravana do General Ramalho Eanes.

Da alegria inenarrável das mulheres de Peso da Régua à hostilidade dos militantes sociais democratas de Santa Comba Dão, tudo foi possível na embriaguês do verde e no frenesim das curvas do caminho.

Viseu e Vila Real descobriram-se numa multiplicidade de sentimentos e de verdades e o líder do PRD no final do comício transmontano era um homem comovido, um general arrebatado. Estava entre os seus, mais perto da terra e das raízes, e vibrava como nunca desde o ínicio desta longa peregrinação.

Falava das gentes e dos seus problemas, de esperanças e de utopias, de desafios e realidades. Declarara-va-se chocado com o que vira e ouvira desde o Luso e confessava: «Hoje, aqui, estou muito mais determinado do que nunca para que a justiça se faça no nosso Portugal».

Eanes não sabia

A ecoar na sua memória estavam as descrições de doentes transportados em padiolas, por montes e vales, as caras bonitas, as mãos de resina e os mil e duzentos escudos para a roubar aos pinheiros das seis da manhã às nove da noite; os setencentos escudos de sol a sol do homem de Santa Comba, mais o vinho, que não a alimentação, mas também o desabafo do pequeno agricultor sem meios para mais pagar.

Por tudo isto que beirões e transmontanos lhe haviam mostrado ao longo do dia Eanes perguntava: «é este o país da solidariedade nacional de raiz cristã?» A sua resposta dizia da urgência de o transformar, não pela «igualisação utópica», sim «pela justiça e pela igualdade da oportunidade».

Falando para duas ou três centenas de pessoas que os esperaram até às 22 horas e trinta e compunham razoávelmente o átrio da Escola Preparatória nº 1 de Vila Real, Ramalho Eanes manifestava a sua surpresa pelo que vira e ouvira, o seu espanto pelo sol a sol, a sua ignorância face a problemas que julgava resolvidos, a situação que considera medievais e impróprias para um país europeu.

Em conversa com os jornalistas, o líder do PRD confessaria mais tarde que nas suas visitas presidenciais ou nas anteriores campanhas eleitorais em que participou, nunca lhe fora dado contactar com estas realidades. «Eu fazia as mesmas perguntas, mas as respostas eram diferentes».

Emocionado, perante um público entusiasta e tocado pelo tom do seu melhor discurso desta campanha, Ramalho Eanes apelou mais uma vez ao voto em consciência afirmando que «é esta a altura de reconstruir Portugal». Quanto ao PRD sustentou novamente que só com responsabilidades governativas poderá contribuir para mudar o País. «Já mostramos coragem e determinação para que o eleitorado nos dê oportunidade que vos foi recusada para provarmos que somos capazes de pôr o País a funcionar com um governo de centro esquerda».

Apoteose em Peso da Régua

Ramalho Eanes encontrou ontem uma recepção discreta na maior parte das localidades por onde passou, com excepção de Peso da Régua e de Santa Marta de Penaguião.

Saindo do Luso pela manhã, a caravana renovadora percorreu grande parte dos distritos de Viseu e Vila Real, zonas dominadas pelo PSD e pelo CDS, passando igualmente por Mórtagua, Santa Comba Dão, Tondela, Canas de Senhorim — onde se encontrou com os trabalhadores da Companhia Portuguesa dos Fornos Eléctricos —, Nelas, Viseu, Vouzela, S. Pedro do Sul, Castro Daire, Lamego, Régua e Santa Marta de Penaguião. De todas estas localidades só nas quatro últimas é que Eanes encontrou concentrações de pessoas à sua espera. Nas restantes, a caravana suscitou alguma curiosidade

com gente à janela e às portas das casas, mas foi sobretudo pelas aldeias, à beira das estradas, que Eanes pode avaliar o capital político de que ainda aqui dispõe. Excluíndo os provocadores que aqui e ali saiam ao caminho com bandeiras do PSD, a caravana encontrou dezenas e dezenas de grupos de pessoas a aguardarem-nos e parou com muita frequência em pequenas terras não incluídas no programa.

Esta foi sem dúvida uma das novidades que as terras do norte trouxeram à campanha do PRD. Enquanto que até agora, a caravana se limitava a parar nos centros urbanos, aqui ela encontrou algum distanciamento nas localidades maiores e uma grande receptividade nos casais e aldeias semeados à beira das estradas. Nalgumas fases do percurso, os grupos de populares sucediam-se e Eanes descia do carro quase de quilómetro em quilómetro, sempre que havia um aglomerado de casas. Sentia-se à vontade, ouvia queixas e ficava a saber de coisas que julgava já não existirem em Portugal.

Mas a região da Régua foi aquela que mais carinho dispensou ao ex-presidente da república. Na pequena aldeia de Portelo de Cambres, ao fim da tarde, toda a população estava na rua e Eanes chegou a receber a continência de uma mulher que depois lhe apertou a mão e disse que na véspera o cumprimentara em Coimbra. «Com o voto pode ele contar no PRD», afirmou ao repórter do DL.

Mais à frente, por entre as ruelas estreitas e com uma parte da comitiva a julgar que a caravana estava perdida, Eanes foi acolhido no meio de um verdadeiro pandemónio. Estávamos em Peso da Régua, no Largo do Eirô, e o líder do PRD teve ali uma recepção apoteótica. A maior de todas desde que saíu de Lisboa.

Centenas de pessoas gritaram por ele num largo acanhado, esticaram-se para lhe tocar, abraçaram-no aqueles que lhe conseguiram chegar. Sobretudo as mulheres, como é frequente nesta caravana.

Para explicar o fenómeno, uma delas disse ao DL: «aqui gostamos muito dele e há seis anos ele estave cá a comer com a gente, aqui no largo».

Os socialistas de Santa Marta

Novamente a caminho de Vila Real, Eanes teve mais uma surpresa. Em Santa Marta de Penaguião a estrada estava apertada e o largo literalmente cheio. Já era de noite e um milhar de pessoas aclamavam o ex-presidente perante o olhar apreensivo do presidente da Câmara, Artur Vaz. Tal como na Nazaré, uma vila de maioria socialista concedeu aqui uma recepção triunfal ao líder do PRD. Artur Vaz, ex-mandatário concelhio de Eanes em 1980 e actual coordenador distrital do PS em Vila Real, cumprimentou o general e apresssou-se a explicar aos jornalistas: «80% desta gente que aqui vêem vota no PS e 15% no PSD, para os outros ficam 5%.

Entre a multidão, tal como Artur Vaz, viam-se pessoas com autocolantes de Vitor Constâncio. Uma delas, uma velha, disse ao DL: «estou aqui para abraçar o Eanes, mas voto neste», batendo no autocolante.

Mais uma vez, agora com o PS e o PSD, resta saber se o presidente da Câmara de Santa Marta tem razão ou se o resultado da presença de Eanes na contenda lhe vai trazer uma enorme surpresa.

Distrito fraco para o PRD

O PRD elegeu apenas um deputado por Viseu em 1985 (10,8% dos votos) e nenhum por Vila Real, onde obteve o seu pior resultado, no continente, a seguir a Bragança, com 8,6% dos sufrágios.

De acordo com o cabeça de lista por Viseu, o advogado Albino Matos, a eleição de um deputado pelo distrito não oferece dúvidas e «está mesmo a trabalhar para eleger o segundo».

Em Vila Real, Noronha Tavares, médico, também está confiante na sua eleição, enquanto número um da lista, e lembra que em 1985 não lhe faltaram muitos votos para que isso acontecesse. «Em 1985 não fizemos praticamente campanha. Agora estamos a fazê-la e temos o general Eanes à frente do partido», argumentam ambos os candidatos para justificar o seu optimismo.

DE NORTE A SUL

• Em Mangualde, Ramalho Eanes foi interpelado por um emigrante há 20 anos nos Estados Unidos, a fim de se juntar a ele, mulher e filhas, para tirarem uma fotografia. O general acedeu e lá ficou um elemento da segurança de máquina em punho a tirar a fotografia, que a família Lopes quis, com Ramalho Eanes entre o casal e com as duas crianças à frente. José Francisco Lopes explicou depois que a foto vai figurar no Centro Português de Long Branch, Nova Jérsia.

• Na paragem que a caravana do PRD efectuou em Oliveira de Frades, Ramalho Eanes dirigiu-se para carros que faziam propaganda ao CDS para cumprimentar os ocupantes e enviar um abraço a Adriano Moreira e felicidades para a campanha. Os jovens centristas responderam a Eanes que se Adriano Moreira ali estivesse também lhe dirigiria um abraço.

• O marquês de Sá da Bandeira mereceu o seu título aos olhos de um militante do PSD que se empoleirou aos ombros da estátua para agitar uma bandeira do seu partido. A cena ocorreu no Largo do Seminário, em Santarém, na altura em que se aguardava a chegada de Cavaco Silva para o comício da noite. O militante social-democrata teve, contudo, de abandonar a sua postura a pedido do apresentador do comício, que apelou para um tratamento daquela figura da história portuguesa mais conforme com «a digninade social-democrata».

• A chegada de Cavaco Silva ao comício de Santarém provocou um tal apertão na assistência que uma senhora dos seus 30 anos teve de ser levada para local mais arejado, acometida de um desfalecimento. Militantes da JSD e elementos da segurança que a transportaram até ao cimo da escadaria do seminário chegaram a chamar os bombeiros para a levar para o hospital. Estavam eles a interrogar-se sobre o estado da senhora — «será o calor? Será dos nervos?» — quando o apresentador do comício anunciou que Cavaco Silva ia falar. E num repente a senhora recuperou os sentidos, levantou-se e desatou a correr para o meio da assistência para não perder pitada do discurso do presidente do PSD.

• Uma simpatizante do PSD, de bandeirinha na mão, dirigia-se para o comício de Santarém quando foi objecto de uma curiosa abordagem por um militante da JSD. Equipado com toda a parafernalia da praxe, o jovem muito educado perguntou: «A senhora comprou essa bandeira». Um pouco receosa, ela respondeu: «Não, já é do ano passado». Só aí veio a explicação do jovem: «É que andam aí uns individuos que não são do partido a vendê-las, mas muito mais caras». Em Santarém o PSD é negócio, as bandeiras piratas valem mil escudos, enquanto o preço da tabela dos sociais-democratas é de 500.

• A passagem da caravana do CDS pelo distrito de Aveiro marcou o aparecimento dos «palhinhas», utilizados pela primeira vez pelos apoiantes de Freitas do Amaral na campanha presidencial de 1986. Os «palhinhas» do CDU são de um branco transparente e apresentam autocolantes rectângulares em fundo azul, com três emblemas do CDS e palavras de ordem como «voto para a maioria».

• Maria José Constâncio surgiu ontem na comitiva socialista com um novo penteado. «Este novo visual faz parte da nossa nova dinâmica», comentou Maria José para os jornalistas que no momento falavam sobre a nova força que a campanha de Constâncio exibia.

• No comício da Amadora, Vítor Constâncio frisou que a 19 de Julho os portugueses «vão escolher entre dois caminhos». Na assistência estava um homem já de idade que comentou: «Eu bem que voto, mas escolhem sempre o caminho por mim».

• O carro blindado parou, as duas freiras atravessaram a rua a correr e Cavaco Silva saiu mesmo da viatura para as cumprimentar, com uma festinha na cara de cada uma delas. Aconteceu em Montalvo, perto de Abrantes, onde está instalada uma congregação de freiras clarissas. Algumas mulheres da terra vitoriaram, na altura, o primeiro-ministro, e as duas clarissas, tímidas, com um sorriso nos lábios, esperaram ansiosamente a sua vez de serem cumprimentadas por Cavaco. Depois da festinha carinhosa de Cavaco, as duas afirmaram à agência «Lusa» que vão votar «no senhor professor Cavaco Silva». E não são só elas, porque «aqui somos dez irmãs e vão todas votar no Cavaco», sublinharam. Quanto ao CDS, «também é um bom partido», concluiram com um sorriso luminoso. Cavaco seguiu rapidamente. As duas clarissas voltaram a passo para o Convento.

CAVACO VISITOU DISTRITO BARÓMETRO

PSD

Ontem à noite, em Santarém, Cavaco Silva iniciou o discurso fazendo a reportagem do seu próprio comício: «Olhando à minha frente para a direita e para a esquerda, interrogo-me como vai ser amanhã descrito este comício. Eu só encontro uma palavra para o definir - espantoso».

No largo que é do Seminário - um belo edifício com a sobriedade própria da arquitectura setecentista -, o líder do PSD não se esqueceu por um momento que falava num distrito que é um autêntico barómetro eleitoral. Com efeito, ali, as percentagens de votação dos vários partidos aproximam-se muito das que cada um deles obtem a nível do país. Apenas o PRD constitui uma excepção, visto ter apurado mais de 23% dos sufrágios, contra uma média nacional que rasa os 18%. Mas para este fenómeno há uma explicação: os renovadores têm em Santarém as raízes da sua curta história. O partido «nasceu» no concelho de Abrantes, mais precisamente em S.Miguel do Rio Torto, além de que uma das suas figuras emblemáticas, Hermínio Martinho, também é natural da região.

Quanto ao PSD verifica-se uma assinalável evolução desde as primeiras eleições, em 1976. Nessa altura, os sociais-democratas não conseguiram ultrapassar uma percentagem que ficava a quase seis pontos da média obtida no resto do País. Hoje, essa diferença foi reduzida para dois pontos.

É esta recuperação que Cavaco pretende ver continuada, certo de que isso se traduzirá em acréscimos significativos ao longo do País.

Da linguagem do comício...

Talvez por isso tenha decidido aplicar no seu discurso de ontem à noite doses redobradas de confiança. O tom patriótico do «havemos de conseguir» e de «os portugueses que são capazes» ganhou mais força e foi mais além noutras expressões: «os portugueses que ajudaram a enriquecer outras nações vão dedicar-se agora a enriquecer Portugal», «vamos afastar definitivmente as palavras pobreza e miséria», «granjeámos o respeito de outros países pelos resultados destes dezoito meses. O mérito é dos portugueses.»

Esta aposta nas capacidades das pessoas é altamente mobilizadora.

Cavaco ocupa cada vez menos tempo a falar no derrube do seu Governo e à oposição apenas dedica as frases necessárias para enfatisar a sua «incapacidade» de forjar um projecto «coeso, coerente e com credibilidade externa». Não nomeia nunca qualquer partido, não faz ataque pessoais e profere palavras amáveis para os que «nunca votaram em nós».

Parece desenhar-se agora uma outra evolução no conteúdo do seu discurso: depois de uma semana em que fundamentou o voto no seu partido em razões de necessidade histórica, tenta agora apresentar o PSD como a força política que é o paradígma da «maneira de ser do povo português», aquela que com ele tem a «mais profunda identificação de raiz cultural». Como explica Cavaco Silva isto? Pelo natureza interclassista do PSD - «O PSD alberga todas as classes»; e pelo seu posicionamento ideológico de partido do centro - «recuso todo o tipo de extremismo e radicalismos porque somos um país de gente moderada».

... Ao tom coloquial

Mas se esta foi a linguagem do comício da noite, durante o dia o líder social-democrata usou outro tom, de resto, mais de acordo com o abandono das cores frias da indumentárias.

Com uma camisa de seda alaranjada, Cavaco percorreu o centro noroeste do distrito de Santarém parando em Abrantes, Entroncamento, Torres Novas e Alcanena. Destaque para o comício em Abrantes com muita gente a juntar-se na Praça Barão da Batalha, apesar das 11.30 da manhã. A sensação era a da presença de muitos eleitores indecisos que vão ouvir, no sentido de se esclarecerem. Gente que se distingue pela ausência de autocolantes ao peito, ar sério, braços cruzados e que geralmente se coloca no anel periférico da concentração. Foi a esses que Cavaco se dirigiu. Aliás, ele já havia confessado aos jornalistas que nos comícios não fala para as primeiras linhas. «Esses já estão convencidos», disse.

Em tom coloquial, simples, directo, debitou-lhes a «lógica» que tem vindo a desenvolver ao longo da campanha. Depois falou-lhes dos problemas concretos: da indústria, da agricultura, da poluição do Alviela «que está a ser resolvida pelo meu Governo».

Afirma-se homem de consensos e exemplifica com a concertação social; promete prioridade para «os mais desfavorecidos» e recorda a diminuição do número dos trabalhadores com salários em atraso, o aumento das pensões e do poder de compra dos salários; desafia todas as dúvidas ao afirmar inquestionáveis confianças.

Que efeitos terá este discurso sobre um eleitorado que o passado próximo mostrou aberto a todas as seduções?

Distrito de contrastes

Em Santarém há muitos eleitores para conquistar pois é um distrito onde é enorme a flutuação do voto.

A distribuição dos doze mandatos de deputados é relativamente dispersa — 4 (PSD), 3 (PRD), 2 (PS), 2 (APU), 1 (CDS), mas a maioria que os sociais-democratas obtiveram nas últimas legislativas não teve correspondência nas autárquicas. A este nível, é de notar o predomínio dos socialistas que detêm nove presidências de Câmara, contra seis do PSD, cinco da APU e uma do PRD.

Assim não é de estranhar a existência de uma edilidade PS num concelho em que o PSD é largamente maioritário; ou de uma Câmara, também socialista, numa região em que a força do voto nas legislativas foi conseguida pelo PRD; ou, finalmente, a penetração dos renovadores em zonas onde dominavam de há muito os sociais-democratas. Estão nestes casos, respectivamente, Alcanena, Abrantes e Torres Novas.

Como atrás se disse, Cavaco andou em todas elas, mas foi também «desviado» para uma paragem «forçada» na Barquinha devido à astúcia do presidente da Câmara local que pôs o sinal de proibido na estrada para obrigar a caravana a passar por lá.

Santarém é um distrito de contrastes e talvez isso explique a sua disponibilidade para a mudança de voto. Nele coexistem grandes herdades privadas e a reforma agrária, a pequena e média indústria e empresa onde o investimento tecnológico já atingiu o milhão de contos; a população operária e os trabalhadores de serviços, é dormitório de Lisboa e, simultaneamente, reduto de marialvas. Santarém é, apesar dos altos contrastes, um distrito rico de produtividade que no entanto não se vê traduzida em sinais exteriores. As estradas são péssimas, as habitações feias, a capital não tem um único hotel digno desse nome.

Cavaco por lá andou num percurso calmo com o cabeça de lista, Mira Amaral, entre outros, mas sem a presença da mulher que apenas se lhe juntou para o comício da noite. Maria Cavaco Silva cumpriu em Lisboa o dia normal de uma professora em período de exames.

Mindericos

Santarém até pode dar-se ao luxo de ter a sua pequena «ilha autonómica». É Minde, freguesia do concelho de Alcanena, um autêntico enclave com personalidade própria traduzida em dialecto e cultura. E até na produção eles são diferentes. O resto do concelho vive da indústria dos cortumes, eles apostam nos têxteis. Mindericos, eis como se chamam os seus habitantes. São contraditórios. Sociais-democratas ferrenhos, eles entregam de mão beijada a Câmara ao PS. É que só votam PSD nas autarquias se o partido escolher o edil entre os seus. Mas as outras freguesias, receosas dos devaneios hegemónicos dos mindericos, não vão nisso. O PS continua, assim, a beneficiar do orgulho teimoso de Minde.

Do riso e da mentira

CDU

«O pior dos dias é aquele em que não tivemos a oportunidade de rir», considerou há duzentos anos o francês Chamfort. Na mesma onda, Baptista-Bastos(com **p e hífen** para não ter que o ouvir...) lembrou a noite passada, no espaço-terraço CDU do Centro Vitória, na Avenida da Liberdade, outro ilustre gaulês, o enciclopedista Diderot, e a sua definição de riso: «a voz humana em pleno vôo».

Estava o BB à conversa com Lia Gama no «Encontro de Amigos» no belo e arejado espaço do último piso do Vitória. Falavam do teatro, da política, da vida. BB numa das suas tiradas geniais: « a Lia é «funcionária da vida». Falaram de tudo, pois. A Lia a contar dos 48 contos por mês que ganha um actor do teatro independente. «Ganho para a comida e para o passe social...», disse, para lembrar(em tempo também de campanha eleitoral europeia) que uma actriz do paíz vizinho que representou, tal como ela, há um ano em Madrid, o mesmo personagem de «As Bodas de Sangue» recebia mensalmente 700 mil pesetas!...

EPC

Claro que estas e outras coisas do teatro independente(ainda Lia Gama: «tão independente, tão independente, que até depende da SEC») não foram matéria para riso. O riso veio sobretudo no fim. Já a grande actriz explicara porque foi o 25 de Abril, apesar de tudo, a «coisa mais bonita» que lhe aconteceu, porque adora Gorbachov, «Deus que o marcou, alguma coisa lhe encontrou...», porque apoia a CDU, «desde que aprendi a estar viva, aprendi a estar do lado dos carenciados», porque tem saudades do Vasco Morgado, «ele investia no Teatro, e hoje só se investe no futebol...», porque gosta da poesia de Cesariny e de Herberto Helder, e porque não representa um autor português há mais de oito anos.

Atrapalhou-se o BB, mas informou que está a escrever uma peça. E perguntou-lhe pelos políticos. E Lia Gama sempre de resposta afiada. De Cunhal com «ternura e afecto», de Constâncio «o Vitinho», de Eanes o «bonzinho», de Adriano Moreira: «não conheço». E Cavaco? «Que horror, canastrão, tem uma cassette na cabeça, pisca os olhos, não olha direito para ninguém..» Depois, e já não sei a que propósito, falou-se de alguns intelectuais e, claro, de Eduardo Prado Coelho. E o riso estalou mais forte e impiedoso. «Tem umas certas evanescências gramaticais», considerou BB que recordou ainda a «boca» implacável de Manuel da Fonseca (a propósito das acrobacias político-ideológocas de EPC): é um «texugo dialéctico». Lia não foi menos cruel: é uma «almôndega peluda», é um «girino».

Faltam 700 mil casas

Durante a tarde, antes, portanto, da passagem pelo terraço do Vitória(com encontros já marcados para os dias 10 e 14 com Maria Guinot e Carlos Mendes, respectivamente), reuníu-se uma vasta equipa de candidatos e quadros do da CDU com os jornalistas.Tema: as propostas da coligação sobre habitação.

Carlos Costa, Anselmo Aníbal, Herculano Pombo(de «Os Verdes»), Cunha e Serra(da Intervenção Democrática), João Amaral, Maria da Luz Afonso e Jose´Godinho, presidente da Associação de Inquilinos, apresentaram as propostas e mantiveram um vivo diálogo com os jornalistas.

Falou-se do défice habitacional do país(mais de 700 mil casas), dos novos arrendamentos e da actualização dos antigos, «incompatíveis com os rendimentos familiares da imensa maioria dos inquilinos», e da «evidência» de que o Poder Central do Estado e o Poder Local, depois de financeiramente dotado, «têm que ter um papel fundamental(actuando em múltiplos e conjugados domínios)na resolução dos problemas da habitação» dado tratar-se de um dos mais graves problemas sociais.

Foi lembrado, por Carlos Costa, que em 1980 a AD(com o PSD) prometia «uma casa para todos», que em 1985, em tempo de eleições, PSD(unido ao PS no Governo) «fez publicar nos jornais e no Diário da República que ia acabar com as barracas» e que, agora, em período eleitoral, o governo PSD «fez publicar nos jornais e também no Diário da República, uma vez mais, que vai acabar com as barracas». E foi dito ainda que, afinal, o Governo de Cavaco «desmantelou os serviços e organismos públicos de promoção de habitação social», aplicou a nova lei das rendas(agravando «brutalmente a situação dos inquilinos»), reduziu o subsídio de renda que abrangeu 13 mil e nos os 200 mil anunciados beneficiários e «propalou a colossoal mentira do «crédito jovem».

Coube a Anselmo Aníbal a exposição das medidas propostas pela CDU para solução do problema da habitação que, frisou, terá de constituír «uma prioridade para o governo democrático que se venha a formar após as eleições». Uma Lei-Quadro de Habitação Social, alteração do actual enquadramento legal do arrendamento urbano através, nomeadamente, da regulamentação da realização de obras de conservação e reparação do parque existente, alteração do regime do programa de reabilitação de imóveis degradados, aplicação real do subsídio de renda aos inquilinos, apoio às cooperativas, alteração do regime de crédito bonificado à aquisição de casa própria, maior rapidez nas escrituras, municipalização da política de solos, alteração das causas e condições de despejo, etc., foram algumas das ideias avançadas pelo deputado, vereador de Lisboa e candidato independente da CDU.

O exemplo europeu

José Godinho, a propósito da política do Governo de total prioridade à construção privada, lembrou que a generalidade dos países europeus resolveu, desde o fim da 2ª guerra mundial, o problema da habitação através de um profundo empenhamento do Estado. Contou que em 1975 foram construídos 20 mil fogos de habitação social e que nestes 18 meses de Cavaco o resultado é zero. Disse ainda haver 10 mil processos de despejo só em Lisboa. «E não há mais porque os tribunais andam devagar...», frisou.

Herculano Pombo sublinhou o esquecimento dos construtores privados em matéria de espaços verdes e de respeito dos solos agrícolas, para João Amaral defender que os construtores privados podem coexistir com o Estado numa política conjugada de habitação, social e não só.

Diamantino

Nova distribuição para os próximos dias do jornal de campanha da CDU por Lisboa. À cabeça a imagem e o apoio do magnífico internacional benfiquista, Diamantino, o tal que Constâncio considera superior(eu também) a Futre. Diamantino que numa entrevista ontem a Vítor Serpa, em «A Bola», fala das calúnias de que tem sido alvo e assume a sua frontalidade e a responsabilidade pelo que diz e faz («nem todos são assim e lá vão vivendo melhor...») para concluir: «o problema é que, não poucas vezes neste país em que vivemos, só quem diz as verdades é que é mentiroso».

Outros partidos

MDP à procura 'despolarizar a vida'

A cabeça de lista do MDP pelo círculo eleitoral de Setúbal, Helena Cidade Moura, defendeu ontem a eleição de deputados do partido por este distrito, porque, na sua opinião, «a vida está muito polrizada e é preciso pessoas tolerantes».

«Se há sítios onde é necessário eleger deputados do MDP é em Setúbal», disse a vice-presidente do MDP, salientado então que a vida está muito polarizada e que é preciso pessoas tolerantes que saibam fazer a ponte em diversas situações.

Helena Cidade Moura falava em Setúbal, num restaurante do parque do Bonfim para cerca de 20 professores de vários graus de ensino que debateram o tema «formação de professores». Na reunião de convívio participaram também os candidatos Francisco Nuno e João Pinhal além de Augusto Pascoal, da direcção da Federação Nacional de Professores.

Augusto Pascoal defendeu que «a formação de professores em exercício é fundamental face ao actual empobrecimento da dinâmica da escola» e a redução do modelo de formação de dois anos para um. Os candidatos do MDP foram recebidos ontem de manhã pelos conselhos directivos das escolas secundárias de S. Julião e preparatória do Bocage, na cidade do Sado, com quem trocaram impressões sobre a formação de professores.

Tomé foi à Cometna

Mário Tomé foi ontem à Amadora contactar com trabalhadores da Sorefame e Cometna, empresas de estruturas metálicas. O líder da UDP distribuiu então os manifestos do seu partido aos operários da zona, mantendo então animada discussão com um trabalhador da Sorefame que defendia as posições da CDU.

Reunindo à volta de si duas dezenas de pessoas, algumas das quais com autocolantes de diversos partidos, Mário Tomé tentou, apesar disso, apresentar a defesa dos pontos de vista do seu partido. «Há forças no Parlamento que defendem os trabalhadores», afirmou um operário da Sorefame, referindo-se ao PCP, ao que Tomé respondeu: «Se eles são assim, por que é que não defenderam Otelo ?»

O dirigente da UDP acrescentou que é preciso unir os trabalhadores e que as posições da CDU levarão a uma aliança entre o PS e o PRD, que quebrará a união necessária. «O que foi o PRD - perguntou - a não ser a muleta do Governo durante um ano e meio ?»

PPM defende Lisboa

O principal dirigente do PPM, Gonçalo Ribeiro Teles, disse ontem que Lisboa está a ficar igual «a muitas cidades da América do Sul», edificando em altura e demolindo habitações que datam do princípio do século.

O líder popular monárquico fez estas afirmações devido à situação de um prédio «arte nova» (um dos dois únicos existentes na capital) na Avenida da República, que se encontra degradado e que oe responsáveis do PPM consideram que, a menos que seja recuperado, será «habitado até ruir».

CAVACO FUGIU EM 1981

PS

Augusto Vilela

O comício do PS, ontem, em Vila Franca de Xira, que começou no recinto dos Bombeiros Voluntários, acabou em plena rua, na Praça Afonso de Albuquerque. Excedendo todas as expectativas, o recinto superlotou e muita gente ficou na rua. Falaram diversos oradores, entre os quais Jorge Campinos. Mas, lá dentro, o calor era insuportável. Edite Estrela, cada vez mais activa e mais militante, envia um «recado» a Vítor Constâncio numa folha de bloco, sugerindo-lhe mudassem de sítio porque ninguém aguentava. Quando chegou a sua vez de falar, o líder socialista tomou o microfone, mas para convidar as pessoas a continuarem o comício na rua.

Foi um alívio para todos. PS lucrou com esta transferência porque aos que estavam dentro do recinto dos Bombeiros juntaram-se os que se estavam na rua ou os curiosos que passavam. No palco das festas do Colete Encarnado, que ainda se encontrava montado na Praça, os jóvens, responsáveis pela organização do comício, em poucos minutos montaram o equipamento de som necessário para que Vítor Constâncio pudesse falar. Com toda a gente a respirar melhor o entusiasmo redobrou.

Demarcados dos socialistas, do outro lado da rua, algumas dezenas de apoiantes da CDU assistiam calmamente ao que se passava, sem comentários nem qualquer atitude de desagrado.

Cavaco «foge»

Na sua estrutura geral o discurso habitual de Constâncio não mudou em Vila Franca, mas os ataques a Cavaco Silva e ao PSD são cada vez mais fortes à medida que a campanha decorre.

Com um grupo numeroso de jóvens a servir de pano de fundo, e que o tinham obrigado a subir dois andares entre alas, Constâncio fez diversas referências ao seu entusiasmo, citando-os como «jóvens que acreditam que o PS vai vencer».

Por diversas vezes salientou que os socialistas combatem sobretudo o PSD, um partido que apresentou como portador de um projecto que visa retirar direitos aos portugueses e desenvolver um tipo de sociedade onde só alguns tenham lugar, em contraponto ao PS, que «quer um Portugal para todos».

As concepções do PSD sobre a privatização da segurança social tem sido um dos argumentos mais utilizados por Vítor Constâncio e um dos que mais efeito provoca junto das audiências que o têm escutado.

«Não queremos em Portugal condenado a ser uma reserva de mão de obra barata da Europa. Queremos um País rico, próspero, mas não queremos um País só para ricos».

Acusa também o Governo PSD de «não compreende que neste final do século XX, o nosso desenvolvimento passa pela educação, pela investigação, científica e pelo desenvolvimento tecnológico, e que por isso é necessário dar uma preparação à juventude».

Uma vez mais Constâncio apelou à concentração de votos no PS como única forma de criar uma alternativa de Governo, ao mesmo tempo que lembrava novamente que «não é por acaso que hoje todas as direitas existentes em Portugal se acolheram no PSD», e que elas nunca se enganam, sabem bem quem protege os seus interesses. Lembra que «essas direitas de Adriano Moreira, de Mota Amaral, de Alberto João Jardim haviam de condicionar um Governo do PSD e criar condições de instabilidade com o Parlamento e o com o Presidente da República.

Em suma, para Vítor Constâncio, «o projecto político do PSD é um projecto de ruptura social que quer a diminuição dos direitos do portugueses».

O facto novo no discurso do líder socialista são as referências cada vez mais insistentes ao passado de Cavaco Silva. Constâncio não se fica pelos 18 meses . Vai mais atrás. Afirma que não voltarão a fazer do PS « o sistemático salvador das situações de dificuldade criadas pelos outros», que não aceitam que se criem dificuldades no País como como o fez a AD, para depois ser chamado o PS a salvar a situação.

«Queremos responsabilizar Cavaco Silva que em 1980 desencadeou os ventos dessa crise financeira e que em 1981 fugiu do Governo com medo das responsabilidades, como agora fugiu de mim para o confronto democrático perante os portugueses sobre a situação portuguesa».

A recusa de Cavaco Silva em participar em debates públicos com Vítor Constâncio está a render ao líder socialista, embora este só agora comece a insistir nesta questão.

Nos bastidores da campanha, sobretudo entre os homens ligados às questões económicas, diz-se que Cavaco Silva, que durante quatro anos foi subordinado de Vítor Constâncio no Gabinete de Estudos do Banco de Portugal, teria muita dificuldade em defrontar o líder do PS e que a imagem do Governo poderia cair na vertical com um debate destes. Ou seja, que Cavaco Silva tem mesmo receio desse debate tão inisistentemente reclamado pelo seu adversário.

«Terceira volta das presidenciais» é outra expressão que começa também a serlembrada com mais frequência, de uma maneira mais ou menos explícita, como por exemplo quando Vítor Constâncio «apela á mobilização para que no dia 19 de Julho tenhamos uma grande vitória de esquerda como tivémos o ano passado nas presidenciais».

Nessa mesma linha se podem considerar as palavras de Campinos, também em Vila Franca de Xira, ao lembrar que a adesão de Portugal à Comunidade Europeia «foi obra de Mário Soares, de Vítor Constâncio e do PS», pelo que agora «é moral, natural, que seja Primeiro Ministro Vítor Constâncio e possa tirar todo o proveito disso em benefício de todos os portugueses e não como Cavaco Silva, em benefício de meia dúzia de privilegiados».

Campanha fortalece

Antes de Vila Franca de Xira, Vítor Constâncio tinha estado também na Amadora, outra zona de forte implantação do PC, onde teve com ele uma multidão e fez um mini-comício muito participado. Foram dois testes importantes e positivos para o líder socialista. Pelo meio ficavam ainda as visitas ao Centro de Profilaxia da Droga, Diário de Notícias, à sede da candidatura dos socialistas ao Parlamento Europeu, onde teve um encontro com Maria de Lurdes Pinatsilgo, um encontro no Largo do Rato com o presidente da Ordem dos Médicos, Machado Macedo, e um jantar com trabalhadores na Estufa Fria, onde estiveram presentes cerca de um milhar de pessoas.

O encontro com o presidente da Ordem dos Médicos verificou-se a pedido desta entidade, no âmbito de outras audiências com partidos políticos com representação parlamentar. Por diversas vezes Vítor Constâncio tem criticado a ineficácia dos serviços de saúde portugueses, mas tem, ao mesmo tempo, criticado o Governo por uma guerrilha «estéril» com a classe médica.

No final da reunião, tanto o candidato socialista como o presidente da ordem dos Médicos, Machado Macedo, disseram que os projectos do PS e da Ordem dos Médicos para a saúde «não são inconciliáveis», embora bastante diferentes, uma vez que o dos socialistas prevê uma maior participação do Estado e o da Ordem dos Médicos uma maior privatização. Vítor Constâncio manifestou a Machado Macedo o seu interesse em continuar essas conversações com a Ordem, independentemente dos resultados das eleições.

A campanha do PS conhece agora um novo ritmo, a participação é cada vez maior,os militantes socialistas vão acordando de uma letargia de alguns anos, manifestam entusiasmo crescente. Dia a dia o PS ganha a rua, torna-se mais ousado.

Pela primeira vez se houve falar abertamente não da «necessidade de vencer a direita» mas de vitória. Foi Jorge Campinos, ontem, em Vila Franca de Xira, que abriu a sua intervenção manifestando «total certeza de que no dia 19 de Julho o PS vencerá as eleições para a Assembleia da República e para o Parlamento Europeu».

«Vítor, Vitória», é uma palavra de ordem cada vez mais frequente na campanha de Constâncio».

Só vigorará depois de regulamentada

LEI DO SERVIÇO MILITAR JÁ FOI PUBLICADA

A Lei do Serviço Militar, aprovada pela Assembleia da República no dia 28 de Abril, foi hoje publicada no «Diário da República» mas apenas entrará em vigor com o respectivo diploma regulamentar, a ser aprovado no prazo máximo de 180 dias, segundo estabelece uma sua disposição transitória.

Com a entrada em vigor da presente lei será revogada a que se encontra em vigor desde 1968 e que se mostrava desadaptada das actuais realidades.

De acordo com o diploma agora publicado, o serviço militar abrange as seguintes situações: reserva de recrutamento, serviço efectivo, reserva de disponibilidade e licenciamento e reserva territorial. Por sua vez, o serviço efectivo prevê a prestação normal, a efectividade nos quadros permanentes, o regime de contrato e o serviço por convocação ou mobilização.

Com maior interesse para os jovens em geral são as questões do adiamento, que pode ser conseguido, no que se refere à incorporação, por haver um irmão a perestar serviço efectivo normal e enquanto tal durar, por motivo de doença prolongada devidamente comprovada, por frequência de cursos de aprendizagem, de estágio ou de formação, ou outras com enquadramento legal.

Quanto à isenção de serviço, ela poderá ser conseguida no caso de filhos ou irmãos de mortos em campanha e quando for reconhecido o estatuto de objector de consciência. Há exclusão temporária da prestação de serviço militar quano o cidadão está processado criminalmente, cumpre pena ou está sujeito a medidas que pela sua natureza sejam incompatíveis com a presença nas fileiras.

A duração do serviço efectivo normal fica igualmente consagrada nesta lei, passando para doze a quinze meses no caso do Exército e dezoito a vinte meses nos casos da Marinha e da Força Aérea.

Portugueses e espanhóis

Desceu número de imigrantes entrados em França desde 1986

O número de imigrantes portugueses e espanhóis chegado a França em 1986 diminuiu em relação ao ano anterior — afirma a revista publicada pelo Ministério dos Assuntos Sociais de França.

Segundo o Ministério, em 1986 entraram no país 27 100 imigrantes portugueses e espanhóis, contra 32 500 em 1985 e 30 600 no ano anterior. O número de imigrantes temporários, especialmente os que trabalham nas vindimas, também sofreu um recuo, concretamente de 5,3 por cento, ou seja, mais de oitenta mil pessoas.

Contudo, aumentou o índice de imigração de portugueses especializados na apanha de frutas e verduras.

No que respeita a outras nacionalidades — diz o ministério — desceu o número de imigrantes procedentes do Reino Unido, Itália, Alemanha Federal e Bélgica, aumentando ligeiramente os provenientes de Marrocos, Tunísia, Turquia, Jugoslávia, Estados Unidos e Polónia.

Paralelamente, comprovou-se uma melhoria na qualificação dos imigrantes e, segundo os dados oficiais, mais de um terço é pessoal técnico e outro terço operários ou trabalhadores especializados.

Por sectores económicos, dois terços dos imigrados trabalham no sector dos serviços, especialmente comércio e transportes.

Portugueses na RFA são quase 80 mil

A comunidade portuguesa na República Federal da Alemanha era, no fim do ano passado, de cerca de oitenta mil pessoas, segundo estatísticas oficiais divulgadas em Francoforte, o seu número exacto atingia as 78 198 pessoas.

O maior contingente era constituído pelos 32 106 portugueses a viver no Estado da Renânia do Norte-Vestfália, seguido pelo de 12 553 residentes no Baden-Wuerttemberg e pelos 10 473 do Hessen.

Do total de portugueses a viver na Alemanha Federal em 31 de Dezembro último, 35 609 eram trabalhadores assalariados, menos de metade dos qu em 1973 se encontravam nesse país.

Em Março último havia 3260 trabalhadores portugueses desempregados na RFA. Nos vários tipos de escolas havia 15 022 alunos portugueses matriculados no ano lectivo de 85/86.

Em 86, as remessas dos emigrantes para Portugal foram de 200 milhões de marcos (perto de 16 milhões de contos), menos do que nos anos anteriores.

As estatísticas indicam que 64 500 portugueses já estão a viver na Alemanha Federal há mais de oito anos.

Com destino à Mague, em Setúbal

Guindaste-gigante "engarrafa" trânsito

Dois componentes de um guindaste-gigante, destinados à fábrica Mague, em Mitrena, provocaram ontem à tarde um engarrafamento de trânsito em Setúbal.

Uma escolta da GNR acompanhou a circulação daquelas estruturas — com cerca de 20 metros de comprimento por dez de largura —, provenientes de uma empresa de Leça do Balio.

Para que o trajecto até à zona industrial fosse possível, tornou-se necessário arrancar sinais de trânsito — posteriormente recolocados — , nomeadamente na Avenida Luísa Todi, onde a morosidade na marcha dos componentes dos guindastes originou um «engarrafamento» que se prolongou durante cerca de uma hora.

Um responsável da Mague disse à Lusa que aquelas estruturas são componentes de um guindaste com destino ao Egipto, que está a ser montado na fábrica de Mitrena.

Julgamento dos "Comandos" vai ter sentença no próximo dia 20

PROMOTOR DE JUSTIÇA FEZ QUE DORMIA DURANTE AS ALEGAÇÕES DA DEFESA

Manuel Geraldo

O promotor de Justiça do 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), coronel Mário Cabedo, voltou a marcar negativamente o julgamento dos 20 ex-militares do Regimento dos Comandos da Amadora, acusados de em 31 de Julho de 1975 terem procurado afastar Jaime Neves da liderança da unidade, quando na sessão de ontem à tarde, numa atitude de declarada sobranceria e indiferença, fingiu estar a dormir durante as alegações da defesa.

Capitão Patrocínio, o mais graduado dos réus presentes em Santa Clara

Já antes, nas suas alegações, Mário Cabedo demonstrara a sua autoproclamada impreparação jurídica ao dar a entender que para condenar os réus (com excepção de Adamastor Pereira) nem sequer se teria tornado necessário fazer o julgamento, «pois estava tudo no processo». A defesa recordaria posteriormente ao promotor de Justiça que o processo a que ele se referia mais não era do que o libelo acusatório (resultante da instrução) e que só o julgamento poderia fazer prova da culpabilidade ou não dos réus. Quanto ao facto de Mário Cabedo ter pedido a absolvição de Adamastor Pereira, só por este haver prestado declarações nesta 2.ª volta do pleito, Levy Baptista lembrou que os outros réus estiveram no pleno direito de não o fazer já que tinham considerado que nada iriam acrescentar aos depoimentos efectuados no primeiro julgamento, em que todos foram absolvidos.

Ainda sobre Mário Cabedo, a defesa lamentaria a sua recusa em contar com a sua colaboração de um delegado do Ministério Público nomeado para o efeito, tal como é norma em tribunais militares (os próprios juízes militares são assessorados por um juiz civil, o juiz-auditor) e tal como aconteceu no primeiro julgamento com o promotor de Justiça, coronel Nuno Vilares Cepeda. Diria Levy Baptista: «Isto não vai com voluntarismos, dado que para se julgar em consciência é necessário dominar a técnica jurídica, sobretudo num processo tão volumoso e complexo como o que está em causa.»

«Um cadáver embalsamado»

Mas para a defesa o processo em julgamento no 2.º TMT é «um cadáver adiado» ou um «cadáver embalsamado», com tempo mais do que suficiente para ter sido solucionado logo após o despacho da Polícia Judiciária Militar (PJM) que, em princípios de 1981, considerou os factos ocorridos em 31 de Julho de 1975 no Regimento dos Comandos da Amadora como inseridos na vasta constelação de acontecimentos (o chamado «Verão Quente») que acabaram por desembocar no 25 de Novembro de 1975, pelo que lhes deveria ser aplicada a Lei da Amnistia deliberada e aprovada pela Assembleia da República em 1979. A defesa recordaria a propósito que, por exemplo no 11 de Março de 1975 e ao contrário do que aconteceu no Regimento dos Comandos, houve atentados contra a integridade física de várias pessoas (um soldado foi morto) e apesar de tudo os seus intervenientes foram amnistiados.

De reter outras frases da defesa, no decurso das suas alegações: «Aos tribunais não compete resolver problemas de carácter político, mas sim aplicar a lei e fazer justiça»; «O prazo de 12 anos que já decorreu entre os factos e a sentença, é incivil e pouco europeu»; e «Durante o julgamento ficou provado que não houve qualquer tipo de coação física por parte dos réus nem que os mesmos houvessem retido o comando da unidade, apenas tendo existido um hiato, ou seja um breve vazio de poder».

Levy Baptista aproveitaria ainda o período reservado às alegações para recordar um dos réus já falecidos, o 1.º sargento Branca, vitimado há meses por um ataque cardíaco, «face à angústia e ao sofrimento a que este longo, e desumano, processo, o expôs».

De referir que na bancada da defesa para além de Levy Baptista estão, entre outros, Loff Barreto, Jerónimo Martins, Martins Ascensão, Almiro Marques, João Godinho, Carvalho de Oliveira, Ricardo Sá Fernandes, Furtado dos Santos e Delgado Martins.

A leitura do acórdão ficou marcada para à tarde do próximo dia 20 (significativamente, ou talvez não, só após as eleições).

Taxista encontrado carbonizado dentro da viatura

Foi localizado ontem, na zona do Poiso, a cerca de 15 quilómetros do Funchal, dentro do seu táxi, completamente carbonizado, o taxista António Fernandes Ferro, de 52 anos de idade, que vinha sendo procurado desde o último sábado.

António Ferro fora chamado para um serviço na última sexta-feira, cerca das 22 horas, e nunca mais fora visto. A partir de sábado a polícia procurava localizá-lo, após ter sido alertada pelos familiares.

O falecido era casado e tinha quatro filhos. A polícia investiga as causas desta morte.

Presumível suicida não identificado

Continua por identificar o indivíduo que aparenta 30 anos e que se terá atirado da Ponte do Ribeiro Seco, no Funchal, na madrugada do último domingo.

As circunstâncias em que foi encontrado levam a supor de que se trata de um suicídio. Um colar que o mesmo possuia ao pescoço tem gravado numa chapa os nomes de Eleutério e Gorete, o que leva a supor aquele o primeiro nome deste jovem.

Septuagenário trucidado por comboio em Gaia

O nevoeiro poderá ter estado na origem da morte de um homem de 77 anos que, ontem de manhã, foi trucidado por um comboio na passagem de nível de Miramar, no concelho de Vila Nova de Gaia. Joaquim Ferredra Brandão foi colhido por um comboio directo que se dirigia do Porto para a estação de Santa Apolónia, em Lisboa, tendo o acidente provocado alguns atrasos na circulação ferroviária da Linha do Norte.

Desalojados pelo fogo de domingo

Pescadores de Albufeira vão ocupar casas do FFH

As 14 famílias desalojadas pelo incêndio que anteontem destruiu cerca de setenta barracas no Bairro dos Pescadores, em Albufeira, já se encontram alojadas em tendas de campanha devendo em breve ocupar casas, já em fase de acabamento, do Fundo de Fomento da Habitação.

A maioria das barracas destruídas serviam para os pescadores daquela vila algarvia guardarem os seus apretrechos de trabalho, tendo o fogo demorado cerca de seis horas a combater dada a existência no local de grande quantidade de gasolina e de garrafas de gás.

Vigias contra incêndios em florestas de Vila Real

A Direcção-Geral de Florestas (DGF) vai instalar postos de vigia para prevenção de incêndios nas localidades de Sevivas e Cravelas, respectivamente situadas nos concelhos de Vila Pouca de Aguiar e Vila Real. A DGF já tem em funcionamento 125 postos de vigia espalhados pelas zonas de maior risco, equipados com localizadores de incêndio e rádio.

A iniciativa, com encargos que rondam os 17 000 contos, visa proteger, segundo a DGF, as áreas florestais contra o flagelo dos fogos que nos últimos anos tem devastado as nossas florestas, especialmente na época de Verão.

Guarda Fiscal apreendeu 55 400 contos de droga

A Guarda Fiscal localizou e apreendeu no mês passado droga no valor de 55 400 contos, a qual ficou assim a constituir a «mercadoria» mais valiosa localizada nesse período pela força comandada pelo general Hugo dos Santos.

Em Junho a GF apreendeu igualmente viaturas no valor de 21 020 contos, material de som e imagem (9 200 contos) e ainda gado, vestuário, máquinas de jogo, géneros alimentícios, videogramas, relógios e cosméticos.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Cavalheiro — I

Com boa posição e formação oferece amizade... e algo mais.
Ora aqui está, senhores, o caso típico de um verdadeiro filho... d'algo.

Convívio

Vamo-nos conhecer, conversar, beber um copo. O que acontecer, acontecerá.
Se ela for abstémia pode pedir uma água mineral? Ou é obrigatória a técnica da aguardente para o peru?

Cavalheiro — II

Procura menina carinhosa e com um bom nível cultural.
Percebe-se. O que ele precisa mesmo é de levantar o nível.

Casal venha a Lisboa

Local recatado para algumas horas de repouso, 600 escudos.
Não é caro. Já lá dizia a minha avó: não há nada que pague o sossego.

Encontro

Listas por computador, a solução que resulta.
Queres encontro eficaz? Computa. Trabalho manual só para encontros de colegiais.

Artigos de pesca

Vendem-se. Garantidos.
Garantem os peixes? Convém-me, a mim que «não pesco nada».

Massagem

Viva e sonhe...
Exactamente. É urgente distinguir entre massagem e maçagem!

Massagem — II

Jovens colaboradoras femininas atendem cavalheiros.
Ó sinal dos tempos! Já é preciso distinguir entre colaboradoras femininas e colaboradoras masculinos!

Massagem — III

Ética sofisticada. Inesquecissível sucesso.
Percebo tudo. Só o que me engasga é aquilo da **ética.** *Será por vivermos uma época... frenética?*

Massagem — IV

Relax oriental e outras.
Socorro! A pouca vergonha até já promete o Nirvana! Serão influências da época eleitoral?

Cavalheiro — III

Deseja conhecer senhora com casa no Algarve.
Chamem-lhe trouxa...

Com a festa nas freguesias

LOURES COMEMORA 101 ANOS DA FORMAÇÃO DO CONCELHO

Decorrem em Loures até ao próximo dia dia 26 os festejos comemorativos dos 101 anos da formação do concelho que, por vontade própria da Câmara Municipal, terão como palco as 19 freguesias do terceiro maior concelho do país.

«Ao contrário do que é habitual, em que as comemorações se centravam na sede do concelho, este ano a Câmara decidiu distribuir as festas pelas Freguesias», declarou um responsável do Município, referindo-se aos festejos comemorativos dos 101 anos da formação do concelho.

Povoação antiga, já mencionada em meados do século XII, o concelho de Loures foi criado em 1886, quando foi extinto o concelho dos Olivais em que se incluia. As vissicitudes do desenvolvimento levaram a que hoje, com os seus 320 mil habitantes, Loures seja o terceiro maior concelho do país, daí resultante uma série de problemas, da habitação ao emprego, das estradas aos equipamentos sociais, que a Câmara tem vindo a tentar resolver.

Mas, como o ambiente é de festa, as comemorações decorrem ao som da música, acompanhadas pelas mais diversas iniciativas culturais.

Na sede do concelho estão previstas três exposições, entre 24 e 26 de Julho, uma da indústria local, em que se destacam a produção de vinho e de lacticínios, outra de artesanato, pretendendo retomar a tradição da Feira de Loures com lugar de destaque para a cestaria, objectos de madeira, flores e loiças da região, e uma mostra de artes plásticas, com obras de artistas do concelho. Num Município com três dimensões distintas -habitação, agricultura e indústria-, a tripla visão da realidade, da actividade económica à artística, passando pela história e tradição.

Espectáculos e «Volta da Juventude»

Iniciadas no passado sábado, as comemorações incluem as actuações dos grupos «Rádio Macau», no dia 12 na Pontinha e 18 em Bucelas, da «Go Graal Blues Band», dia 17 em Caneças, dos «Afonsinhos do Condado», dia 25 no jardim Municipal de Loures, de Janita Salomé, dia 11 em Moscavide, de Paulo de Carvalho, dia 10 na Póvoa de Santo Adrião e dia 26 no jardim Municipal de Loures, de Nana Sousa Dias, dia 18 em Odivelas e 25 em Loures, e de Jorge Palma, dia 17 em Moscavide.

Rui Veloso actuará dia 24 em Loures, os «Mler ife Dada» dia 18 em Sacavém, Sérgio Godinho, dia 10 em Sacavém, 11 em Santo António do Tojal e 18 em Camarate, Rão Kyao, dias 11 em Santo António dos Cavaleiros, 12 em Camarate e 17 no jardim Municipal de Loures.

O programa das comemorações inclui, ainda, prova desportivas como a «Volta da Juventude» em ciclismo e espectáculos de patinagem artística e atletismo.

Técnicos contra aterro do Vale do Forno

Em reunião de 30 de Junho, a Câmara Municipal de Loures aprovou o parecer técnico dos serviços sobre o projecto da Câmara de Lisboa de construção de um aterro sanitário em Vale do Forno, localidade confinante com o concelho de Loures, nomeadamente com as freguesias de Odivelas e Pontinha.

De acordo com o parecer dos técnicos da Câmara Municipal de Loures, alguns aspectos relacionados com o impacto ambiental e localização do referido aterro não foram devidamente acautelados, tal como o tratamento de efluentes que serão canalizados para a ribeira de Odivelas, que apresenta já elevados níveis de poluição. De igual modo, a plantação de uma cortina de árvores, contemplada no projecto, está atrasada.

Os serviços do Município de Loures mostram-se ainda preocupados com o tráfego de viaturas que irão despejar os detritos no aterro sanitário, que irá sobrecarregar a circulação do trânsito.

Segundo nota do gabinete de Imprensa da Câmara de Loures, a autarquia «ao aprovar o parecer dos serviços, de imediato o enviou ao Município de Lisboa para que este o tenha em consideração, solicitando ser consultado e acompanhar o processo, por forma a que Vale do Forno não se transforme numa nova «lixeira» de Beirolas».

A "guerra dos cartazes"

Câmara Municipal de Lisboa recorre da decisão do 4.º Juízo Cível

A Câmara de Lisboa recorreu da decisão que a condenou a abster-se de remover propaganda política, nomeadamente faixas, tarjetas ou cartazes afixados em locais considerados impróprios.

Nas suas alegações, apresentadas no quarto Juízo Cível de Lisboa, a autarquia reconhece que a liberdade de expressão é um direito, mas acrescenta que «não é, nem pode ser, um direito absoluto e ilimitado».

Segundo tal argumentação, «a pintura de inscrições ou colagens de cartazes em imóveis públicos ou particulares não será um meio normal e habitual de utilizar a liberdade de expressão constitucionalmente protegida».

No que respeita às tiras ou faixas de pano e cartazes sustentados por meio de estruturas metálicas tubulares, o Município esclarece no seu recurso apenas pretender evitar que as faixas fossem colocadas «quando sustentadas e apoiadas nas suas extremidades em postes de iluminação pública e, por isso, por razões de segurança».

Recorda-serque fora a pedido da CDU que o Tribunal recomendara à Câmara Municipal para se abster de retirar determinados tipos de propaganda eleitoral no que, em declarações então prestadas ao «DL» o mandatário distrital daquela força política, António Abreu, considerou como perseguição à CDU.

Por seu lado, a Comissão Nacional de Eleições alertara a 28 de Maio de que as autarquias não teriam competência para regulamentar o exercicio de liberdade de propaganda, ou para retirar propaganda, pedindo às forças políticas que se abstivessem de afixar cartazes ou de pintarem muros em locais proibidos.

Por fima CDU reconheceu o excesso de alguns dos seus activistas, nomeadamente no caso das pinturas dos muretes do terreiro do Paço que também conheceram a afixação de cartazes do CDS, comprometendo-se a remover as inscrições no fim da campanha, tendo para tal solicitado a ajuda técnica do Instituto Português do Património Cultural.

VAMOS ACERTAR O PASSO!

O **Imposto Complementar** e **Você** têm andado com o passo trocado. Nós demos os nossos passos, para que você possa agora acertar os seus, cumprindo mais facilmente a sua obrigação. Você poderá entregar a sua declaração sem as pressas e bichas do costume, desde que não se deixe ficar para o fim.

Novos postos de atendimento: Foram abertos cerca de 300 postos especiais de atendimento (informação e recepção de declarações):

- Nos Centros Comerciais Amoreiras (loja 1001) e Fonte Nova, em Lisboa e Brasília no Porto;
- Em cerca de 150 Juntas de Freguesia;
- No A.C.P. Automóvel Clube de Portugal — em todas as delegações;
- Em Associações, entidades diversas e empresas de grande dimensão;
- Numa carrinha instalada na Praça da Figueira e outras itinerantes, que percorrerão os principais centros de Lisboa e arredores.

Novos horários: Nos postos criados, horário prolongado até às 21 H, com excepção das carrinhas que funcionam das 10 às 20 H e também postos especiais de atendimento em algumas Repartições de Finanças, das 19 às 21 H.

Novas deduções: Informe-se dos novos limites estabelecidos, dos encargos aceites relativamente à habitação adquirida, construída ou beneficiada, das deduções relativas à compra ou subscrição de acções ou de Certificados de Fundos de Investimento, das despesas com a saúde não reembolsadas, com encargos sociais, seguros e despesas escolares dos filhos e dos respectivos documentos exigidos.

Benefício de desconto: Em Julho, o desconto de pagamento é de 4,5%, se efectuar logo a auto-liquidação.
Estando sujeito a Contribuição Industrial, a entrega da declaração é até ao dia 15 de Outubro.

SENHOR CONTRIBUINTE!
NÓS DEMOS OS NOSSOS PASSOS. DÊ AGORA VOCÊ OS SEUS.

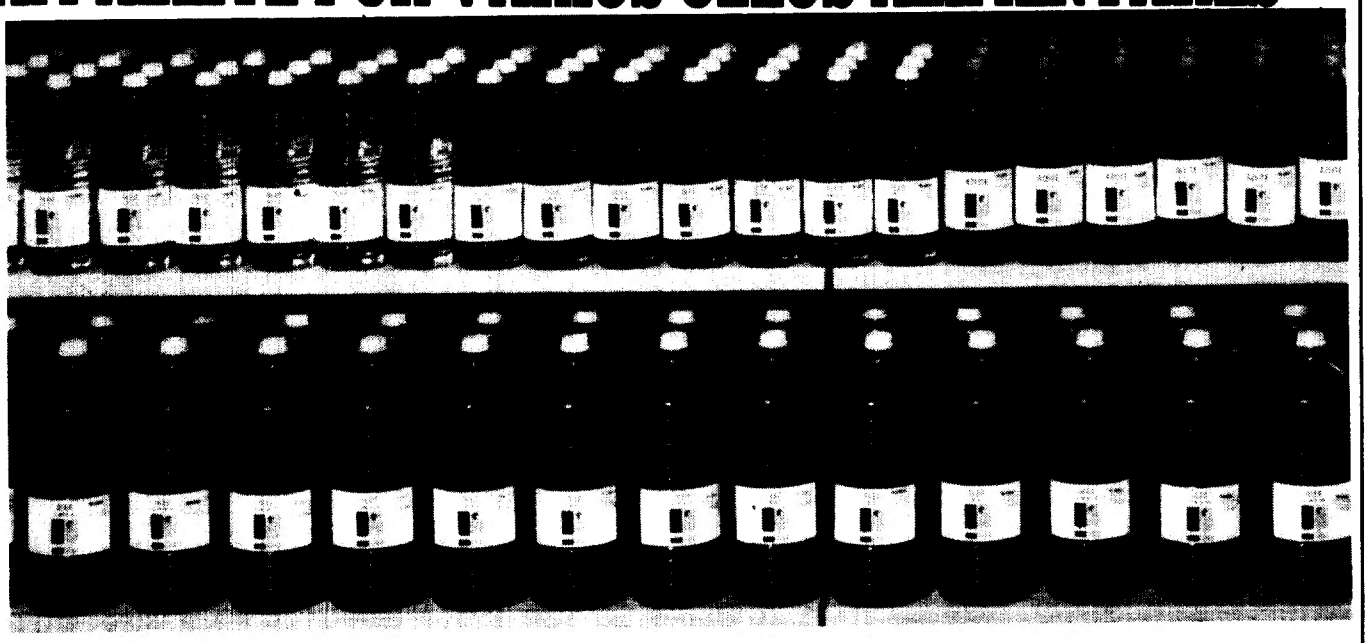
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

GMG

Nas últimas três décadas

PORTUGUESES TROCARAM AZEITE POR VÁRIOS ÓLEOS ALIMENTARES

José Gutierrez/Lusa



Desde há duas ou três décadas que os portugueses vêm deixando de consumir azeite na sua alimentação, preterindo-o a favor de outros óleos alimentares, enganados pela publicidade.

É verdade também que a medicina não reabilitou ainda o azeite, apontando-o como alternativa face à nocividade das gorduras alimentares saturadas. Pelo menos em Portugal continua a manter-se o silêncio.

Os nossos vizinhos espanhóis, pelo contrário, estão a todo o custo a reabilitar o azeite, levando essa sua «cruzada» a qualquer sítio onde haja uma representação agrícola ou alimentar espanhola. Foi o que aconteceu na Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, onde apresentaram larga bibliografia sobre o assunto.

«A mortalidade por doenças coronárias é a mais baixa do mundo nos países cujas populações utilizam, praticamente, como única gordura alimentar, o azeite» — diz o professor espanhol Grande Corvian num pequeno opúsculo editado pela Direcção-Geral de Política Alimentar, dependente do Ministério da Agricultura do país vizinho.

Acentua aquele professor que «a arteriosclerose é uma doença das artérias provocada por placas de lípidos que se depositam na parede vascular. Além do depósito de lípidos é frequente a precipitação simultânea de cálcio, que torna as artérias rígidas (por perda de elasticidade) e frágeis, passíveis de rotura que provoca trombose e embolia (arteriosclerose)».

«Uma dieta rica em azeite — refere aquele cientista — diminui a incidência de aterosclerose, arterioesclerose e, mesmo, o risco de as contrair».

Mas a brochura distribuída pela representação espanhola na Feira do Ribatejo assenta ainda na opinião de outros professores universitários, como é o caso de Carmena Rodrigues, que afirma que «o azeite não aumenta o nível de colesterol total no sangue. O consumo de dietas ricas em azeite associa-se a uma muito baixa mortalidade por enfarte de miocárdio».

Dieta com gorduras aumenta colesterol

Salienta aquela médica que «uma dieta rica em gorduras saturadas faz subir o colesterol. Pelo contrário, os ácidos insaturados, principais componentes do azeite, não têm influência significativa no índice de colesterol no sangue. Outra vantagem do azeite é a de activar a secreção biliar».

Por outro lado, diz ainda que «o azeite digere-se e absorve-se a um ritmo que pode considerar-se bom», além de que «o uso habitual do azeite nos defende das afecções epidérmicas», sendo também «o óleo vegetal que menos efeitos negativos apresenta para a saúde».

Por seu turno, outro médico espanhol, Garrido Lestache, refere que a composição da gordura do azeite «é a mais parecida com a do leite materno, que é um alimento por excelência» e a dietista Clara Maria Amezua vai ao ponto de dizer que ele (o azeite) «é a melhor gordura que se pode utilizar. É a mais pura, é como um sumo de fruta».

Afirma-se, de resto, que o ácido oleico, o maior componente do azeite, tem uma influência benéfica no crescimento dos ossos, para além de se saber que os diferentes ácidos gordos do azeite favorecem o desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso periférico.

«É, indubitavelmente — diz Lestache —, de entre os óleos alimentares, o que mais vitamina E contém. O seu conteúdo em gorduras hipossolúveis (A, D e K) completa o seu alto valor vitamínico, não ultrapassando o seu índice de ácidos gordos insaturados os limites recomendados, o que pode suceder com outros óleos alimentares vegetais».

A favor das frituras em azeite, pronunciou-se outro investigador espanhol, Gregório Varela, ao dizer que por «serem menos oleosos, os alimentos fritos em azeite têm menos calorias».

Não é, aliás, novidade para ninguém que o azeite virgem é um produto natural e que se produz utilizando apenas meios mecânicos e físicos, conservando, por isso, inalteráveis todos os seus componentes e as propriedades químicas biológicas e organolépticas da azeitona.

Óleos pouco recomendáveis

Pelo contrário, todos os óleos obtidos a partir de sementes conseguem-se por extracção com dissolventes e têm necessidade de rectificação para consumo limentar.

«Pelo facto de terem estado em contacto com dissolventes e de outros produtos que actuam como adjuvantes tecnológicos, utilizados nas várias fases de elaboração — diz Clara Amezua — não pode aplicar-se a nenhum deles a designação de produto natural».

Finalmente, o professor Blazquez recorda que, no mais antigo livro de cozinha que se conhece, já se recomendava o azeite e acrescenta que «pode consumir-se directamente, o que se não pode fazer com nenhum outro tipo de óleo vegetal».

Reforça o seu pensamento dizendo que o seu valor culinário supera o de todos os outros óleos. «É conhecida de toda a gente — diz — a supremacia do odor e do paladar do azeite na confecção de numerosos pitéus e nas saladas».

Mas, o que se verificou com os azeites, em favor dos restantes óleos vegetais, passou-se também com a manteiga em relação às margarinas. Um e outro foram sistematicamente «destruídos» pela publicidade, que desde há algumas décadas vem sobrevalorizando produtos mais novos e, afinal, de inferior qualidade.

PORTUGAL
NÃO PODE PARAR

COMÍCIOS
com
CAVACO SILVA

QUARTA/8

18.00 — Algés — Pç. de Touros
19.15 — Oeiras (F. Juventude)
20.30 — Cascais — Lg. em frente ao Hotel Baía
21.30 — Sintra — Lg. em frente ao Palácio Nacional

PSD

PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

Câmara Municipal do Concelho de Loures

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO NO EDIFÍCIO 17-8.° PISO LETRA G — CIDADE NOVA — SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.° 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de **15 dias** (desde 6 de Julho de 1987), para atribuição por venda de um fogo Tipo T4, sito no Edifício acima referenciado, pelo preço de 3 564 262$00... (três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil, duzentos e sessenta e dois escudos).

1 — O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
2 — Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional:

N.° de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
7	11 250$00	24 750$00
8	11 250$00	22 500$00

3 — O Programa do Concurso donde constarão todas as condições repeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 26 de Julho

O Vereador do Pelouro
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

☎ 9830012

Linguacoop

AVENIDA MANUEL DA MAIA, 46-1.° DT.°
(a Praça de Londres) • 1000 LISBOA
TELEFONES: 80 96 66 80 97 77 88 14 98

CURSOS DE VERÃO
— QUINZENAIS E MENSAIS —
JULHO • AGOSTO • SETEMBRO
INGLÊS • FRANCÊS • ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
EM SETEMBRO
INSCRIÇÕES PARA O ANO LECTIVO 87/88

CONSULTE AS NOSSAS TABELAS

VENDE-SE

Casa murada para habitação, de 5 assoalhadas, cozinha, casa de banho, cave e garagem. Terreno com árvores de fruto e vinha de 2300 m².

Situa-se em Martim Joanes, Cadaval, (56 km de Lisboa).

Trata o próprio no local ou através dos Telefs.: 89 77 44 / 76 49 47.

Financiados 60 projectos de jovens empresários

O Fundo de Apoio à Iniciativa de Jovens Empresários — (FAIJE) — deverá financiar, este ano, mais de 60 projectos destinados à dinamização do sector empresarial em Portugal.

O anúncio foi ontem feito no Porto pelo presidente da Associação Nacional dos Jovens Empresários, Barros Vale, que na ocasião acrescentou terem sido contemplados 14 projectos na região Norte do País, num montante de 200 mil contos, que no ano passado «se candidataram à criação de novas empresas ou à retoma de outras em situação económica precária».

Barros Vale salientou ainda que o fundo se destina «a apoiar projectos de jovens dos 18 aos 30 anos, preferencialmente os que se baseiam em ideias inovadoras e que contribuam para a valorização dos recursos regionais, através da utilização de novos métodos e tecnologias».

Este fundo, que reuniu este ano cerca de um milhão de contos, poderá ser também concedido a indivíduos com mais de 30 anos de idade, associados ou não a empresários já instalados, desde que a participação destes no capital social da empresa não ultrapasse os 30 por cento e seja integralmente realizada.

Segundo Barros Vale, o custo total do investimento de cada projecto aprovado é financiado em dez por cento pelos recursos próprios dos proponentes, 60 por cento através de empréstimo com juro bonificado concedido por uma instituição bancária, seis por cento por empréstimo sem juro, e um subsídio a fundo perdido que poderá atingir os 24 por cento.

Referindo-se a apoios técnicos, Barros Vale precisou que o Instituto de Emprego e Formação Profissional poderá assegurar a formação adequada em gestão de empresas a jovens sem formação específica.

PORTUGAL CONCEDE CRÉDITO A ANGOLA NO VALOR DE 150 MILHÕES DE DÓLARES

Angola beneficiará de uma linha de crédito concedida por Portugal, num valor global de 150 milhões de dólares - cerca de 21,75 milhões de contos - durante um período temporal superior a dez anos.

A concessão do crédito foi ontem anunciada em Luanda, na sequência dos trabalhos da III Reunião da Comissão Mista Luso-Angolana que ontem terminou com a assinatura de diversos protocolos no domínio da ajuda financeira, da energia, ensino, cultura e comércio externo.

A linha de crédito prevista estabelece a atribuição, numa primeira fase, de pequenas verbas para resolução de compromissos imediatos, nomeadamente pagamentos a empresas portuguesas a trabalhar ao serviço do Governo angolano, sendo a médio prazo concedida uma linha de crédito de dez milhões de dólares.

O crédito total envolvido prevê, numa perspectiva de longo prazo, o financiamento de projectos de alto vulto como é o caso da reconstrução da barragem de Lomaum, em Benguela, bem como o incremento das relações comerciais entre os dois países, sobretudo na área de produção alimentar.

Corredor da Beira

A Comissão Europeia anunciou, em Bruxelas, que participará com 40 milhões de ECU, cerca de 6,48 milhões de contos, na recuperação do corredor da Beira, em Moçambique.

Essa participação, a última de ajudas não reembolsáveis, será efectuada através do Fundo Europeu de Desenvolvimento — (FED) — durante o período que vai de 1987 a 1990.

Segundo a Comissão Europeia, a participação da Comunidade Europeia, como um todo, e de alguns dos seus países membros — Holanda, Dinamarca e Itália — ascenderá a quase metade do custo total do projecto, estimado em 180 milhões de ECU.

Entre os doadores, de acordo com aquela instituição comunitária, figuram ainda os Estados Unidos, os outros países escandinavos, o Banco Africano de Desenvolvimento e o Banco Mundial, não se incluindo Portugal, embora numa das duas conferências organizadas para o efeito em 1986 tivesse manifestado a sua intenção de participar.

A participação da Comunidade Europeia na recuperação do corredor incidirá; sobretudo, na reconstrução e aumento de capacidade do porto da Beira, a qual deverá passar, no termo dos trabalhos, dos actuais 1,7 milhões para 3 a 3,5 milhões de toneladas por ano.

Para além da região central de Moçambique, o Zimbabwe será o principal utilizador do porto da Beira, podendo igualmente o Malawi, a Zâmbia e o Botswana vir a usufruir das infra-estruturas em recuperação e construção.

O projecto de recuperação do corredor da Beira visa contribuir para o desbloqueio das economias como as do Zimbabwe e do Malawi, hoje em dia quase totalmente dependentes da África do Sul na colocação das suas exportações.

O comércio exterior daqueles dois países, que outrora encontrava um escoamento natural via corredor da Beira, é agora, impedido de o fazer, devido à falta de segurança no país, motivada pela actuação de grupos armados, estando dependente, respectivamente, em 80 e 90 por cento dos itinerários e mercados sul-africanos.

De acordo com a definição do projecto, a recuperação do corredor da Beira justifica-se, para além do mais, pelo facto de eventuais sanções contra a África do Sul poderem vir a tornar ainda mais crítica a situação daqueles dois países.

OPEP com Cabo Verde

O Fundo da OPEP acaba de conceder um empréstimo de um milhão de dólares para apoio à balança de pagamentos da República de Cabo Verde, conforme revelaram, ontem, fontes daquela organização.

O Fundo da OPEP para o desenvolvimento internacional informou igualmente que este empréstimo será utilizado na importação de bens de investimento; peças acessórias para a produção agrícola e industrial, bem como de produtos alimentares e outros bens essenciais de consumo.

O empréstimo, o oitavo atribuído pelo Fundo da OPEP a Cabo Verde, é concedido por oito anos ao juro anual de 3,5 por cento, elevando o total emprestado a 9,55 milhões de dólares.

Os sete precedentes foram um empréstimo para um projecto de telecomunicações e os outros seis de apoio à balança de pagamentos. Além dessas linhas de crédito, Cabo Verde já beneficiou de um donativo do Fundo no montante de 500 000 dólares, destinado a um programa de abastecimento de água em zona rural, que teve igualmente o financiamento da UNICEF.

Um segundo donativo, de um milhão de dólares, foi destinado à cobertura da subscrição caboverdiana no capital do Fundo Comum das Matérias-Primas.

Mercado esgota OPV e subscrição

Cinco minutos e dez lances foi quanto bastou para se esgotarem as 300 mil acções da Transinsular - Transportes Marítimos Insulares - ontem colocadas por Oferta Pública de Venda em sessão especial da Bolsa de Valores de Lisboa.

Num ápice, os diversos lances de acções foram despachando os títulos à venda e a operação pouco durou, tendo proporcionado um rendimento de 939 202,5 contos, em que o IPE - Investimentos e Participações do Estado - e o próprio Estado alienaram cerca de um terço do total.

O mesmo sucedeu às 235 mil acções da empresa Macedo e Coelho, indústrias alimentares e comércio, SA, cuja subscrição pública estava prevista para durar três dias.

O preço de cada uma dessas acções, de valor nominal de mil escudos, foram transaccionadas a 2 300 escudos e esgotaram logo ao primeiro dia.

A escassa oferta de títulos que os analistas consideram ser responsável pela tendência altista dos mercados secundários, vai receber um novo contributo para ser atenuada. Desta vez, será o caso da Mague que vai proceder a Oferta Pública de Venda de 300 mil acções cujos titulares beneficiarão da atribuição de três acções em cada cinco adquiridas, na sequência da decisão da Assembleia Geral da quela empresa de aumentar o seu capital social de 2,5 para 4 milhões de contos.

Sorefame aumenta capital para 10 milhões

Os accionistas da Sorefame decidiram onte, em Assembleia Geral Especial autorizar a administração da empresa a elevar, por um prazo não superior a cinco anos e por uma ou mais fases, o capital social de 3,5 até 10 milhões de contos.

As decisões tomadas dever-se-ão à reestruturação financeira da empresa e à concretização das acções previstas pelo IPE, tendo sido adiada a deliberação relativamente à emissão de títulos de participação, conforme estava estabelecido na convocatória da assembleia.

Ibéria e Lufhtansa juntas nos voos 'charter'

A companhia de aviação espanhola Iberia decidiu, depois de um ano de conversações, fundar uma sociedade de voos charter com a transportadora aérea alemã-federal Lufhtansa, — noticiou no domingo passado o semanário alemão «Der Spiegel».

Das 100 acções da nova companhia, a Iberia detém metade, a Lufhtansa 48 e as outras duas ficarão em poder de um banco espanhol.

A nova empresa, que ainda não tem nome, mas cuja sede social funcionará em Palma de Maiorca, começará a operar em 1988 com quatro «Boeing 737» alugados em regime de aluguer com opção de compra, geralmente denominado de «leasing».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$00	51$00
ALEMANHA FED. (marco)	77$20	78$40
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$95
BÉLGICA (franco)	3$525	3$775
BRASIL (cruzado)	2$100	3$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107$10	109$60
(notas de 5 a 1000)	107$60	110$10
DINAMARCA (coroa)	20$35	20$75
ESPANHA (peseta)	1$089	1$209
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	142$35	145$85
(notas de 5 a 1000)	142$85	146$75
FINLÂNDIA (marka)	31$85	32$45
FRANÇA (franco)	23$20	23$90
HOLANDA (florim)	68$60	69$70
IRLANDA (libra)	207$95	211$95
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$911	$966
NORUEGA (coroa)	21$15	21$65
REINO UNIDO (libra)	230$60	235$20
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	92$70	94$20
VENEZUELA (bolívar)	4$20	5$20

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

DONA
JOSEFA DE BARROS MENDES BARATA
Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

OS COLABORADORES DA AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA, com o mais profundo pesar, participam o falecimento da sua grande Amiga e Mãe do seu Director Sr. António Barros Mendes Barata.

O seu corpo encontra-se em Câmara-Ardente na sede da Agência Barata, Rua Saraiva de Carvalho, 194-202, donde sairá amanhã pelas 10 horas para o Corpo da Igreja de Santo Condestável, onde às 10,15 horas será celebrada missa de corpo presente, realizando-se em seguida o funeral para o seu Jazigo no Cemitério dos Prazeres.

DONA
JOSEFA DE BARROS MENDES BARATA
Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

A AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da sua saudosa Sócia e Viúva do Fundador Sr. Comendador Gastão Mendes Barata.

O seu corpo encontra-se em Câmara-Ardente na sua sede, Rua Saraiva de Carvalho, 194-202, donde sairá amanhã pelas 10 horas, para o Corpo da Igreja de Santo Condestável, onde às 10,15 horas será celebrada missa de corpo presente, realizando-se em seguida o funeral para o seu Jazigo no Cemitério dos Prazeres.

Jovens haitianos manifestaram-se ontem nas ruas de Port-Au-Prince, assinalando o recomeço da greve geral que nos últimos dias tem paralizado o país. Na passada semana, as Forças Armadas mataram 24 pessoas em confrontos de rua, o que levou os membros da Comissão Provisória de Eleições a suspenderem as conversações com a junta governamental

Cerca de 40 milhões de brasileiros vão beneficiar com o «programa de acçao governamental» brasileiro, que será implantado dentro de 10 dias, disse o ministro do Planeamento, Aníbal Teixeira. Segundo este, o programa consiste na sistematização de todos os sectores de acção do Governo federal, abrangendo a energia eléctrica, transportes, comunicações, indústria de base, siderurgia, papel e celulose, estabelecendo metas quantitativas e fontes de recursos para a sua concretização. Aníbal Teixeira disse que enre os 40 milhões de brasileiros beneficiados encontram-se 11 milhões de vítimas da seca nordestina, 4,5 milhões de «boias-frias» (trabalhadores rurais migrantes), 6 milhões de lavradores sem terra, menores e 4,5 milhões de idodos, cujo rendimento é inferior a metade do salário mínimo (ou seja o equivalente a cerca de 3.480 escudos).

O presidente da Alemanha Federal, Richar acompanhado pelo seu homólogo soviético, Andrei Gr à guarda de honra no aeroporto de Moscovo. Weizsa URSS para uma visita oficial de seis dias, a primeira presidente da RFA aquele país

SIDA: a vacina aparecerá

A variabilidade do vírus da Sida não impedirá o desenvolvimento de uma vacina, dado haver partes muito estáveis dos seus genes, disse o investigador francês Luc Montagnier. O investigador, que descobriu o vírus da Sida, falava sobre «os vírus da Sida-variabilidade genética», no âmbito da conferência internacional que, sobre a doença, se realiza na Universidade Internacional Menendez Pelayo (UIMP), da cidade espanhola de Santander. Montagnier assegurou que, na actualidade, há consenso na deifinição de dois vírus que provocam a Sida, o VIH1 e VIH2, o que foi reconhecido pelo grupo de trabalho da Organização Mundial de Saúde (OMS) que recentemente se reuniu. Entretanto o ministro espanhol da Saúde revelou que se registaram 508 casos de síndroma de imunodeficiência adquirida no país até fim de Junho, mais 151 do que em Março. Todavia, o ministro salientou que apesar da grande rapidez no crescimento da incidência da Sida em números absolutos, está agora a começar uma fase de desaceleração.

CAÇAS DOS EUA INICIAM OPERAÇÕES DE ESCOLTA NO GOLFO PÉRSICO

Caças da Armada dos Estados Unidos começaram já a escoltar navios de guerra e comerciais norte-americanos que entram e saiem do Golfo Pérsico, anunciaram ontem fontes do Pentágono. A situação no Golfo está, por outro lado, a ser debatida em Genebra, onde peritos norte-americanos e soviéticos se reuniram para discutir a escalada militar e o aumento de tensão na região.

O Pentágono referiu que a primeira missão de cobertura dos caças contra eventuais ataques aéreos se realizou no sábado, quando três navios de guerra dos Estados Unidos, entre os quais a danificada fragara «Stark», atingida em Maio por mísseis disparados por um caça iraquino, deixaram o Golfo pelo estreito de Ormuz.

Um funcionário do Pentágono acrescentou que estas operações de escolta não têm um «carácter provocatório» e que «pretendem apenas demonstrar a nossa capacidade para cobrir o estreito de Ormuz com caças e aviões de vigilância».

Peritos norte-americanos e soviéticos reuniram-se, entretanto, em Genebra para discutir a escalada militar e o aumento de tensão no Golfo Pérsico, segundo disseram fontes oficiais.

Richard Murphy, subsecretário de Estado dos EUA, e Vladimir Plyakov, chefe do departamento do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros que se ocupa das questões do Leste, estiveram ontem reunidos na missão diplomática da URSS em Genebra, continuando hoje o debate na missão norte-americana.

Um comunicado soviético, divulgado na sexta-feira, apelava à retirada do Golfo dos navios de guerra de todos os países, referindo que os seus prórpios navios ali se encontravam a pedido dos Esatados da região.

Numa primeira resposta a este apelo, os Estados Unidos referiram que estavam dispostos a abandonar o Golfo se a URSS fizesse o mesmo e se fosse alcançado um cessar-fogo entre o Irão e o Iraque, em guerra há sete anos.

Walters em Damasco

O enviado especial norte-americano Vernon Walters chegou ontem à Síria para conversações com o presidente Hafez Al-Assad destinadas a melhorar as relações bilaterais, disseram fontes oficiais em Damasco. As mesmas fontes escusaram-se todavia a divulgar a data do encontro do presidnete sírio com o representante dos Estados Unidos na ONU.

Os EUA não têm embaixador em Damasco desde Outubro último, data em que

PORTUGAL
NÃO PODE PARAR
TEMPO DE ANTENA
NA RTP
Parlamento Europeu
Hoje, após a Telenovela
PSD
PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

Polícia em estado de alerta

Extremistas sikh matam 38 hindus no Punjab

Pelo menos 38 hindus foram mortos numa ataque a um autocarro ontem perpretado por guerrilheiros sikh no Estado indiano do Punjab.

Uma fonte da polícia anunciou que cinco atiradores sikh forçaram o autocarro, com 60 passageiros a bordo, a parar, tendo obrigado os passageiros a descer do véiculo.

Rajadas de metralhadora disparadas pelos sikh vitimaram 38 dos passgeiros, entre os quais 11 mulheres e três criancas. A agência noticiosa indiana PTI anunciou que agentes policiais concentrados na zona do atentado mataram um presumivel atirador, além de terem recuperado a viatura utilizada pelos separatistas.

O condutor do autocarro, de etnia sikh, foi arrastado para fora do veículo, que depois foi conduzido para um campo próximo por um dos assaltantes. Depois de os passageiros terem sido intimados a abandonar o autocarro os atiradores abriram fogo indiscriminadamente, segundo informou a polícia.

«Vejamos se Ribeiro vos vem salvar», gritou um dos atiradores antes de dar o primeiro disparo, segundo refere a agência PTI. Julio Ribeiro é o comandante da polícia do Punjab.

O massacre foi conhecido cerca da meia-noite, quando um motorista, ao passar perto do local, ouviu os gritos dos feridos.

Mais de 500 pessoas morreram este ano vítimas da violência extremista registada npo Punjab, Estado que se encontra sob administracão federal directa desde 11 de Maio, altura em que o primeiro-ministro indiano Rajiv Gandhi demitiu o governo local formado por sikhs moderados, alegando incapacidade para manter a lei e a ordem.

As autoridades mandaram encerrar as fronteiras do Punjab e as forças de segurança estão em alerta máximo em toda a região do norte do território.

Violência re... à Coreia do S...

Estudantes sul-coreanos voltara... as forças de segurança, no velório ... rante recentes protestos contra o ... Chun Doo-Hwan.

Os confrontos ocorreram horas ... dissidentes políticos numa amnisti... meiras reformas democráticas do G...

Testemunhas revelaram que cerc... tes se reuniram na universidade p... velório do jovem Lee Han-Yol, fa... Seul, onde se encontrava em coma... na cabeça pela Polícia durante os ... 9 de Junho.

Não há notícia de detenções, mas... ram feridos com queimaduras na ... lacrimogéneo.

A morte de Lee veio alterar o ... passada semana regressou a Seul... rantido a realização de eleições d... gência da oposição.

Agora a principal força da opo... crático Reunificado, adiou para qu... de conversações com o Governo.

Richard Von Weizsaecker, drei Gromyko, passam revista Weizsaecker chegou ontem à rimeira, em doze anos, de um

"Futuro" da África do Sul

Meia centena de "afrikaners" vão encontrar-se com ANC no Senegal

Cerca de 50 sul-africanos brancos seguiram via Londres para Dacar, no Senegal, onde vão debater com o Congresso Nacional Africano (ANC), de quinta-feira a sábado, o futuro da África do Sul. A delegação, constituída maioritariamente por «afrikaners» (descendentes dos colonos holandeses), integra alguns elementos da comunidade mestiça de língua «afrikaans», disse uma fonte do grupo, o mais numeroso até agora a reunir-se com o ANC.

Na sua viagem de duas semanas, o grupo visitará o Burkina Faso, Gana e Costa do Marfim, depois do termo, no sábado, das conversações de Dacar.

Na capital britânica, o grupo reune-se hoje com o chefe da delegação, o político liberal Frederik Van Zyl Slabbert, ex-líder do Partido Federal Progressista (PFP), e com outros elementos que já se encontram na Europa.

O Instituto para Alternativas Democráticas na África do Sul (Idasa), presidido por Slabbert, foi um dos promotores da conferência de Dacar, juntamente com a organização «France-Liberts» de Danielle Miterrand, mulher do Presidente frances.

Danielle Miterrand e o Presidente do Senegal, Abdou Diouf, abrirão o encontro, segundo um porta-voz de «France-Libertes», que disse ter esta organização apoiado a realização da conferência por proposta

de Slabbert e do poeta «afrikaner» Breyten Breytenbach, exilado em Paris.

A delegação, formada por académicos, escritores, clérigos, empresários, políticos e desportistas, pretende abrir o diálogo entre os afrikaners» e o ANC e discutir com este movimento anti-apartheid a «estrutura do Governo e a economia numa futura África do Sul», declarou Slabbert na semana passada.

O ANC, ilegalizado na África do Sul, abriu em 1973 uma representação na capital senegalesa para promover a sua causa na África Ocidental.

Polícias cercam ghetto

Duzentos polícias sul-africanos helitransportados isolaram um ghetto perto de Durban, província do Natal, no que um porta-voz policial descreveu como uma grande operação preventiva contra o crime.

Segundo o major Charl du Toit, o assalto ao bairro Umbumbulu destinou-se a deter alegados preparativos para uma luta entre tribos e a recuperar artidos roubados.

Dezenas de homens foram mortos na zona em batalhas inter-tribais nos últimos anos.

Du Toit disse que foram utilizados oito helicópteros na operação porque o bairro é inacessível por estrada, devido ao terreno montanhoso.

24 HORAS

Governo chileno demite-se

O Governo chileno apresentou a sua demissão em bloco, na sequência de rumores de que o Presidente Augusto Pinochet tencionava remodelar o executivo. Segundo o ministro do Interior, Ricardo Garcia, toda a equipa deixou a plena liberdade de acção a Pinochet, mas disse ignorar ainda a data da posse dos novos titulares e quais as alterações que serão introduzidas no gabinete. Por outro lado, Garcia revelou que mais 15 exilados chilenos foram autorizados a regressar ao país. Durante este ano, e até agora, o regime chileno autorizou o regresso de 2.800 exilados, persistindo contudo a proibição para outras 513 pessoas, segundo números oficiais.

Óleo de colza: julgamento

A sessão de hoje do julgamento dos implicados no caso da intoxicação com óleo de colza adulterado começou às 7e 10, para quie o tribunal pudesse ouvir a declaração pericial do epidemólogo britânico Richard Doll. Tratou-se da primeira vez na história judicial espanhola que uma sessão de tribunal tem início tão cedo, ocorrendo no denominado «julgamento do século», em que são julgados os implicados em consequência do alastramento do síndroma tóxico, que provocou a morte de 650 pessoas e afectou 25.OOO outras.

Milhares rezam por Perón

Milhares de trabalhadores argentinos rezaram ontem pela memória de Juan Peron durante a missa pronunciada em desagravo pela profanação do túmulo do ex-Presidente. No passado dia 2 os argentinos tiveram conhecimento da profanação da sepultura de Peron, em Buenos Aires, assim como da amputação e roubo das suas mãos e desaparecimento do sabre. Os assaltantes pediram um resgate de oito milhões de dólares para devolver o produto do roubo.

William Eagleton foi chamado a Washington após a cusação britânica de envolvimento dos serviços secretos sírios na tentativa de fazer explodir um avião israelita que partia de Londres.

No mês passado, funcionários da Casa branca referiram que Reagam escrevera a Assad propondo o recomeço de contactos bilaterais e recebera uma resposta positiva.

Fontes dos EUA diseram que as questões que Washington pretende discutir com a Síria incluem o problema dos reféns e o terrorismo, mas abrangem também o processo de paz no Médio Oriente e a guerra do Golfo.

regressa lo Sul

voltaram a confrontar-se com elório de um colega morte duntra o Governo do Presidente

horas após a libertação de 177 mnistia que faz parte das pris do Governo.

ue cerca de cinco mil estudandade presbiteriana Yonsei, no Yol, falecido num hospital de n coma desde que foi atingido nte os tumultos do passado dia

es, mas vários estudantes ficaas na pele provocadas por gás

erar o clima de calma que na a Seul depois de Chun ter gações directas, a principal exi -

da oposição, o Partido Democara quinta-feira, a continuação erno.

Coronel Herrera vai depor contra líder panamiano

O coronel Roberto Diaz Herrera disse que vai consubstanciar, na quinta-feira, ante o procurador público do Panamá, Carlos Villalaz, as acusações formuladas contra o general Manuel António Noriega.

Diaz Herrera condicionou a sua comparência ante o procurador à companhia, nas audiências, da sua mulher, Maigualida Gamboa, o Núncio Apostólico, José Sebastian e o bispo Oscara Brown, além de outros parentes seus.

O coronel, reformado compulsivamente do exército no dia 1 de Junho, disse a mais de uma vintena de jornalistas nacionais e estrangeiros, que prestará declarações ante Villalaz apesar do Governo presidido por Eric Delvalle ser ilegítimo, como produto de denunciada fraude eleitoral de 1984.

O coronel Duaz Herrera acusou os militares de ter cometido a fraude eleitoral de Maio de 1984 em benefício do candidato Nicolas Ardito Barletta, por eles mesmos obnrigado posteriormente a demitir-se e o general Noriega de ser o autor intelectual da decapitação do ex-guerrilheiro e médio Hugo Spadafora, em 13 de Setembro de 1985.

Também acusou Noriega de estar envolvido na morte, em 31 de Julho de 1981, do general Omar Torrijos, chefe da então guarda nacional e líder do movimento revolucionário, após o derrube, em Outubro de 1968, pelos militares, do Presidente Arnulfo Arias Madrid.

As acusações de Diaz Herrera, divulgadas a partir de 7 de Junho, desencadearam uma vaga de protestos, com distúrbios de rua e confrontos entre a Polícia e manifestantes, com a suspensão, pelo Governo, das garantias fundamentais entre 10 e 29 de Junho.

Autoridades de três países desmantelam rede de "coca"

Uma operação conjunta do Gabinete de Investigação Criminal da Alemanha Federal com a polícia britânica e norte-americana saldou-se no desmantelamento da maior rede de tráfico de cocaína até agora descoberta e na detenção de treze pessoas.

Um porta-voz do Gabinete de Investigação Criminal da RFA anunciou ontem o resultado desta operação que copmeçou a 19 de Juilho em Londres com a prisão do chefe da rede de tráfico de estupefacientes, um alemão-federal de 44 anos, que durante 14 anos conseguiu iludir a polícia, alterando as feições através de sucessivas operações plásticas. O chefe da rede de tráfico confessaria depois ter traficado 400 quilos de cocaína. A sua mulher foi também detida.

Após estas primeiras detenções, as autoridades policiais dos três países conseguiram prender outros 11 elementos da rede, três britânicos, quatro norte-americanos e quatro alemães-federais.

Milhões para cá, milhões para lá

ATLÉTICO DE MADRID: CLUBE, FUTRE E MENOTTI NAS MÃOS DE UM PRESIDENTE MEGALÓMANO?

A «explosão» no Atlético de Madrid não abranda: Jesus Gil y Gil, o novo «patrão» de Paulo Futre, foi eleito presidente do Atlético de Madrid há uma semana, ainda não tomou posse oficialmente, mas já gastou mais de um milhão de contos em contratações, ameaçando revolucionar todas as estruturas do futebol espanhol.

Empresário de aldeamentos turísticos no litoral do sul do País (com 54 anos de idade) Gil y Gil apresentou-se às eleições para a presidência da direcção do Atlético madrileno juntamente com outros quatro candidatos, mas gastou 80 milhões de pesetas numa campanha «à americana», que lhe garantiu uma vitória esmagadora.

Tudo isto foi há uma semana: mas, entretanto, Jesus Gil já revolucionou alguns aspectos do futebol espanhol, a tal ponto que o secretário de Estado dos Desportos (Javier Gomez Navarro) pretende reunir-se com ele para conhecer os métodos que utiliza. O novo presidente do Atlético pagou do seu bolso mais de um milhão de contos pelas novas contratações para um clube que tem uma dívida de mais de dois milhões e trezentos mil contos, tendo também adquirido para a colectividade uma cidade desportiva que importou em 400 milhões de pesetas.

Após o conhecimento dos resultados eleitorais (na madrugada de 27 de Junho) Gil y Gil não parou: despediu alguns jogadores, contratou várias «estrelas», rescindiu também os contratos com o treinador Luis Aragones (autêntica instituição do Atlético de Madrid), bem assim como com os seus adjunto e secretário técnico e assegurou os serviços do argentino Menotti, responsável pela selecção que venceu o campeonato do mundo em 78. Jesus Gil promete ainda mais surpresas, a um ritmo a que o futebol espanhol e a opinião pública do país não estavam habituados.

Provavelmente tudo começou há dez dias, quando Jesus Gil resolveu ir de avioneta ao Porto, onde, após uma conversa com Pinto da Costa, ultrapassa todas as propostas, paga-lhe de imediato 100 milhões de pesetas como adiantamento pelo passe de Futre. Viaja depois para Milão onde entrega 40 milhões ao jogador, o qual abandona de pronto o «Mundialito» e apresenta-se no último acto da campanha eleitoral de Jesus Gil, numa discoteca onde se encontravam cerca de dois mil dos seus apoiantes incondicionais, jovens na sua maioria.

O candidato anuncia que pagará do seu bolso a transferência de Futre e que entregará o respectivo contrato ao Atlético de Madrid, no caso de ganhar as eleições: a transferência do futebolista português custará mais de 500 milhões de pesetas, além de que o jogador irá receber mais 120 milhões por cada uma das quatro temporadas, além de uma vivenda nas proximidades da capital espanhola e de um «Porsche» do último modelo.

Mas tudo isto em relação a Futre, só foi conseguido à segunda tentativa: logo após a vitória do FC Porto sobre o Bayern de Munique, Gil y Gil deslocou-se à cidade portuense e procurou obter o concurso do futebolista **«às escondidas»** dos dirigentes azuis e brancos, oferecendo-lhe 150 milhões de pesetas por temporada.

Na campanha, na qual o empresário candidato gastou mais de 80 milhões de pesetas, houve polémica e apareceram denúncias, mas a verdade é que Jesus Gil triunfou, tal como se previa, surpreendendo (porém) pelo número de votos obtidos: mais do dobro dos somados pelo seu rival imediato.

A surpreendente apresentação de Futre foi um autêntico incentivo para os sócios do Atlético de Madrid, o segundo clube mais importante da capital da Espanha, colectividade «a nadar» em dívidas (dois mil milhões de pesetas), com poucos êxitos obtidos nas últimas temporadas, eliminado de uma competição europeia pelo Vitória de Guimarães.

Jesus Gil y Gil é um personagem polémico, que já esteve preso durante ano e meio porque (em 1969) quando se celebrava um almoço numa estrutura construída pela sua empresa na urbanização de Los Angeles de San Rafael (perto de Segóvia) a mesma ruiu, provocando a morte de 58 dos 500 comensais presentes. Gil y Gil foi julgado e condenado, pagou indemnizações no montante de 300 milhões de pesetas, mas recebeu posteriormente um indulto pessoal de Francisco Franco.

É conotado com a extrema-direita, o que ele nega, auto-definindo-se como «um ditador liberal», que só votou uma vez e que não conhece muito bem os programas dos partidos políticos.

Jesus Gil garante que saiu da prisão com apenas 10 000 pesetas, com todos os seus empreendimentos embargados, mas que no dia seguinte contratou 300 trabalhadores para recomeçar e que hoje, dezoito anos depois, é um grande produtor imobiliário da Costa do Sol espanhola, onde vende apartamentos a 150 milhões de pesetas e promove uma operação conjunta que envolve 30 mil milhões de pesetas. Possui uma quinta próximo de Madrid com 200 cavalos, além de vacas e ovelhas, onde se refugia nos fins-de-semana, «fugas» estas que a partir de agora terão de ser muito mais espaçadas, dada a necessidade de acompanhar o Atlético nas suas deslocações.

Ignoram-se as razões que levaram Gil y Gil a lançar-se na campanha para a presidência do clube, mas a verdade é que uma vez eleito, desencadeou um ritmo de actividade revolucionário para o meio. Diz que trabalha dezanove horas por dia, das quais dedica três aos seus negócios (das sete às dez) e as restantes ao Atlético de Madrid, em cujas instalações come (à base de sandes) e mobiliza a sua equipa de assessores até às duas horas da manhã.

Jesus Gil é um «show» permanente para os órgãos de Informação, sobretudo para as estações de rádio, onde comparece frequentemente: os jornalistas desportivos já falam num fenómeno sociológico e na revolução no futebol espanhol.

Para além da contratação de Futre, o seu trabalho nesta primeira semana de actividade foi também o de escolher o «Porsche» amarelo para o futebolista (curiosamente uma cor de maus presságios para o Atlético), contratar os «internacionais» Marcos (que estava no Barcelona), Goikoetxea (do Atlético de Bilbau) e Eusébio (do Valladolid). Na primeira reunião que teve com os jogadores anunciou-lhes que ia despedir nove e contratar outros tantos. Nos casos de Marcos, Eusébio e Goikoetxea não consultou a opinião do treinador, mas agora diz que aguardará por Menotti para fazer mais contratações, depois de não ter conseguido os concursos de Ablanedo e Eloy (do Gijon) e de Salva (do Barcelona).

Jesus Gil recusou a proposta de 70 milhões por temporada apresentada por Luis Aragonês, o anterior técnico do Atlético e considerado uma autêntica instituição do clube: houve (mesmo) uma desabrida troca de palavras entre ambos, que quase chegaram a vias de facto.

Gil afirmou (então) publicamente que Aragonês lhe não interessava porque não enchia o estádio: e encetou de imediato negociações com Javier Clemente (do Espanhol) oferecendo 100 milhões a este clube e outros 100 milhões ao técnico. A contratação não se concretizou e Jesus Gil tentou a seguir o holandês Cruyff, para finalmente negociar pelo telefone com César Menotti.

Despediu imediatamente o segundo treinador e o secretário técnico, Angel Castillo. No meio disto teve tempo para negociar a compra de umas instalações recreativas a 16 km de Madrid, que funcionarão como cidade desportiva para a equipa e como complexo de piscinas para os sócios. Tudo surpreende, sobretudo quando o novo presidente garante que só encontrou 3,5 milhões de pesetas nos cofres do Atlético de Madrid: as contratações dos jogadores têm sido pagas em seu nome e com o seu dinheiro.

«É tudo uma questão de livro de cheques», diz Jesus Gil, explicando que procura realizar a gestão do clube como se de uma empresa se tratasse. Para ser abrangido pelos planos de saneamento financeiro do futebol espanhol e receber as ajudas correspondentes, o Atlético de Madrid não pode efectuar contratações nem apresentar um orçamento superior a 1 200 milhões de pesetas anuais. Para contornar este obstáculo, Jesus Gil contratou jogadores e pagou em seu nome, pelo que agora cederá ou alugará os contratos dos futebolistas ao clube, em condições que ainda não estão clarificadas.

Assegura que tem ideias revolucionárias para o Atlético, que pretende encher o estádio, vender lugares cativos, construir restaurantes, pistas de atletismo e uma área de estacionamento. Denuncia que encontrou tudo hipotecado na colectividade, à excepção das cadeiras e dos troféus, situação que qualifica de vergonhosa.

Este presidente já habituou os sócios e a comunicação social a uma ou várias surpresas por dia e, ao mesmo tempo, desencadeou a dinâmica de um confronto com o Real Madrid, asseverando que respeita Ramon Mendonza (presidente do Real), mas que no caso dele tentar aliciar jogadores do Atlético, **«desestabilizo-lhe a equipa em dois dias». E, na semana anterior, galvanizou os seus adeptos, ao declarar: «salvaguardadas as distâncias, Futre e eu seremos como Di Stefano e Santiago Bernabeu». Os jornais já fazem colecção das suas frases, como por exemplo: «para mim, uma dívida de dois mil milhões é um aperitivo», «já adverti o Barcelona e o Real Madrid de que o próximo campeonato vai ser mais divertido, pois agora há mais um candidato ao título e se eles querem guerra tê-la-ão».** Tudo indica portanto que o espectáculo só agora começou e que a temporada que se avizinha promete bastante...

Enquanto tudo isto, já em Madrid, o técnico César Menotti (responsável pela vitória da Argentina no «Mundial» de futebol de 1978), manifesta intenção de tornar o Atlético de Madrid numa equipa «top», lutando **«de igual para igual com o Real Madrid e Barcelona».**

Menotti, que terminou a semana passada o contrato com a equipa argentina do Boca Juniors, deverá dirigir a equipa madrilena nas próximas três épocas, após as conversações que está hoje a ter com o presidente do clube dos «colchoneros».

O argentino, que treinou o Barcelona em 1984, afirmou que não vai para **«uma equipa medíocre»**, antes quer **«transformar»** o Atlético de Madrid em campeão de Espanha: **«Os problemas da última época são do passado»**, disse Menotti. O Atlético de Madrid terminou o campeonato em 7.º lugar, e não estará esta época presente em nenhuma competição europeia.

Shilton ingressa no Derby County

O guarda-redes do Southampton e da selecção inglesa, Peter Shilton, assinou um contrato de três anos com o Derby County, recém-promovido à primeira divisão, por um milhão de libras esterlinas (cerca de 230 000 contos).

8.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

EXECUÇÃO COM PROCESSO ORDINÁRIO (HIPOTECÁRIA) n.º 5083 da 3.ª Secção.

EXEQUENTE – A CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA.

EXECUTADOS – PRAVINCHANDRA CANGI, com última residência conhecida na Rua Professor Bento de Jesus Caraça, 17 – 1.º dt.º Paio Pires – Seixal e outra.

CITA-SE o executado para no prazo de 10 DIAS, depois de decorridos 30 dos éditos, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, pagar à exequente a quantia de 4 395 058$30, e, ainda os juros, à taxa anual de 20% e a sobretaxa de juros de mora à taxa anual de 2%, vincendos desde 29JAN87 sobre o capital de Esc. 2 654 000$00, os prémios de seguro que a exequente venha a pagar no decurso da acção, os juros vincendos à taxa anual de 20% respeitantes aos prémios de seguro pagos e a pagar pela exequente, de harmonia com a lei e o contrato, sob pena de, não o fazendo, se proceder à penhora da fracção hipotecada nos termos dos artigos 811 e 835 do Código de Processo Civil

Lisboa, 22 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
Jorge dos Santos

O Escrivão Adj.,
José António Costa Penaforte

«D.L » 7/7/87 - 1.ª Pub

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR VIRGÍLIO ANTÓNIO FONSECA OLIVEIRA, juiz de Direito da 2. secção do 1.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa.

FAZ SABER que por este Juízo e secção correm éditos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o Réu, abaixo indicado, para no prazo de VINTE DIAS, findo o prazo dos éditos, contestar querendo a acção de Divórcio Litigioso em que a autora pede que seja decretado o divórcio com os fundamentos e nos termos do art.º n.º 1781 al. a) do Código Civil, ficando o duplicado da petição na secretaria deste Juízo à disposição do citando nos autos de Divórcio Litigioso n.º 5982 — 2.ª secção em que é autora ELISA SACHI DA SILVA GATO, residente na Vila Correia, n.º 2-2.º Esq.º em LISBOA e réu ANTÓNIO JOSÉ BUCHA DA SILVA GATO, com última residência conhecida no Parque Residencial Vialonga, banda 11-lado G-3.º Dt.º — Vialonga — Vila Franca de Xira.

Lisboa, 22 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
Virgílio António Fonseca Oliveira
A Escrivã Adjunta
Maria Emília Carvalheira

«D.L.» 7/7/87-1.ª Pub

10.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

A Doutora ANA BELA DIAS CUPERTINO, Juíz de Direito deste 10.º Juízo Cível e 1.ª Secção

Faz saber que foi distribuída na Secretaria Judicial deste 10.º Juízo Cível uma Acção Especial de Interdição por Anomalia Psíquica, a qual foi registada sob o número 1118 que Adelina Lima Ferreira de Almeida e José Carlos Lima Ferreira de Almeida movem contra ELSA MARIA LIMA MADUREIRA FERREIRA DE ALMEIDA, viúva, doméstica, residente na Rua Dona Estefânia, n.º 195-5.º Esq.º em Lisboa, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 26 de Junho de 1987

A Juíz de Direito
Ana Bela Dias Cupertino
O Esc.-Adjunto,
Carlos Rodrigues

«D.L » 7/7/87 - 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

No dia 23 de Julho de 1987 pelas 10,30 horas no Tribunal desta Comarca na Carta Precatória n.º 108/87, 1.ª secção, extraída dos autos de Execução Ordinária n.º 5544 do 11.º Juízo Cível de Lisboa, 2.ª secção em que é exequente Carlos Alberto Marques Fidalgo e executado Diamantino Maia Ferreira, residente em parte incerta, há-de ser posta em praça pela primeira vez, para ser arrematada ao maior lanço oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado àquele executado.

1.º

Prédio rustico com a área de 7580 m², nos limites de Birre, denominado «Várzea de Birre», concelho de Cascais, descrito na Conservatória do Registo Predial de Cascais, sob o n.º 2173 a fls 60 do Livro B-7 pelo valor de 76 000$00.

Cascais, 25 de Julho de 1987

O Juiz de Direito,
Assinatura ilegível)
A Escrivã Adjunta
(Assinatura ilegível)

«DL» 7/7/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

3.º Juízo Cível – 2.ª Secção

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começara a contar da data da publicação do segundo e ultimo anúncio.

Execução Sumária n.º 4343, 2.ª secção

Exequentes - VAREQUIPE – SOCIEDADE GERAL DE EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, LDA

Executado – SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, LDA., com sede na Quinta da Francelha de Baixo, 2685 SACAVÉM

«DL» 7/7/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando a executada para no prazo 10 dias findo o prazo dos éditos deduzir oposição, pagar à exequente a quantia de 581 825$00 juros e custas, ou nomear bens à penhora sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomear bens à penhora.

Exequente — BANCO FONSECAS & BURNAY

Executado — ALIA–Edições e Publicações Ld.ª com última sede na Rua do Arco Carvalhão n.º 35 r/c drt.º em Lisboa.

EXECUÇÃO ORDINÁRIA - 1.ª Secção – P.º n.º 3286.

Lisboa, 29 de Maio de 1987

O Juiz de Direito
José Nuno de Almeida Valadas
A Escrivã Adjunta
Maria Helena dos Santos Gonçalves

«D L.» 7/7/87 – 2.ª Pub

GUIMARÃES: POSSE DE RENÉ SIMÕES NA SUCESSÃO DE MARINHO PERES

Passo em frente do Vitória de Guimarães: depois do Belenenses (que até já se encontra rodando o «team» em terras francesas), também os vimaranenses voltaram ao trabalho com a apresentação de uma parte do «plantel» para a época futebolística em que o clube continuará a lutar pelos lugares cimeiros, mantendo a sua dignidade.

«Os passos que temos de dar são para a frente e não para trás», disse o presidente do clube, salientando que a contratação do técnico brasileiro René Simões é uma aposta da direcção. **«Queremos um técnico com espírito de conquita e ambição»**, frisou o presidente vimaranense acerca do sucessor de Marinho Peres.

René Simões (34 anos) foi o treinador da selecção brasileira de «esperanças» e é seu propósito repetir o 3.º lugar obtido pelos minhotos o ano passado. O técnico brasileiro diz que a sua vinda para Guimarães se deve a um **«sonho pessoal de querer trabalhar na Europa». «O Vitória** (frisou) «é um clube com objectivos bem definidos e o 'plantel' tem valor».

O Guimarães, que estará envolvido na Taça UEFA, conta com seis reforços, quatro dos quais estrangeiros. Trata-se do guarda-redes Carlos Alberto que militava no Darmstadt (da RFA), do avançado Tozé (ex-Penafiel) e dos brasileiros Nené (defesa, ex-América), René (médio, ex-Fluminense) Júnior (avançado, ex-Grémio de Porto Alegre) e João de Deus (avançado, ex-Internacional de Santa Maria de Porto Alegre).

A colectividade mantém conversações adiantadas para contratar o zairense Kibulu, que deverá render o seu compatriota N'Kama, considerado como certo numa equipa belga. O presidente vimaranense declara que o clube tem 10 jogadores sob observação no Brasil e anunciou que foram promovidos os ex-juniores Baptista, David e Edu, tendo regressado Soeiro (Fafe) e Artur (Trofense). Saíram do clube Castro, Vítor Pontes, Paulo Jorge, Peres, Roldão, Heitor e Nivaldo. O chefe do executivo esclarece que o brasileiro Paulinho Cascavel («goleador do ano») teve propostas do Benfica e Belenenses, mas reforçou a nota de que o Guimarães não «cederá o jogador» **«por meia dúzia de tostões»**. O presidente do Vitória de Guimarães salientou na apresentação do «plantel», que espera renovar o contrato com os jogadores que o terminam no fim da próxima temporada e manifestou a esperança de os renovar por um período de quatro anos. **«Queremos formar uma equipa e fazer um trabalho honesto»**, disse, a concluir.

Os jogadores vão fazer exames médicos até ao dia 10, altura em que se inciará a preparação de campo que decorrerá na montanha das Penhas e nas Caldas das Taipas, nos arredores da cidade de Guimarães. René Simões pretende que a equipa faça sete a oito jogos de preparação antes do campeonato.

Portimonense incompleto

Começaram os trabalhos no futebol portimonense mas, logo no primeiro dia, houve ausências muito notadas: os benfiquistas Vando, José Carlos, e César Brito apenas na próxima semana comparecem no seu novo clube, os senegaleses Karim e Diop continuam no seu país, Sérgio está lesionado e Luciano apareceu apenas para se despedir (vai para a Alemanha Federal). Em contrapartida, presenças de novatos no «team»: Laureta (vindo do Lixa), Décio (ex-Torralta), Pires (ex-Farense) e José Pedro (ex-Lourosa). O treinador Paulo Roberto Dias ainda está na sua terra natal.

Peruano em Olhão

Raul Megia (Municipal de Lima e «internacional» peruano, jogando a ponta-de-lança) foi contratado pelo Olhanense.

Farense quer búlgaro

O «internacional» búlgaro Sirakov (Slavia de Sofia) deverá representar o Farense na próxima época. Sirakov é habitual ponta-de-lança da selecção búlgara que é orientada por Hristo Mladenov, que já foi técnico do Farense. Aliás, as boas relações existentes entre o Farense e a Federação búlgara deverão influenciar positivamente na vinda de Sirakov para Faro.

Sueco no Benfica?

Acompanhando o treinador Bengtsson, é provável que desembarque na Luz o goleador Stefan Petersson, também do Gotemburgo.

Sporting atende uruguaios

O Sporting defronta a conhecida turma do Nacional de Montevideu, no dia 6 de Agosto, dando início à fase de jogos de preparação. Também no seu estádio, os «leões» enfrentam, três dias depois, o MTK de Budapeste, clube que foi seu antagonista na final da Taça das Taças, ganha pelos lisboetas. O Sporting efectuará um estágio, em Lamego, antes de começar a fase dos jogos oficiais, cujo início ainda não tem data marcada, em virtude do sorteio estar adiado para resolver a questão do alargamento.

Belenenses em França

A equipa do Belenenses defronta hoje a do Toulouse, no segundo jogo da sua digressão por França.

Clube de portugueses é campeão da Venezuela

A colónia portuguesa na Venezuela tem vindo a festejar a vitória do seu clube, o Sport Maritimo, no campeonato venezuelano de futebol.

Para muitos comentaristas locais, o Sport Maritimo é o clube mais profissional e melhor organizado da Venezuela e, com uma história ainda muito curta, já subiu ao máximo do futebol do país.

Apenas com duas épocas na primeira divisão venezuelana, o Maritimo tornou-se este ano campeão, surpreendendo e ganhando o aplauso de todos os adeptos do futebol na Venezuela.

Até há três anos o clube mais não era do que um grupo amador que pretendia ocupar o lugar do Clube Desportivo Português, desaparecido em 1985, e inscreveu-se na terceira divisão, numa única temporada conseguiram ascender à segunda divisão e depois à primeira, demonstrando um forte pontencial futebolístico.

No campeonato que recentemente se concluiu disputaram 36 jogos e registaram apenas quatro derrotas, conquistando o título que pertencia ao Union Atlético Tachira.

Ref. Três soviéticos na selecção mundial

Os três melhores futebolistas da selecção nacional da União Soviética, o guarda-redes Rinat Dassaev e os avançados Alexandre Zavarov e Igor Belanov, foram convocados para a selecção que defronta a Inglaterra no dia 8 de Agosto próximo.

O encontro terá lugar em Londres e comemora o primeiro centenário do futebol inglês.

O guardião Dassaev alinha pelo Spartak de Moscovo e já participou em dois campeonatos do mundo (Espanha-82 e México-86), enquanto Zakarov e Belanov pertencem ambos ao Dínamo de Kiev.

Tanto Dessaev com Belanov já alinharam anteriormente pela selecção mundial de futebol, enquanto Zavarov foi agora convocado pela primeira vez,

René Simões e o símbolo que vai defender, com a pesada herança de render Marinho Peres

A equipa técnica vimaranense: René Simões, José Torres e professor Pina de Morais

Na sua agenda

Vela: Portugal na «Vuelta»

O veleiro português «Sanumac», da Inapa, subiu um lugar na geral, passando para 5, após o termo da 4.ª etapa da «Volta a Espanha», marcada pela tranquilidade. O «Ramel II» mantém o 1º lugar na «Vuelta», após a etapa onde as previsões apontavam para vento forte na passagem pelo estreito de Gibraltar, mas onde os nove «resistentes» em prova, tiveram apenas que «apontar» os veleiros para as correntes submarinas existentes da zona.

O veleiro «Banco Atlântico» (vencedor das últimas quatro edições da «Vuelta», ocupa a segunda posição seguido do «Cacharel».

Com a entrada no mar Mediterrâneo, onde neste momento o vento é fraco **«tudo se vai complicar»**, revelou um dos membros da tripulação do «Sanumac». A etapa que ligou Puerto de Santa Maria a Estepona decorreu **«sob o signo da normalidade»**. Os veleiros então a preparar-se para iniciar hoje a etapa mais longa da competição (368 milhas) estando previsto que o primeiro concorrente chegue a Valência na 6ª Feira, no caso de ter vento favorável. Para a tripulação do veleiro português, o 4º lugar da geral poderá vir a ser conquistado durante esta fase da «Vuelta».

Os vimaranenses apresentam-se

Dois zairenses no «plantel»: N'Dinga e Kipulo

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUIZO
ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

Processo n.º 1738/A 3.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado **AUGUSTO DE FIGUEIREDO DA SILVA,** residente na Praça Faria da Costa, 6-3.º Dt.º Olivais Norte e outra para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por António Sousa Moreira.

Lisboa, 18 de Maio de 1987.

O Escrivão Adjunto,
Luísa Vaz Pinto
O Juiz,
Jorge dos Santos

«D.L.» 7/7/87 – 2.ª Pub.

Modalidades

Ténis: «Sport Goofy»

A fase nacional da «Taça Sport Goofy» em ténis começou a ser disputada nos «courts» do Estádio Nacional (Jamor) por duas centenas de jovens de ambos os sexos, provenientes de todos os distritos do continente e das regiões autónomas dos Açores e Madeira. Aos finalistas da «Taça Sport Goofy» cabem, como habitualmente os títulos nacionais das categorias iniciados e infantis.

Verificaram-se já alguns resultados indiciadores da possibilidade de grandes surpresas ao longo do torneio, nomeadamente nos encontros da categoria infantis masculinos, em que rolaram já os cabeças de série nº 2 (Tiago Castro, de Setúbal) nº 4 (Jorge Adro Baptista, de Faro) e nº 8, Nuno Palma, de Loulé). Eis os resultados desses encontros: André Mota (Jamor) V. Tiago Castro (Setúbal) 6-2 e 6-2; João Carlos Alves (Porto) V. Jorge Adro Baptista (Faro) 6-1 e 6-1 e Mário Mendes (Jamor) V. Nuno Palma (Loulé) 6-0 e 6-4. Em iniciados/rapazes, a nota mais saliente vai para o encontro que deu lugar à eliminação do cabeça de série nº 5 (Hugo Almeida, do CIF) vencido por Tomás Salvador (CT Porto) pelos parciais 7-6 (7-5) e 6-4.

Golfe: Daniel na Suécia

O golfista amador Daniel Silva classificou-se no 60.º lugar da classificação geral do «Open» da Suécia e 16.º entre os amadores.

A prova foi ganha pelo francês M. Pendaris, com um total de 286 pancadas, o qual já foi eliminado pelo golfista português no Bulish «Open», realizado há duas semanas. Daniel Silva, que jogou abaixo das suas possibilidades devido a uma indisposição no segundo dia de prova, totalizou 315 pancadas. Participaram neste campeonato aberto da Suécia 156 jogadores de 19 países.

MATRA/RACING: AMBIENTE TUMULTUOSO PELA CONTRATAÇÃO DE ARTUR JORGE

Não é caso inédito e talvez (até) fosse esperada esta reacção em torno da contratação de Artur Jorge pelo Matra/Racing, de Paris: uma forte contestação ao seu recrutamento, rapidamente assumida pelo técnico que se encontrava em funções (Zvunka) e partilhada por diversos jogadores do «team» da capital francesa.

Porém, Matra Racing Club de Paris despediu o Victor Zvunka e deu plenos poderes a Artur Jorge para assumir o comando das equipas de futebol do clube.

Zvunka, cujo contrato com o clube só terminava em 1988, recusou-se a aceitar um lugar de secundário na equipa técnica chefiada pelo técnico campeão europeu (Artur Jorge) que assinou por três anos. Zvunka anunciou que vai processar o clube em tribunal, por falhar os seus compromissos contratuais.

Os jogadores da colectividade que Artur Jorge vai dirigir (em comunicado divulgado publicamente) **estranham a maneira como Artur Jorge foi contratado.** A declaração foi (inclusive) assinada pelo prestigiado «internacional» Maxime Bossis, que se encontra hospitalizado.

Lamentando **a situação em que se encontra Victor Zvunka depois dos resultados encorajadores no fim da época passada,** os jogadores referem que **não estão contra a vinda de Artur Jorge, mas sim surpreendidos por ela ter tido lugar quinze dias antes do começo do campeonato.**

Os futebolistas do Matra-Racing acrescentam que gostariam de ter sido prevenidos da decisão pelos dirigentes do clube, e não por intermédio da Imprensa. O treinador Victor Zvunka e a equipa do Matra-Racing encontravam-se em estágio no Sul da Alemanha quando o técnico português foi contratado, tendo sabido da nomeação através da Rádio francesa. Comentando o facto, o director-geral, Jean-Louis Piette, disse, na altura, compreender a surpresa de Victor Zvunka, alegando que a incómoda situação foi criada pela «rapidez da Imprensa».

O ambiente no Matra-Racing a poucos dias da nova temporada, que arranca dia 18, é confuso, temendo vários observadores que os acontecimentos **desestabilizem o moral** da equipa.

O diário «L'Equipe», que tem acompanhado o **caso Artur Jorge** de perto, indica que Victor Zvunka se apoia numa cláusula do seu contrato que estabelece que o treinador francês tem **plenos poderes técnicos até 1988. Por isso avança para tribunal.**

"Troféu Joaquim Agostinho"

AMÉRICO SILVA DE SOL NO PEITO CORTA META EM TORRES VEDRAS

Fernando Jose Fernandes
Especial para o «DL»

E o Troféu Joaquim Agostinho atingiu a meta final com o êxito de um ciclista que (actualmente) representa a colectividade em que o saudoso «Tino» começou e encerrou a sua carreira: Américo Silva (do Sporting / Vitalis) foi o vencedor do Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras, cuja última etapa foi ganha pelo espanhol José Angel Rivero, da «Teka». Rivero percorreu os 98 km da derradeira tirada da prova, entre Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras, em 2h29.57, chegando isolado à meta. Na 2.ª posição (com 2h31.18), classificou-se Carlos Marta, do Sangalhos/Recer, com 2h31.21. Américo Silva, o vencedor desta 9.ª edição do Troféu Joaquim Agostinho, foi 5.º que nesta última etapa, com o mesmo tempo do 4.º (2h31.39). O estrangeiro melhor colocado na classificação final foi o soviético Eugene Antonovitch, que acabou no 3.º lugar.

Durante a derradeira tirada deste Troféu Joaquim Agostinho, as desistências foram aos punhados: João Reis (Sangalhos / Recer); Pedro Silva (Sangalhos / Recer); Alberto Leal (Louletano / Vale do Lobo); Alberto Leanizbarrutia (Teka). Foi expulso o corredor Khalid Touzani (selecção A de Marrocos), por sistematicamente se agarrar a viaturas.

Chegada a Torres Vedras: 1.º José Angel Rivero (Teka), 2h 29m 18s; 2.º Carlos Marta (Sangalhos/Recer), 2h 31m 18s; 3.º Leonel Tomás Loulet./Vale do Lobo), 2h 31m 21s; 4.º Carlos Santos (Sicasal/Torreense), 2h 31m 39s; 5.º Américo Silva (Sporting/Vitalis), m.t.; 6.º Ivan Mashnin (Selecção da URSS), 2h 31m 42s; 7.º Vítor Rodrigues (Sporting/Vitalis), m.t.; 8.º Carlos Nunes (Sicasal/Torreense), m.t.; 9.º Marco Chagas (Sporting/Vitalis, m.t.; 10.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis), m.t.

Tabela geral individual (final): 1.º António Silva (Sporting/Vitalis), 22h 17m 29s; 2.º João Santos (Sicasal/Torreense), 22h 17m 43s; 3.º Eugene Antonovitch (Selecção da URSS), 22h 17m 48s; 4.º Angel Camarillo (Teka), 22h 18m 52s; 5.º António Pinto (Sicasal/Torreense), 22h 22m 03s; 6.º Alexandre Rua (Boavista), 22h 22m 04s; 7.º Manuel Zeferino (Sporting/Vitalis), 22h 22m 46s; 8.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis) 22h 22m 56s; 9.º Marco Chagas (Sporting/Vitalis), 22h 22m 58s; 10.º Carlos Santos (Sicasal/Torreense), 22h 23m 17s.

Geral por equipas: 1.º Teka, 66-58-48; 2.º Sporting/Vitalis, 67-01-03; 3.º Sicasal Carnes/Torreense, 67-02-45; 4.º Louletano/Vale do Lobo, 67-04-03; 5.º Selecção da URSS, 67-12-01; 6.º Boavista F. Clube, 67-12-08; 7.º Sangalhos/Recer, 67-12-36; 8.º Selecção A de Marrocos, 68-20-34; 9.º Selecção Esp. de Marrocos, 68-57-16.

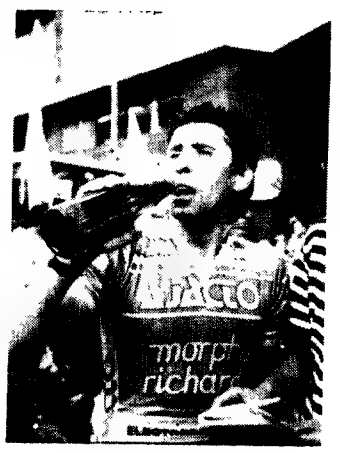
Camisolas conquistadas: Azul: José Poeira (Sicasal/Torreense); Rosa: Carlos Marta (Sangalhos/Recer); Amarela: Anérico Silva (Sporting/Vitalis); Laranja: idem; Bolas: idem; Verde: idem; Branca: idem.

Américo Silva (que completou o seu 23.º aniversário enquanto decorria esta competição) é um homem feliz:

— Estou em belo momento de forma e tive uma excelente equipa para me ajudar. Agora, que venha a «Volta a Portugal»!

Onde nem tudo vai bem é na turma do Louletano/Vale do Lobo: a indisciplina parece latente e a desistência (bem insólita) de Cayn Theakston, logo após o também estranho abandono de Fernando Carvalho, deixa no ar a quase certeza de que o verdadeiro espírito profissional não está inoculado nos comandados por Orlando Alexandre.

Em relação ao comportamento de outras equipas que partiam com boas credenciais, saúde-se o esforço (magnífico) do veterano Venceslau Fernandes (o último resistente da turma da Ajacto/Morphy Richards e, no bloco boavisteiro, foram por de mais vincadas as ausências de José Santiago, Eugénio Passos e Manuel Neves, como as actuações de Manuel Vilar e António Alves) também deixaram os seus créditos a longa distância. Em relação ao enquadramento Sangalhos/Recer, a falta dos Correias (Eduardo e Manuel) foi de muito peso, o que veio confirmar que, contra os desejos e o esforço dos organizadores (Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Torres Vedras), os seus intentos não foram totalmente obtidos, especialmente pelo pouco cuidado tido com algumas representações que poderiam ter aproveitado uma óptima oportunidade para ultimarem as embaixadas que vão remeter ao nosso «Tour».



«Lau»: aos 40 ainda na berra

Acácio: Vai 5.º no «Tour»

Acácio da Silva classificou-se ontem em 71.º lugar na 6.ª etapa da Volta à França, a 2 minutos e 37 segundos do vencedor, o francês Christoph Lavaine. A etapa foi corrida entre Estrasburgo e Epinal (na distância de 169 km) e Lavaine fez o tempo de 4h: 12 57.

Acácio da Silva baixou do 4.º para o 5.º lugar, em consequência da subida ao 2.º posto da tabela geral do vencedor da etapa. Christoph Lavaine, que ganhou isolado, com 2 minutos e 37 segundos de avanço em relação ac pelotão, no qual se integrava c ciclista português.

A 7.ª etapa (a disputar hoje) leva os corredores de Westwarc a Troyes (211 quilómetros) num percurso montanhoso. O «Tour» termina a 26 do corrente em Paris.

JUNTA DE FREGUESIA DE ODIVELAS

ANÚNCIO

ARREMATAÇÃO DE BANCAS

De 6 de Julho a 31 de Julho de 1987 estarão abertas as inscrições para atribuição de bancas no Mercado Novo de Odivelas, por arrematação em hasta pública e licitação verbal.

O processo respectivo e documentos complementares podem ser examinados ou pedidos na Junta de Freguesia de Odivelas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE saber que pela 2.ª Secção deste Tribunal, nos Autos de Acção Ordinária – n.º 8576 que Renault Gest – Sociedade de Comércio de Automóveis, SARL, move contra A.C.E. – APARELHOS E COMPONENTES ELECTRÓNICOS, LDA., correm éditos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando a ré, com última morada conhecida na Av. do Brasil, n.º 56-2 º em LISBOA, para no prazo de 20 dias, findos os dos éditos, contestar, querendo, a referida acção na qual a autora pede que a mesma seja julgada procedente e provado e em consequência a ré condenada a pagar-lhe a quantia de Esc. 4 044 265$90 e acréscimos legais.

Lisboa, 23 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,

Joaquim M. Ferreira Pascoal

Pel'Escrivão

Ilda Dias

«D.L.» – 7/7/87 – 2.ª Pub.

DONA
JOSEFA DE BARROS MENDES BARATA
Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

António Barros Mendes Barata, sua mulher Margarida Lídia da Silva Mourão Mendes Barata e mais Família participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida Mãe e Parente.

O seu corpo encontra-se em Câmara-Ardente na sede da Agência Barata, Rua Saraiva de Carvalho, 194-202, donde sairá amanhã pelas 10 horas, para o Corpo da Igreja de Santo Condestável, onde às 10,15 horas será celebrada missa de corpo presente, realizando-se em seguida o funeral para o seu Jazigo no Cemitério dos Prazeres.

Prós e contra da água maravilhosa — 1

PODEREMOS FICAR SEM ELA

Manuel Maria

Exclusivo EFE/«DL»

O problema da escassez de água é mundial. Não há país no mundo que não sofra ocasionalmente com este problema, cuja magnitude gerou uma notícia publicada no Verão passado no **New York Times:** um boletim informativo do Worldwatch Institute de Washington revelou que os recursos mundiais de água estão a chegar ao limite, prevendo-se um rápido decréscimo das reservas dos países industrializados nos próximos 20 anos.

Esta situação poderá chegar rapidamente — afirmava o boletim — se não se racionar a utilização de água, respectivamente na agricultura, onde o regadio está a sacrificar as reservas de água de países tão poderosos como a China, a URSS e os EUA. Embora a quantidade de água existente na Terra seja sempre a mesma, a verdade é que a água potável da qual a Humanidade depende, decresce assustadoramente. Por isso, adiantou o boletim informativo, a seca em África poderá ser apenas o princípio do que pode vir a acontecer em todo o Mundo.

O problema africano

A Etiópia, devido à sua extensão e ao número de habitantes, é a nação africana mais afectada. O Forum d'Idées da Unicef crê que, dos seus 32 milhões de habitantes, sete milhões devem estar afectados pela seca e pela fome. As crianças afectadas, menores de 15 anos, oscilam entre 37 e 68%. Mais de 2 milhões de desalojados precisam de assitência.

Em Moçambique, 4 700 000 pessoas das regiões de Gaza, Inhambe, Maputo, Tete, Zambeze, Sofala e Manica estão afectadas. A grave seca que assola o país há já 4 anos agravou-se nos dois últimos, pelo que o governo foi obrigado a importar 600 000 toneladas de cereal, ao invés das 300 000 que importa normalmente.

Em Angola, um milhão de pessoas estão afectadas ou desalojadas, e cerca de um terço das crianças antes de atingirem os 5 anos. No Zimbabwe, segundo estimativas oficiais, 464 200 pessoas sofrem de subnutrição e apenas 244 400 delas recebem assistência. O défice de milho para os próximos 15 meses calcula-se, devido à seca, em 838 000 toneladas.

No Chade, 300 000 pessoas, especialmente mulheres e crianças, estão desalojadas e o défice alimentar estrutural do país ronda as 15 000 toneladas anuais.

No Mali, 2 milhões e meio de pessoas estão afectadas, um milhão e cem mil das quais são crianças de idade inferior a 15 anos, e meio milhão é composto por crianças com menos de 5 anos. Esta seca, que dura desde 1980, é a mais grave de todas as que assolaram o país neste século. A maior delas ocorreu entre 1968 e1974, altura em que praticamente todo o gado foi dizimado. Pode afirmar-se que, com excepção dos anos de 1976 e 1978, a seca nunca desapareceu. O maior índice de mortalidade infantil ocorreu em 1973, ano em que morreram 90% dos menores de 5 anos.

Princípio de vida

É tão conhecido o facto de a água ser o princípio de vida que as pessoas tendem a esquecer-se disso. Mais de 70% da superfície do planeta está coberta por água, a qual está no ar que respiramos e no solo que pisamos. Oceanos, lagos e rios revelam-nos a forma, a cor, o sabor e o cheiro da água.

Mais de metade da população do Terceiro Mundo carece de água potável e, na sua maioria, não têm sequer os serviços higiénicos normalizados no mundo desenvolvido. As instalações de água corrente também são deficitárias, mesmo em grandes cidades do mundo ocidental. Há também algo para o qual se deve chamar a atenção: apesar de ser a fonte de vida e o maior benfeitor do homem, a água também pode ser o seu maior inimigo. Tal como pode fecundar os campos e distribuir saúde, pode também destruir tudo quanto se lhe depare no caminho, como se tem verificado nas cheias ou em casos de contaminação de rios e lagos que assim espalham doença e morte pelas redondezas. Sem ir mais longe, temos o exemplo dos estragos provocados pela chuva ácida, a qual tem acabado com a vida nos bosques e nos lagos de meio mundo.

Princípio de morte

Tal como a água é o princípio de vida, também se pode converter num princípio de morte. A OMS calcula que 80% das doenças e pragas mundiais são atribuíveis à água ou aos sistemas de saneamento deficientes; a água contaminada que se ingere como bebida, a água estagnada, portadora de agentes patogénicos, e as doenças provocadas pela falta de água na higiene, são as três formas principais em que este elemento líquido se transforma num princípio de morte.

Devido à utilização da água em más condições de higiene pessoal, resultam doenças de pele e de olhos, tais como o tracoma, a sarna, as úlceras, a lepra, a conjuntivite e as úlceras de pele. Os parasitas portadores das doenças, que vivem em certas águas, como é o caso da lombriga parasitária da Guiné, dá origem a outras doenças, das quais a pior é a esquistossomíase.

Também habitam nesses meios todos os mosquitos portadores de infecções: malária, filaríase, febre amarela; bem assim como a mosca negra portadora da cegueira dos rios e a mosca tsé-tsé, que causa a doença do sono.

Diarreia, tracoma, malária e cegueira dos rios

Entre as doenças e epidemias citadas, existem algumas cuja incidência na população do Terceiro Mundo é assustadora. A diarreia, por exemplo, sem dúvida a mais mortífera, é a causa directa da morte anual de cerca de 6 milhões de crianças nos países em vias de desenvolvimento, e a causa indirecta da morte de 18 milhões de pessoas. Os sobreviventes ficam de tal maneira debilitados que são presa fácil de outras doenças.

O tracoma é uma infecção viral que se aloja em redor dos olhos, e que, para além de formar crostas, pode causar a cegueira se não for imediatamente tratado. 500 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem com este mal que se transmite quer por contacto directo, quer pelas moscas. A esquistossomíase, ou doença do caracol, é provocada por um parasita que habita no caracol de água doce. Esta doença afecta, actualmente, 2000 milhões de pessoas em África, no Médio Oriente e em zonas da América Latina e Sudoeste Asiático.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	17	17	0,0	P. nub.
V. Castelo	17	16	0,0	Nevoeiro
Vila Real	16	16	0,0	Limpo
Porto	16	15	0,0	Neblina
Coimbra	17	16	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	17	16	0,0	Nevoeiro
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	22	22	0,0	Limpo
Lisboa	20	19	0,0	Neblina
Évora	20	20	0,0	Neblina
Beja	18	17	0,0	P. nub.
Faro	21	19	0,0	M. nub.
Sagres	17	17	0,0	M. nub.
P. Delgada	15	15	0,0	P. nub.
Funchal	19	19	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 28, Porto 26, Faro 28, Ponta Delgada 23, Funchal 24.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	19	18	Encoberto
Londres	18	16	Bruma
Paris	19	19	Pouco nub.
Bruxelas	19	18	Neblina
Amesterdão.	19	14	Bruma
Genebra	19	17	Neblina
Roma	23	21	Neblina
Oslo	16	13	Neblina
Copenhaga	17	15	Muito nub.
Estocolmo	18	16	Neblina
Berlim	18	16	Pouco nub.
Viena	18	13	Limpo
Varsóvia	19	11	Limpo
Atenas	23	21	Pouco nub.
Moscovo	18	12	Pouco nub.

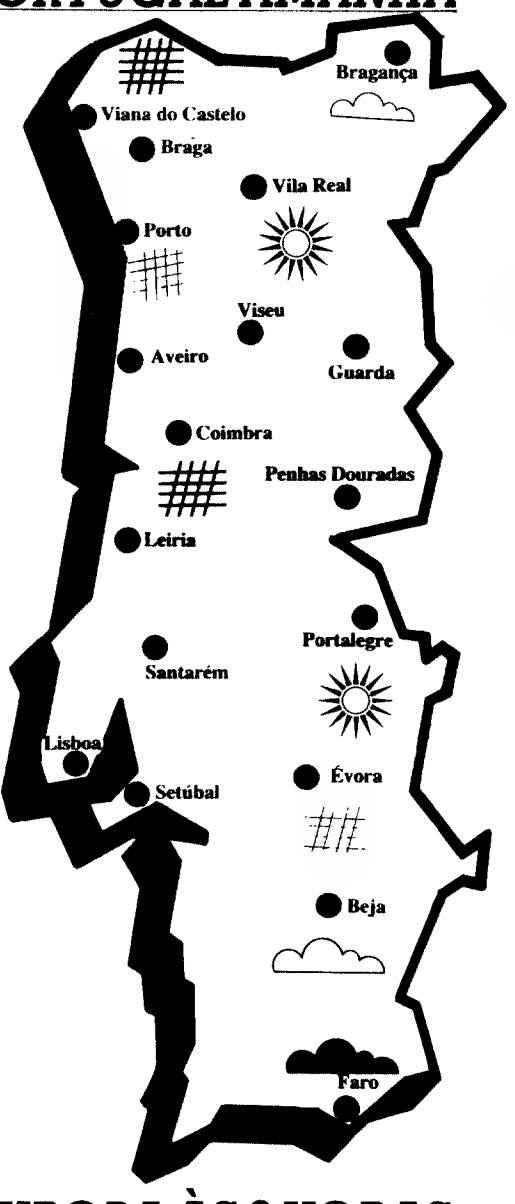
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	26	Chuva
Joanesburgo	4	18	Limpo
Los Angeles	15	28	Nublado.
Montreal	15	28	Limpo
Nova Deli	29	30	-
Nova Iorque	20	30	Nublado,
R. de Janeiro	20	29	Nublado
S. Francisco	12	20	Limpo
São Paulo	15	21	Nublado
Tóquio	19	26	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo com períodos de muito nublado nas regiões do interior durante a tarde, regiões onde há possibilidade de ocorrência de trovoadas. Vento fraco, soprando moderado de noroeste na faixa costeira ocidental, em especial durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral a norte do cabo da Roca.

Estado do mar:

***Costa Ocidental:* Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de um a dois metros.**

***Costa Sul:* Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a um metro.**

Nos Açores:

Grupo Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sul. Períodos de chuva fraca no Grupo Ocidental. Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado e geralmente pouco nublado. Vento fraco.

***Estado do mar:* Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um a dois metros.**

Na Madeira:
Céu com períodos muito nublado. Vento moderado de norte.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de um a dois metros, sendo inferior a um metro na costa sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando em regime de nortada durante a tarde no litoral a sul do cabo Carvoeiro.

DEPOIS

Céu pouco nublado, ou limpo, temporariamente muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral oeste. Vento geralmente fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
12.33	3,4 m	5.59	1,4 m
		18.32	1,4 m

Amanhã

1.04	3,4 m	6.59	1,3 m
13,36	3,6 m	19.32	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

CRÍTICA

IONESCO DE DIREITO

Carlos Porto

A Cantora Careca, de Euguene Ionesco. **Tradução:** Luís de Lima. **Encenação:** Miguel Folgado. **Cenário e Figurinos:** D'Assis Cordeiro. **Interpretação:** Alberto Gomes, Sílvia Brito, Victor Mendes, Dina Paulo, António Miguel, Deolinda Simões. **Cénico de Direito.** Teatro da Cantina Velha/19-6-87.

Lembra Fenando Midões na sua crítica do «Diário Popular» (1-7-87) que esta peça de Ionesco, uma das que o tornaram famoso, teve a sua estreia absoluta em Portugal há trinta anos, precisamente num espectáculo do Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa, com encenação de António Malaquias Lemos, hoje advogado que anda, salvo erro, pelos futebóis, e, também salvo erro, com o próprio Fernando Midões no elenco. Antes disso o Luís de Lima trouxe do Brasil um espectáculo Ionesco em que incluía algumas cenas desta peça. De outras encenações que surgiram depois, lembro a de Carlos Nery, com o grupo de amadores do 1.º Acto, de Algés («DL«/25-1-71).

Salvo erro já escrevi a propósito de Ionesco mas vou repeti-lo: no seu teatro cada vez parece menos interessante o seu lado pretensamente filosófico, cada vez parece mais interessante o seu lado cómico, de um cómico puro, altamente inteligente. Ionesco tem feito com as palavras aquilo que os Marx fizeram com os gestos, os movimentos, os olhares, os sons e os silêncios — há no insólito, no «non-sense», na carga excessiva e também no ar «blasé» (desculpem os estrangeirismos!) que caracterizam o teatro de um e o cinema dos outros, qualquer coisa que aproxima, que quase os identifica.

Por isso, sempre que a leitura de um texto de Ionesco, sobretudo de um texto como «A Cantora Careca», procura esse apelo primordial do humor, do cómico, do seu teatro, o espectáculo tem algumas garantias à partida.

Numa cena em que se gastou pouco esforço inventivo (as dificuldades não explicam tudo), numa encenação não excessivamente audaciosa, os actores do Cénico de Direito conseguiram sublinhar algumas das passagens mais fortes do texto, na linha de um cómico adequado ao autor. Teríamos apreciado que esses sublinhados tivessem sido um pouco mais intensos, sem deixar de ser subtis, para tornar cada vez mais visível a linhas burlescas do texto, isto é, teríamos gostado que o rigor que ao espectáculo revela se tivesse juntado um bocadinho mais de loucura. A esse respeito há naturalmente limitações dos próprios intérpretes embora se trate de um trabalho aceitável, divertido, gerindo com desenvoltura e clareza um texto que mantém incólumes as suas virtualidades de divertimento de qualidade.

A escolha da música e a sua interpretação parecem ser a marca de um trabalho pensado. Um trabalho que valeu a pena ver.

12.º FESTIVAL DE TEATRO DE SETÚBAL

SETÚBAL • DE 7 A 18 DE JULHO DE 1987

HOMENAGEM A JOÃO LOURENÇO

Dia	Companhia	Espectáculo	Local	Hora	Classif.
Terça 7	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«O Empadão e o Bolo» (António Francês)	Coreto — Av. Luísa Todi	19.00	12 ANOS
	Novo Grupo	«O Jardim das Cerejas» A. Tchekov	Teatro Luísa Todi	21.30	12 ANOS
Quarta 8	Novo Grupo Vídeo — Teatro Nacional	«Mãe Coragem» Bertold Brecht	Teatro de Bolso	18.30	12 ANOS
	Novo Grupo	«O Jardim das Cerejas» A. Tchekov	Teatro Luísa Todi	21.30	12 ANOS
Quinta 9	Vídeo — Teatro Nacional S. Carlos	«Grandeza e Decadência da Cidade de Mahagonni» Bertold Brecht	Teatro de Bolso	18.30	12 ANOS
	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«Junto ao Poço» e «O Sobrinho» Jaime Salazar Sampaio	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Sexta 10	Debate	João Lourenço	Teatro de Bolso	18.30	——
	Le Globe-Nantes	«Os Emigrantes» de S. Mrozek (em francês)	Capricho Setubalense	21.30	16 ANOS
Sábado 11	Vídeo T.E.P. — Teat. Exper. do Porto	«Os Emigrantes» de S. Mrozek	Teatro de Bolso	18.30	16 ANOS
	Grupo de Campolide (Almada)	«Georges Dandin» de Molliére	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Domingo 12	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«Auto da Barca do Inferno» Gil Vicente	Teatro de Bolso	18.30	CRIANÇAS
	Grupo Cena (Braga)	«O Preconceito Vencido» de Marivaux	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Segunda 13	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«Conversa Poética»	Teatro de Bolso	18.30	12 ANOS
	Comp. de Marionetas de Lisboa	«Histórias de Hakim» de Norberto Ávila	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Terça 14	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«O Empadão e o Bolo» (anónimo francês)	Teatro de Bolso	18.30	CRIANÇAS
	A Barraca	«O Diabinho da Mão Furada» Ar. a António José da Silva	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Quarta 15	Debate	O Teatro na Descentralização	Teatro de Bolso	18.30	12 ANOS
	A Barraca	«O Diabinho da Mão Furada» Atr. a António José da Silva	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Quinta 16	Alta Recreação e Matias Ferro Velho	«Da Bolie C.» João Lagarto/C. Curto	Teatro de Bolso	18.30	12 ANOS
	Io Apoloni	«Socorro» (Canções)	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Sexta 17	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«O Homem da Flor na Boca» L. Pirandello (Leitura)	Teatro de Bolso	18.30	12 ANOS
	Presença — Grupo de Teat. da S. M. Capricho	«Crime e Capricho» Raul Mesquita/José Azoia	Capricho Setubalense	21.30	12 ANOS
Sábado 18	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	Debate/O Festival de Setúbal	Teatro de Bolso	18.30	——
	T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal	«Boavida» e «Diploma» Luigi Pirandello	Teatro de Bolso	21.30	12 ANOS

Apoios:
SEC. ESTADO DA CULTURA • CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL
FUND. CALOUSTE GULBENKIAN • REGIÃO DE TURISMO
RÁDIO MARCONI • COSTA AZUL
ANTENA 1 — INAPA — BANCO DE FOMENTO — CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
RODOVIÁRIA NACIONAL — BANCO ESPÍRITO SANTO C. LISBOA — R. AZUL

TAS - TEATRO ANIMAÇÃO DE SETÚBAL

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

O Dr. Álvaro Dionísio Vasconcelos, Juiz de Direito do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da comarca de OEIRAS:

— FAZ saber que, pela 2.ª Secção deste Juízo, nos Autos de Acção Especial de Despejo, registados sob o n.º 122/85, em que é AUTOR — ANTÓNIO LOPES FARINHA, residente na Rua Eng.º José Frederico Ulrich n.º 21 — LINDA-A-VELHA e RÉU — ARTUR NUNES ANTUNES, ausente em parte incerta no estrangeiro, e com última residência conhecida na Praceta da Índia, n.º 18 r/c Dt.º em LINDA-A-VELHA, é este réu citado para comparecer pessoalmente neste Tribunal no dia 23 de Julho de 1987, às 14 horas, para a TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO a que se refere o art.º 972.º C.P.C., ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir. No caso de não comparecer, ou de a tentativa se frustrar, é o Réu igualmente citado para contestar, querendo, no prazo de DEZ DIAS, decorrida a dilação de TRINTA DIAS, contados da data da tentativa de conciliação, e ainda deduzir reconvenção e pedido de benfeitorias ou indemnização a que se julgue com direito, sob pena de ser decretado o despejo do locado, a resolução do contrato de arrendamento e ainda no pagamento das rendas vencidas e não pagas, tudo como consta da p.i., cujo duplicado se encontra nesta Secção à disposição do réu.

OEIRAS, 17 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)

A Escrivã Adjunta
Noémia Maria Simões

«D.L.» — 7/7/87 — 2.ª Pub.

novo grupo apresenta

CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA

Quintas • Sextas e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h

TEATRO ABERTO

APOIOS: ALPWA ET OMEGA-T.L.R.-DATA GENERAL-DIGICONTA-RANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Um dos mais estimulantes espectáculos, estreado esta temporada»
José Valentim Lemos — «Diário de Notícias»

Só até dia 12 de Julho

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

Devido a dificuldades financeiras

APE FECHARÁ AS PORTAS ATÉ AO FIM DO MÊS SE O ESTADO NÃO AGIR

A Associação Portuguesa de Escritores poderá fechar as suas portas no final deste mês caso o Estado não resolva o que a direcção daquele organismo denomina como «dramática situação financeira», em abaixo-assinado enviado ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e secretária de Estado da Cultura.

A informação foi prestada em conferência de Imprensa ontem realizada nas instalações da APE na Rua de S. Domingos à Lapa, com a presença de vários escritores, alertados pelos condicionalismos graves com que a Associação depara.

A verdade é que a APE não dispõe das verbas suficientes para subsistir nas suas funções, dados os passivos amontoados nos últimos anos e sobretudo desde que mudou as suas instalações da Rua do Loreto para o local onde hoje se encontra — um edifício onde foram gastos 600 mil contos em 1985 e 2200 em 1986 em obras, já que o imóvel se encontrava profundamente degradado, com paredes rachadas, tomadas sem fios e casas-de-banho inutilizadas.

Em quotizações a Associação Portuguesa de Escritores, representativa dos escritores portugueses e com o prestígio daí decorrente, nacional e internacionalmente, só consegue juntar mensalmente uma soma na ordem dos 400 contos. No entanto, precisaria para cobrir as suas despesas e as diversas contas que tem por pagar de um mínimo de 3500 contos.

A Secretaria de Estado da Cultura, essa, propôs-se dar-lhe um subsídio de somente 2000 contos, claramente insuficiente para as carências da Associação.

«A APE é uma instituição cultural cuja actividade, cuja história passada e presente pertencem não só aos escritores mas igualmente a todos os cidadãos portugueses. As ameaças que impendem sobre a APE dizem respeito a todos nós», lê-se no texto enviado aos responsáveis pelo Poder.

Verbas deveriam entrar no Orçamento de Estado

Óscar Lopes, David Mourão-Ferreira, Fausto Lopo de Carvalho e Carlos Eurico da Costa, que ocupavam a mesa na conferência de Imprensa, em representação da actual direcção da APE, mostraram-se apreensivos com a mudança de atitude revelada pela Secretaria de Estado da Cultura de deixar de apoiar as instituições culturais para apenas subsidiarem as actividades, e houve quem lembrasse, ontem, que uma delegação da APE não se pôde deslocar este ano ao Oitavo Congresso Europeu de Escritores porque a Secretaria de Estado não entregou em devido tempo um reduzido subsídio de 50 contos.

Adiantou Óscar Lopes, seu presidente, que o encerramento daquela instituição terá como consequências mais imediatas o cancelamento do I Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa, para o qual já se envidavam esforços de organização, e do Grande Prémio que anualmente a APE vinha consagrando aos melhores autores portugueses do romance e da novela. Outras iniciativas culturais da APE em adiantado estado de planificação ficam igualmente comprometidas, por faltarem as mais elementares verbas de manutenção.

Em documento distribuído pelos jornalistas, a direcção da APE diz: «Não desejamos, bem entendido, que o Estado seja tutelar; que de uma forma ou de outra, proceda a qualquer tipo de dirigismo cultural. Mas a verdade é que o Estado, embora nos conceda subsídios, escassos e relativos, seja também dito, tem um papel fulcral a desempenhar». Por isso mesmo, lamentam os dirigentes da Associação Portuguesa de Escritores estarem assim tão dependentes dos subsídios que o Estado resolva ou não conceder, considerando mesmo que os dinheiros para a manutençao da instituição deveriam ser definidos em Orçamento do Estado.

Denunciados no encontro com os jornalistas foram o desbaratamento das obras entradas no domínio público e que só favorecem as casas editoras (chegou-se ao ponto de se fazerem dos escritores mortos mecenas culturais, disse-se ontem) e o uso ilegal de criações de escritores vivos nos livros escolares, sem sequer lhes pedir uma autorização formal. Uma solução para as dificuldades financeiras da APE seria, por exemplo, que uma percentagem fixada desses lucros revertesse para a instituição, permitindo-lhe a continuação e aprofundamento das suas funções.

A APE pediu ao Estado 500 contos para poder continuar as suas actividades, e Carmo Francisco, tesoureiro da Associação, considera mesmo que há condições para tal quantia ser adiantada. «Não há é vontade política», disse. O Fundo de Fomento Cultural, acrescentou na altura, recebe do Totoloto nem menos do que 35 mil contos, verba à disposição de Teresa Patrício Gouveia.

Só 2000 contos entende a secretária de Estado conceder à APE e em consequência se até lá a situação não for alterada, as suas portas fecham-se, como já aconteceu certa vez com a Sociedade Portuguesa de Escritores. Na época, foi à bastonada, por mão da Pide, agora é a lógica política do dinheiro que se impõe.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
PORKY'S
(interdito men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5
CAMINHOS DE FOGO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70
O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Avila
— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA (A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

LUXÚRIA
Porno
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

VAI PELA SOMBRA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

UMA CENA DO FILME BRASILEIRO «ÓPERA DO MALANDRO» — PRÉMIO DE REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO. LETRA E MÚSICA DE CHICO BUARQUE. INTERPRETAÇÃO DOS MAIS DESTACADOS ARTISTAS DA CANÇÃO, DA MÚSICA E DA TELENOVELA BRASILEIRA.

Capitólio
— T. 372358

A MAGIA DO PRAZER
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA — 4
(A PATRULHA DO CIDADÃO)
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30, 21.30 h

Cinebolso
ORGIAS DE ADOLESCÊNCIA
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AS SÔFREGAS
(maiores 18 anos)
(Porno)
23.30 h

Cine Camões
T. 324194

TARZAN — O HOMEM MACACO
(não acons. men. 13 anos)
14,15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

O DESTRAVADO DO TAXI AMARELO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A ILHA DOS URSOS
(maiores 18 anos)
24 h

Cinemateca
AELITA
18.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amália
PARA ALÉM DAS MURALHAS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheik
O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

CONTA COMIGO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h

Condes
— T. 322523

A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

PRIMAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

OS AMIGOS DE ALEX
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

BARRY LINDON
(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Fórum Picoas
— T. 541037

AOS NOSSOS AMORES
(maiores de 16 anos)

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.30 h

Sala 3
O LUTADOR
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009

DUNA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Império
— T. 555134

A PATRULHA DO CIDADÃO
(Academia de Polícia IV)
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
VAI PELA SOMBRA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 1
COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

AMADEUS
(maiores 12 anos)
14.00, 17.30 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

O GUERREIRO DA ESTRADA
(maiores 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

A MARATONA SEXUAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

CRISTINE — O CARRO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21 h

Politeama
T. 326305

SÍNDROMA DE OMEGA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CAÇADORES NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
24 h

Sala 2
A GUERRA DAS ESTRELAS
(maiores 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 3
TAXI DRIVER
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FESTIVAL ROCKY DE TERROR
(int. 13 anos)
23.45 h

Sala 1
POLICE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ROMA CIDADE ABERTA
(não acons. men. 13 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

PRIMAS
(não acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

SAIAS PARA CIMA... A TROPA ESTA EM BAIXO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA IV
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

A ÚLTIMA VISITA
(maiores 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

A FLOR DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

PORKY'S
(interdito men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

LOUCA POR SI PROFESSOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

CAÇADA SANGRENTA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinecentro — «A Lei de Murphy», às 21.00 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Procura-se Morto ou Vivo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Bobiónio — «A Patrulha do Cidadão» às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Caminho de Fogo», às 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso do pessoal

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Perigosamente Juntos», às 21.30 h (maiores 18 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Fogo contra Fogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Filhos de Um Deus Menor», às 17 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «O Massacre», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Bando da Mão», 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Costa do Mosquito», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Selvagem e Perigosa», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Viúva Negra», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Crocodilo Dundee», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Veludo Azul», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Tarados do Espaço», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Chave do Ciúme», às 15.45 e 21.30 h (maiores 18 anos)
Sala 2 — «A Mulher do Patrão», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Viver e Morrer», às 15.00 e 21.15 (maiores 16 anos)

FOTOGRAFIAS DE ANÍBAL SEQUEIRA

«Ver e criar para mostrar e ver» é a designação da mostra de 100 fotografias a preto e branco da autoria de Aníbal Sequeira, patente no espaço da mãe de água das Amoreiras, em Lisboa, até ao próximo dia 26, de terça a sexta das 13 às 17 horas, e aos fins de semana das 10 às 17.

Trata–se de uma exposição retrospectiva de Aníbal Sequeira, que desde 1960 se dedica à fotografia como forma de expressão artística. Nascido em Lardosa (Castelo Branco) em 1937, é licenciado em Economia pelo Instituto Superior de Economia e quadro técnico da EPAL.

Aníbal Sequeira participou em mais de 1300 exposições nacionais e internacionais e obteve cerca de 600 prémios, sendo de destacar medalhas de ouro e de bronze na Bienal de Zadar (Jugoslávia), Paraíba (Brasil), Lanciano (Itália); medalhas de ouro, prata e bronze em sucessivas exposições em Belgrado (Jugoslávia), Amparo e S. Paulo (Brasil), Nivelles (Bélgica) e ainda medalhas em exposições em Singapura, Tallinn, Andorra, Praga, Odessa, Maglay, Bordéus, Nova Iorque e Hong–Kong.

Centenas de fotografias suas foram reproduzidas em catálogos, álbuns, livros, jornais e «port–fólios» de revistas especializadas, sendo a paisagem, a fotografia humana, o nú, o retrato, o Homem e o seu Ambiente as suas temáticas preferidas.

Sobre a sua arte, disse em 1977 Aníbal Sequeira: «Fotografia é, para mim, o meio de que me sirvo — ia a dizer ferozmente — para interpretar a vida que me cerca — a minha vivência — para transmitir e estar em contacto com os meus semelhantes. É uma linguagem por intermédio da qual «viajo» a todos os cantos do Mundo e através dela «digo» ao chinês e ao lapão o mesmo que ao espanhol, meu vizinho, ou ao neozelandês, meu antípoda. Nem fronteiras geográficas, nem técnicas ou temas restritos — o Homem vivo, apenas».

TEATRO

ESCOLA SECUNDÁRIA Nº 2 DOS OLIVAIS: alguns professores desta escola formaram um grupo de teatro no príncipio deste ano lectivo. O texto escolhido para o trabalho foi «Castro», de António Ferreira. A encenação está a cargo de António Branco, fundador e ex-actor do Teatro do Mundo, que faz parte do corpo docente daquele estabelecimento de ensino. A adaptação do texto chama-se «Castro em Toda a parte...». O espectáculo está em cena até ao dia 11, no anfiteatro da escola, todas as noites pelas 21 e 30 horas.

Isabel Bilou, João Sérgio Palma, José Alegria, José Caldeira, José Russo, Rosário Gonzaga e Victor Zambujo. No dia 11 «Escola das Mulheres» é apresentada em Viana do Castelo, no Teatro Sá de Mireanda, e no dia 13 em Viseu, no Auditório da feira. Depois destes espectáculos, que se integram na digressão da Companhia pelo Norte, o Centro Cultural de Évora leva à cena a sua 66ª produção, a peça «Afonso III».

SETÚBAL: comeca hoje o XII Festival de Teatro de setúbal, uma iniciativa que desde 1975 o T.A.S. — Teatro de Animação de Setúbal — leva a efeito. A abrir o Festival deste ano uma produção do T.A.S., «O Empadão e o Bolo», de António Francês, pelas 19 horas no coreto da Av Luísa Todi. À noite, pelas 21 e 30 horas é a vez do Novo Grupo levar à cena, no Teatro Luísa Todi, «O Jardim das cerejas», de Anton Tchekov.

«Afonso III», próximo espectáculo do Centro Cultural de Évora

TEATRO CARLOS ALBERTO (Porto): continua até ao dia 9, pelas 21 e 30 horas, a apresentação da peca de Molière «A Escola das Mulheres», pela Companhia do centro Cultural de Évora. A peça tem encenação de Luís varela, dramaturgia de Christine Zurbach e interpretação de Alexandre Passos, Álvaro Corte-Real,

CINEMAS

INSTITUO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bívar, 91, Lisboa): é projectado, pelas 18 e 30 horas, o filme «o fim do mundo na nossa cama habitual numa noite de chuva», realizado por Lina Wertmuller, e com interpretações de Candice Bergen e Giancarlo Gianini. Trata-se de um filme apresentado pela Associação para o Planeamento familiar e é desaconselhado a menores de 13 anos.

FORUM PICOAS: o Núcleo de Divulgação de Ciência e tecnologia da JNICT apresenta este mês, sob o título genérico «A Revolução dos Transportes», um conjunto de vídeos em projecção contínua, de segunda a sexta-feira das 12 às 18 horas e aos fins de semana e feriados das 15 às 19 horas. Entre os vários vídeos destacam-se «P.A.C.T. — The Permanent Way», da Grã-Bretanha, «Rotor et Son Royaume», da Franca e «Operation Tunnelier», também da França.

EXPOSIÇÕES

GALERIA DO TEATRO IBÉRICO (Rua de Xabregas, 54, em Lisboa): uma exposição de 23 apinéis de cerâmica de João Branco patente até ao próximo dia 12, todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 15 às 20 horas. A presenca de João Branco no Teatro Ibérico deve-se à ligação do artista com o grupo de Blanco Gil, para quem já executou esculturas, máscaras e adereços para várias peças.

João Branco na galeria do Teatro Ibérico

GALERIA DE ARTE FONTE NOVA (Centro Comercial Fonte Nova, Est. de benfica, 503, Lisboa): está patente até ao dia 17 de Julho a exposição do artista Sam Correia, todos os dias, das 10 às 24 horas.
FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (Rua tenente Valadim, 231/57, Porto): até ao dia 11, das 14 e 30 às 18 e 30 horas, está aberta ao público a exposição de pintura de Maria José Serrano.
JARDIM INFANTIL «O PINTAINHO» (Urbanização Cidivel, lote 14, r/c, Odivelas): Os alunos da 4ª classe, dentro das actividades do ano lectivo 86/87, desenvolveram diversos temas relativos ao Ano do Ambiente, tendo organizado uma campanha de protecção às árvores, subordinada ao tema «o papel velho pode ser matéria prima para o papel novo, desde que aquele fosse aproveitado», sugerindo o aproveitamento em caixas do tipo vidrões (como se faz com o vidro). Desenvolveram-se diversas actividades, entre elas uma carta dirigida ao presidente da Junta de Freguesia de Odivelas. Culminando esta campanha, uma exposição de trabalhos dos alunos nas instalações do jardim infantil, que está aberta ao público até ao dia 11 de Julho, das 15 às 20 horas.
GALERIA MÓDULO (Av da Boavista, 854, Porto): «1.12VR87» é a designação da exposição que está patente na Módulo do Porto e na de Lisboa até 14 de Agosto, de segunda a sábado, das 16 às 20 horas. Trata-se de uma mostra de pintura de Ana Vidigal, Ilda david, João Jacinto, Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Pedro Portugal, Pedro Saraiva, Ruth Rosengarten e Vítor costa, esculturas de manuel Rosa e dos G.A.V.E. e objectos de Xana.
BARÉM (Rua Bartolumeu Dias, 65-69, Lisboa): exposição de pintura sobre o tema «Formas e Formas», da artista Fátima Ribeiro, patente ao público diariamente até 31 de Julho.
GALERIA LAPUB (Rua D. Luís, bloco B-2, r/c, Figueira da Foz): exposição de pintura de Eduardo Nery, patente ao público até ao dia 26. Eduardo Nery é natural da Figueira da Foz, onde nasceu em 1938. Tem desenvolvido a sua actividade profissional no campo da pintura, desenho, gravura, colagem, tapeçaria , azulejaria, design e fotografia. A partir de 1966 realizou vários desenhos de pavimentos, grades metálicas e em betão, painéis e volumes revestidos a azulejo e vitrais. É autor de vários estudos e projectos de cor para a arquitectura e planeamento de cor para grandes conjuntos urbanos.
PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA O serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, juntamente com aquele Palácio, organizaram uma exposição fotográfica sobre a «Área de Paisagem Protegida de Sintra—Cascais». A mostra está patente até 19 de Julho, diariamente das 10 às 17 horas, e aos fins de semana das 10 às 21 horas.

GALERIA DE ARTE ARCADA (Arcadas do Parque, 18, Estoril): inaugurou recentemente esta galeria, com um espaço branco e preto de contrastes lúcidos que sugerem por si a ideia do «jogo», tema da sua exposição de abertura, onde «brincam» cores, formas e conteúdos de obras de António Viana, Ema Berta, Francisco Ariztia, Guilherme Parente, Helena Lousinha, João Queiróz, José Alves, Paiva Raposo, Nelson Cardoso, Rocha Pinto e Rui Azevedo. A exposição pode ser visitada todos os dias excepto segunda-feira, das 11 às 22 horas.

LIVROS

DITEC - ESPAÇO ARTE (Av da Igreja, 46-A, Lisboa): pelas 22 horas a artista plástica Maluda está presente neste espaço para autografar o seu livro «29 Janelas de Maluda».

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueira**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 554995). **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Manuel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681997); **RESTELO - AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491).

REFORÇO — AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO DO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BAIXA: Azevedo Filhos**, Rossio, 31 (T. 327478); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA: Estefânia**,R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); OLIVAIS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote. 534 (T. 333696); **PARQUE EDUARDO VII: Latina**, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044).; Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2234143). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 22 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2431485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Siveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Palmeiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 28521210; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 2802140. Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Até às 22 horas; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Às 21.30

«ROMANCE DE LOBOS», de Ramon Valle-Inclán. Encenação de José Blanco XII. Cenários e figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bolboa. Escolha de J. Mendez. Coreografia de Fernando Lima. Intérpretes: Ruy de Carvalho, João Perry, Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Poliakoff. Encenação de João de Ávila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábado e domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«O DIABINHO DA MÃO FURADA», de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra, Paula de Sousa, Teresa Faria, Maria João Luís, António Gomes, João Azevedo e Luís Tomar.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala Café Teatro

Sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO», de Abel Neves, Carlos Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E O COICE», de Rui Costa Lopes. Ecenação: Carlos Fogaça.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação. Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal da Silva, 9 — Tel. 29130

(Quintas a domingos, às 21.30)

«Boavida» e «O Diploma» de Pirandello, pelo Teatro Animação de Setúbal. Enc.: Carlos César.

Alges — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

5.ª 6.ª e sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 17.00

«B... EM CADEIRA DE RODAS», de Ronald Radde. Pelo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena. Interpretação de Ana Gaspar e Manuela Pedroso.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

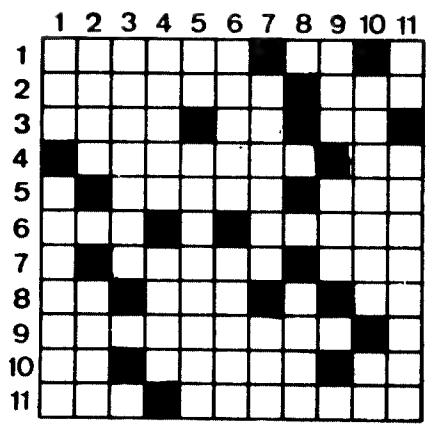
«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17077

HORIZONTAIS:

1 Envangelizar. Em o.
2 Rias sem ruído. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco, usado na Ásia.
3 Palmeira da Amazónia. Duas vogais iguais. Interjeição que exprime admiração (Bras).
4 Espécie de batina eclesiástica. Reis.
5 Vedam. Nome de mulher.
6 Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Manha.
7 agrado. Passada.
8 Preposião. Recusa. Sufixo qe designa estado.
9 Guisaram.
10 Basta. Literato belga autor de um «Dicionário dos Pintores». Medida japonesa igual a dois decilitros.
11 Rogo. Relativos a oásis.



VERTICAIS:

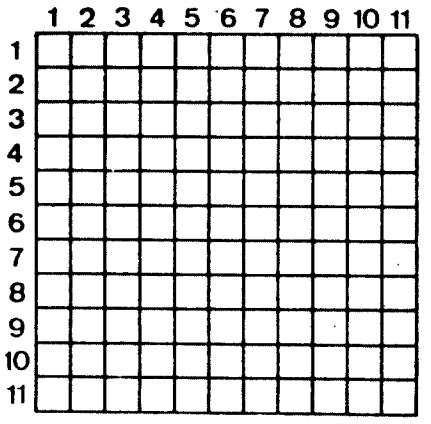
1 Letra grega. Despovoado.
2 Rates. Dividir ao meio.
3 Corrigendas.
4 Engole. Aniversário.
5 Nesse lugar. Atributo.
6 Vassourar o forno depois de aquecido. Censurara (fig).
7 Repressão. Rente.
8 Alambique indiano.
9 Ilha da Polinésia. Acrescentei.
10 Extraviado. Medida japonesa.
11 Gálio (s.q). Ordenados.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15903

HORIZONTAIS:

1 Antiga província da Palestina, principal teatro das prédicas de Jesus Cristo. Prasiodímio (s.q).
2 Preveniram. Isto é.
3 Lugar onde se arremata o peixe, à chegada dos barcos de pesca. Ratem.
4 Agarrar. Suplico.
5 Gálio (s.q). Teimas.
6 Terceiro. Tamancos.
7 Anéis. Malsim (fig).
8 Serra de Portugal. Bário (s.q). Érbio (s.q).
9 Pessoa muito parecida com outra. Oferecer.
10 Boro (s.q). Retardas.
11 Albergaram por esmola. Apelido.



VERTICAIS:

1 Antiga região da Ásia Menor. Bário (s.q).
2 Antepassados. Furiosos.
3 Dependente da sentença judicial.
4 Rio de França. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
5 Nota musical. Ópera de Verdi.
6 Vagueamos. Prefixo que designa ar.
7 O mesmo que ion. Rei de Israel, marido de Jezabel. Miriare.
8 Amachucados.
9 Mamífero afim da foca, e próprio das regiões polares. Viração.
10 Letra grega. Gálio (s.q). Estavas.
11 Apoiar. Apelido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17076

HORIZONTAIS:

1 VOSSA. Atra.
2 Açora. OBRAS.
3 Tola. Eito.
4 És. Saul. Na.
5 Teimara.
6 Salema. Res.
7 Dobam. Coem.
8 Imã. Ovários.
9 Recoso. Só.
10 Aias. Sor.
11 Ossos. Magas.

VERTICAIS:

1 Vatel. DIRÃO.
2 Ocos. Someis.
3 Sol. Cabaças.
4 Sras. Lá. Oso.
5 Aa. Atemos.
6 QUEM. VÓS.
7 Liaça. Om.
8 Abé. Orara.
9 Trinarei.
10 Ratarемos.
11 Aso. Ás. SOIS.

PROVÉRBIO: Vossas obras dirão quem vós sois.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15902

HORIZONTAIS:

1 Ar. Agá. Bade.
2 Teias. Amaras.
3 Limasses.
4 Atais.
5 Na. Clarão.
6 Traias. Tem.
7 Ai. Sm. Cró.
8 Armou. Al.
9 Cs. An. Amada.
10 Arderas.
11 Mu. Aéreo. Ms

VERTICAIS:

1 Atlanta. Cem.
2 Rei. Árias.
3 Imã.
4 AAA. Cismara.
5 Salamonde.
6 Aas. Ás. Er.
7 Mear. Are.
8 Basta. Romão.
9 Ar. Aoto. Ás.
10 Dami. Ad.
11 És. Simulais.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **17.00**: Campanha eleitoral; **18.00**: Campanha eleitoral; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Imaginário; **22.00**: Campanha eleitoral; **22.30**: Campanha eleitoral; **23.00**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.30: Compositores portugueses; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Cancioneiro popular português; **17.25**: Sonata, em dó menor, de Pescetty; **18.40**: Concerto de câmara; **19.00**: Integrais; **19.26**: Sonatas, op. 13, «Il Pastor Fido», de Vivaldi; **20.40**: Obras, para oboé; **21.00**: A ciência e a vida; **21.30**: Canções, de Carl Löwe; **22.00**: Estes sons, esta linguagem; **22.30**: Música programática; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.35**: Concerto nocturno; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultado; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Propaganda eleitoral; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Propaganda eleitoral; **22.00**: Propaganda eleitoral; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Propaganda eleitoral; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

TELEVISÃO

RTP

15.00 - Matinée

«Que o Diabo Seja Surdo»: Um ventríloquo não consegue controlar o boneco com que trabalha... e com razão, porque, no interior estão escondidos alguns planos ultra-secretos roubados por espiões internacionais...

Intérpretes: Danny Kaye, Mai Zetterling, David Burns, Torin Thatcher, Leen Askin, Abner Biberman, Steve Geray e Gavin Gordon.

Realização de Norman Panama e Melvin Frank.

16.45 - Documentário

17.00 - Brinca Brincando

«Fábulas da Floresta Verde»

17.30 - Estádio

18.02 - Sumário

18.25 - A Família Bellamy

1º Episódio: James Bellamy está na frente de batalha e Richard e Hazel aguardam ansiosamente que ele mande notícias.

Quanto a Lady Prudence, insiste com Hazel para a ajudar no serviço voluntário. Hazel acaba por concordar em receber em sua casa uma família de refugiados belgas. Depois de findos todos os preparativos para o alojamento, o espanto é enorme quando a família chega.

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa do Dia

20.05 - Boletim Meteorológico

20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República

«CDS», «PS» e «MDP/CDE»

20.45 - Dona Santa

6º Episódio: Dona Santa contrata uma empregada, Maria Clara, para ajudar Dilela que, em sua opinião, está a ser sacrificada por ter de fazer sozinha os serviços domésticos e ainda por cima cuidar de Sidney e Margareth. O padre Ferdenuto recebe uma carta de Timóteo, o sobrinho que estuda em Londres, avisando-o que irá passar alguns dias na sua companhia. No segundo dia de trabalho, Maria Clara é despedida por Dona Santa, a quem chama de cafona por ter discutido com um feirante. Ao ler o jornal, o padre Ferdenuto descobre que Frei Severino, que relizara o casamento de Dilela e Sílvio, era um impostor e está preso. Assim, todos os ofícios celebrados por ele perderam a validade e, portanto, o casamento de Dilela e Sílvio não pode ser considerado como verdadeiro. O padre Ferdenuto vai a casa de Dona Santa para conversar com Sílvio e marcar uma nova data para ele celebrar um novo casamento entre ele e Dilela. Acontece que Sílvio, que também já lera a notícia, começa a arquitectar um plano e diz ao padre Ferdenuto que não precisa de se casar novamente. Todos ficam num perfeito estado de espanto, e mais ficam quando Sílvio diz que formará uma nova família, unindo-se a Maria Clara, que voltará à casa para receber os seus direitos trabalhistas. Só que Sílvio não esperava que o sobrinho do padre chegasse da Europa. É aí o cenário vai alterar-se.

21.35 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu

«PSD», «PCTP/MRPP» e «UDP»

O 4º episódio da série «O Detective»,

22.05 - O Detective

4º Episódio: A visita de Crocker a Blankennal revela algumas provas circunstanciais contra o Ministro, mas o grupo de investigação da Scotland Yard tem os olhos postos em Crocker e Wilf. Quando este, repentinamente, se afasta por doença, Rosemary, a principal testemunha, desaparece e o Major Naughton do M15 dirige-se para a casa de Mrs. Burton.

23.05 - Notícias

RTP 2

17.16 - Os Imigrantes

13º Episódio

18.05 - Countdown

19.05 - Simon Show

20.05 - Modelo e Detective

6º Episódio: Apesar da oposição inicial de Maddie, David faz um negócio com uma agência de cobrança de dívidas para actuar como cobrador e ambos acabam envolvidos numa perigosa intriga internacional.

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Sarilho com Elas

6º Episódio

21.35 - Cinema Dois

«Uma Rapariga Frágil»: Trata de Béatrice e Maryléne que trabalham num salão de cabeleireiro. Entre a rotina do trabalho e a da casa, não sobra grande espaço para uma vida afectiva harmoniosa. Mais do que isso, Béatrice parece ter-se instalado num desespero passivo de quem já não acredita na possibilidade de

13º episódio da telenovela «Os Imigrantes»

qualquer acontecimento empolgante na sua existência. Enquanto Maryléne vai coleccionando conquistas e desgostos, Béatrice parece encontrar em François uma réstea de esperança para vencer a sua solidão.

Interpretação: Isabelle Huppert, Yves Beneyton, Florence Giorgietti, Anne-Marie Duringer e Jean Ché.

Realização: Claude Goretta

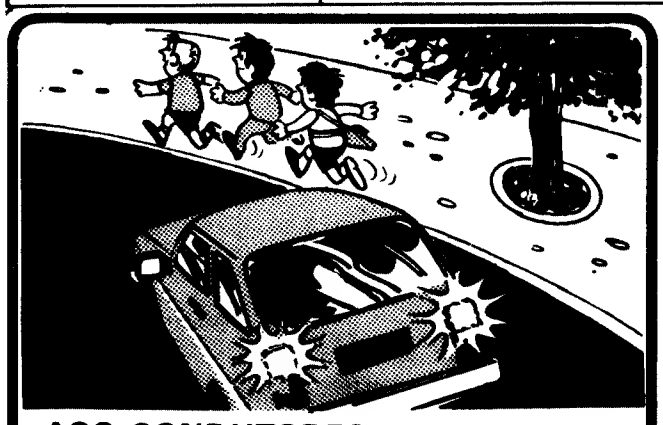
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Sumário
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
14.00 - Foi Êxito na TV
15.00 - Clipomanias
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Estádio
18.30 - Sumário
18.35 - A Família Bellamy
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
20.40 - Dona Santa
21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
22.00 - Vamos Jogar no Totobola
22.10 - Lotação Esgotada
00.20 - Notícias

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Sarilho com Elas
22.00 - Paródia
22.30 - Música na América



AOS CONDUTORES

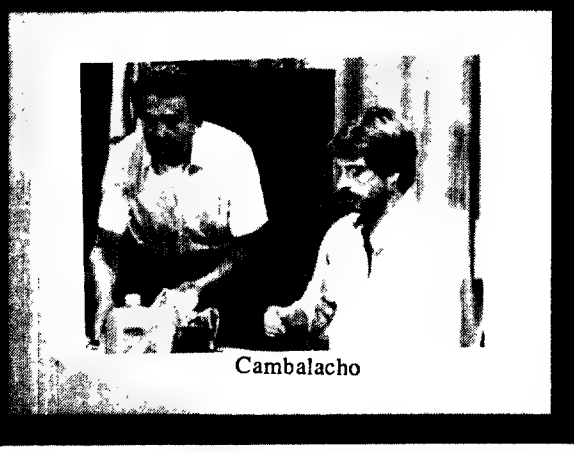
"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — O Detective

RTP 2 — Sarilhos com Elas



Cambalacho

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 41 97 52

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 - 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da norte (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

A Comissão Directiva da Bolsa de Valores do Porto decidiu suspender, a partir de hoje, a cotação das acções da Penina alegando com a má situação económica da empresa. À semelhança do que aconteceu com a Lisnave, a bolsa nortenha entendeu que a empresa deixou de reunir os requisitos necessários para se encontrar cotada no mercado oficial de acções e que não reunia as garantias necessárias aos seus accionistas.

Nas barragens portuguesas

Reservas hidráulicas menores que em 1986

As reservas hidráulicas armazenadas pelas barragens portuguesas correspondiam no dia 1 deste mês a 1293 milhões de KW/h, menos 15,3 por cento que em igual período do ano anterior.

As albufeiras e barragens encontravam-se, neste período, a 56 por cento da sua capacidade máxima, contra 66 por cento em 1 de Julho de 1986.

As centrais hidráulicas nacionais, na semana de 25 a 1 de Julho, produziram 93,1 milhões de KW/h, enquanto no mesmo período do ano passado esse valor atingiu 111,3 milhões de KW/h.

Nesta semana, a energia eléctrica produzida pelas centrais térmicas foi de 220,8 milhões de KW/h, quando em período homólogo do ano anterior não excedeu os 174,9 milhões de KW/h.

Assim, de 25 a 1 de Julho último, assistiu-se a um aumento da produção térmica de energia eléctrica e a um decréscimo da produção hidráulica.

Inundações na Baixa de Vila Real

A trovoada e a chuva que ontem assolaram a região de Vila Real porovocaram inundações na Baixa da cidade e prejuízos ainda não avaliados em algumas culturas.

A trovoada, que se desencadeou cerca das 19 horas, acompanhada de chuvas torrenciais, originou também bloqueios no trânsito automóvel, com interrupção da via rápida Vila Real-Campeã, devido ao arrastamento de pedras e areia.

As pontes de Vila Real não suportaram o fluxo das águas pluviais, pelo que o trânsito se desenvolveu com extrema dificuldade.

A pronta intervenção dos bombeiros logrou a desobstrução de estradas, pontes e viadutos.

A situação do trânsito foi considerada normal cerca das 21 horas pelos Bombeiros Voluntários de Vila Real, que disseram ser de pouca monta os prejuízos causados na cidade pelas inundações.

Rua D. João V tem alterações de circulação e parqueamento

Por se iniciar a execução de um tapete betuminoso na Rua D. João V, até ao próximo dia 22 de Julho, será proibído o parqueamento ao longo daquela artéria, segundo informou o Município.

De igual modo, a circulação de qualquer tipo de veículos no sentido nascente-poente está proibída, enquanto que as carreiras da Carris que percorriam esta artéria, passarão a circular pela Rua das Amoreiras.

Lotaria Popular

1º—574207.....	1 000 000$00
2º—256260.....	250 000$00
3º—544419.....	150 000$00
4º—598772.....	100 000$00
Números terminados em **207**	50 000$00
Números terminados em **260**	10 000$00
Números terminados em **419**	2 500$00
Números terminados em **772**	1 000$00
Números cujos dois algarismos finais sejam **55** ou **88** e **89** e **94**	500$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.!

DECARAS

CHE GUEVARA, de seu nome completo Ernesto Guevara de la Serra, no passado dia 14 de Junho, se fosse vivo, teria completado 59 anos. Cuba vai promover, de agora até 15 de Junho de 1988, um ano de estudo da acção e do legado teórico do bravo combatente da guerra de libertação e do homem de Estado que, por coerência revolucionária, abandonou funções e honras para morrer combatendo nas montanhas bolivianas. A data dos 60 anos do seu nascimento culminará as comemorações do «Ano Che Guevara».

MELINA MERCOURI, ministra grega da Cultura e actriz, segue hoje para Rodes, a fim de estudar o caso do punho esquerdo, domingo retirado das águas do mar Egeu, já perto da costa turca. O seu colega da pasta da Marinha, Stathis Alexandris, havia dito que aquele pedaço de mão poderia muito bem ter sido da estátua de 30 metros de altura que hé perto de 2.300 anos fora erguida à entrada do porto de Rodes e passara a ser conhecida como «O Colosso». Depois de uma reunião efectuada ontem com Alexandris, a intérprete do filme «Nunca ao Domingo» disse que, segundo o local, o tamanho, a textura e a forma do objecto de pedra retirado do leito do mar, não existem provas de que se trata do Colosso de Rodes, uma das sete maravilhas da antiguidade. No entanto, a ministra da Cultura acrescentou que o Departamento Nacional de Arte Antiga vai estudar cuidadosamente o assunto e que depois divulgará o resultado.

ALBERTO JOÃO JARDIM, presidente do Governo Regional da Madeira, visitou ontem o concelho de Machico, onde procedeu à inauguração de novos melhoramentos, no âmbito da rede viária local, no montante de 40 mil contos. Jardim deslocou-se àquele concelho onde visitou as obras de reparação e pavimentação do caminho municipal da Ribeira, tendo presidido ainda à inauguração do primeiro atelier de artes plásticas do concelho. No Centro de Extensão Rural o chefe do Governo Regional presidiu à cerimónia de entrega de diplomas de fim de curso às alunas das áreas de costura e culinária.

IVAN LINS acaba de ter reeditado em Portugal um álbum com «o melhor» da sua obra, uma semana depois de se ter apresentado ao vivo em Lisboa, Porto e Albufeira. O álbum do cantor brasileiro contém 12 faixas, todas da sua autoria e de Víotr Martins, entre as quais «Somos Todos Iguais Nesta Noite», «Começar de Novo», «A Noite» e «Novo Tempo».

ARISTIDES PEREIRA, Presidente de Cabo Verde, fez um apelo à «unidade e concórdia nacional», salientando que sem a confiança do povo não se teria feito tanto em tão pouco tempo. Aristides Pereira, que discursava na ilha de Santo Antão, este ano designada para acolher as comemorações centrais do 12º aniversário da independência, disse que todos os cabo–verdianos deviam sentir uma «justa alegria do dever cumprido». «A conquista mais preciosa da independência é a dignidade que se lê na cara de cada um, cidadão livre da nossa terra», considerou.

MICHAEL JACKSON terá o seu novo disco — um single — editado em todo o mundo, incluindo Portugal, no dia 27 deste mês — disse à agência Lusa uma fonte da editora. Com produção de Quincy Jones, o single tem por título «I Just Can't Stop Loving You», e no lado B «Baby Be Mine». O álbum — «Bad» — é ditado também mundialmente (com inclusão de Portugal) no dia 31 de Agosto. Há mais de dois anos que Michael Jackson não gravava qualquer disco. O seu último, «Thriller», tinha saído em 1985.

Portugueses vão mais a Espanha

Mais de dois milhões e meio de portugueses visitaram a Espanha durante os cinco primeiros meses deste ano, ou seja, mais 4,8 por cento em relação ao mesmo período de 1986 — revelaram fontes da Secretaria de Estado do Turismo.

Nos cinco primeiros meses deste ano visitaram a Espanha 2 587 707 portugueses, 118 990 mais do que no mesmo período de 1986, o que significa um aumento de 4,8 por cento.

Em Maio deste ano entraram em Espanha 524 885 portugueses, 26 862 mais do que no mesmo mês de 1986, o que equivale a um aumento de 5,4 por cento.

Em relação aos cinco primeiros meses deste ano, Portugal está em segundo lugar a seguir à França como país de origem de visitantes de Espanha.

Em Maio, a Grã-Bretanha foi pela primeira vez o principal mercado do turismo espanhol, com 904 341 visitantes, seguida da França com 868 656, da Alemanha Federal com 544 106 e de Portugal com 524 885.

Nos cinco primeiros meses deste ano entraram em Espanha 13 798 050 turistas estrangeiros — um aumento de 10,2 por cento (1 279 166 pessoas).

Durante esse período, só não aumentou o número de turistas procedentes da Argentina, Brasil, Canadá e México.

As estatísticas mostram uma recuperação da entrada de norte-americanos com um aumento de 13,1 por cento (273 mil pessoas).

As receitas aumentaram 24,7 por cento em dólares nos primeiros quatro meses deste ano totalizando 3,444 milhões, em pesetas as receitas nesse período elevaram-se a 442 389 pesetas, um aumento de 9,6 por cento.

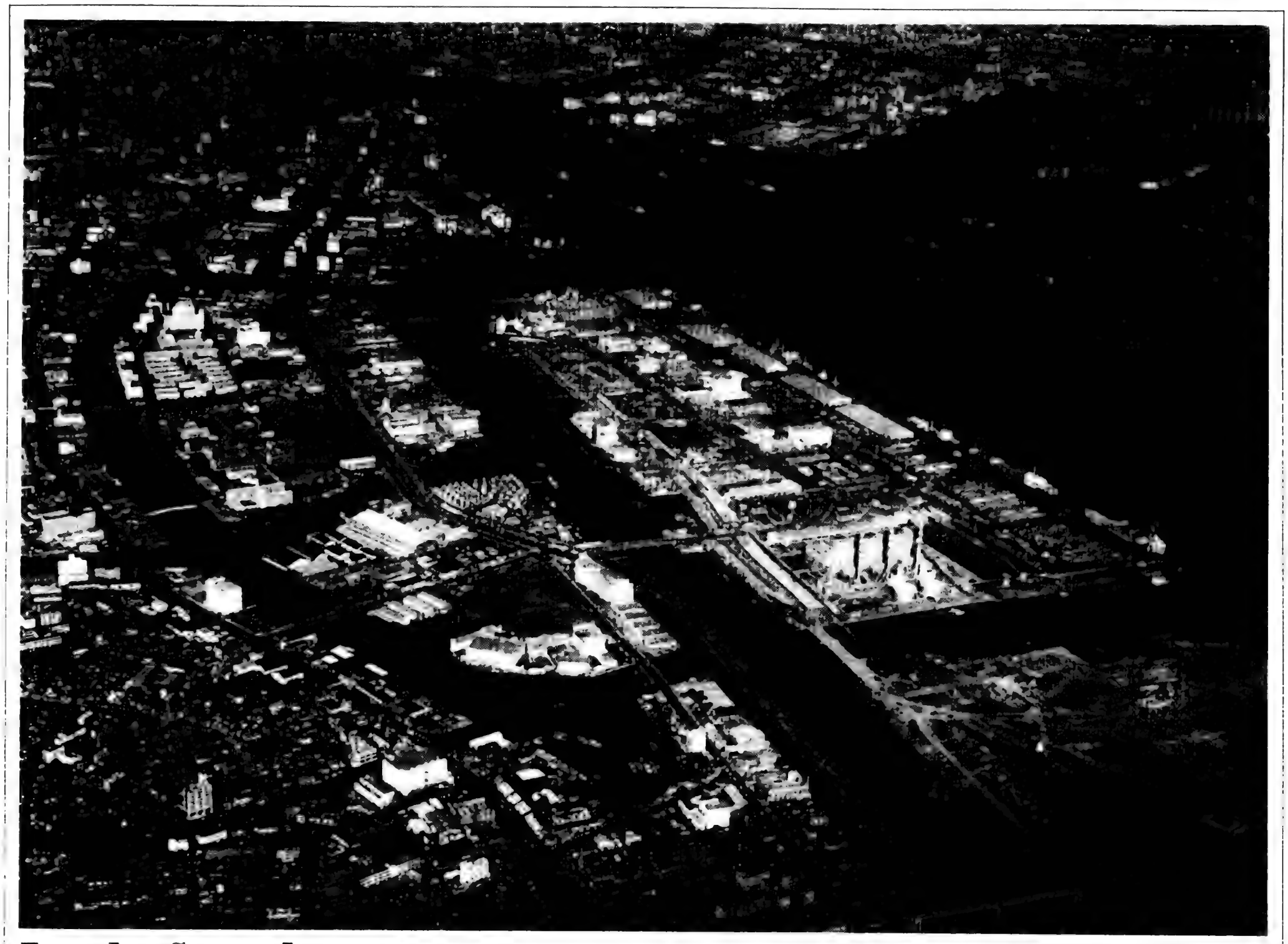
Novas moedas de 10 escudos

O Banco de Portugal anunciou a circulação de novas moedas de 10 escudos comemorativas da Campanha Europeia para o Mundo Rural. O limite da emissão desta moeda comemorativa é de 20 mil e 700 contos.

A moeda representa o emblema da Campanha Europeia para o Mundo Rural, orlado por 12 estrelas e circundado pela legenda «Conselho da Europa — Mundo Rural».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.



Implosão urbana – situação caótica ou controlada?

Págs. 6 e 7

NO seu último número, conforme o LerEscrever noticiava quinta-feira passada, a revista *Terra Solidária*, do CIDAC, publica cinco «dossiers» sobre problemas demográficos. E desse número que extraímos o texto de Marie Paule de Pina sobre a implosão urbana, que o *Sete Ponto Sete* hoje publica. Razões do crescimento das cidades e suas modalidades, formas de o enfrentar, casos como o da Ciudad de México, que dentro de uma dúzia de anos será a maior metrópole do mundo com 30 milhões de habitantes, são o tema aqui abordado.

Retratos no Teatro

Listopad, um homem extremamente ocupado

Pág. 2

Festival de Avignon 1987

O terrível incómodo do Pátio de Honra

Pág. 3

Retratos no Teatro

Jorge Listopad

Por Manuel Cintra

Chega um pouco atrasado. Explica que o telefone não parava de tocar. Foi difícil, conseguir marcar este encontro. Jorge Listopad é um homem sempre muito ocupado, sempre ligado a vários assuntos da cultura portuguesa, parece nunca parar. Se não está num desses sítios, é em geral porque está a caminho de um para outro. E no entanto, seja qual for a pressa, chega sempre como agora, com um ar um pouco distraído, um pouco sonhador. Parece-me a mim que é a sua maneira de estar atento. De estar um pouco à distância, sabendo exactamente tudo o que lhe interessa saber. Não mais. E com tudo aquilo que faz, Listopad é sem dúvida inquietante, no monótono panorama da cultura portuguesa.

Um homem extremamente ocupado

LISTOPAD, é, como se sabe, de origem checoslovaca, e quando lhe peço que me fale da origem do teatro na sua vida, mostra isso como um fenómeno natural, uma vez que no seu país todas as crianças vão normalmente ao teatro desde muito cedo, e embora reconheça que talvez ele tomasse mais gosto pelo teatro que outros, o caso é que com treze ou catorze anos já conhecia, tal como muitas crianças dessa idade, **grande parte** do reportório clássico. Foi com essa idade que pela primeira vez dirigiu um grupo de jograis, actividade que estava então na moda. Nunca chegou a ter tendência para estar do lado de quem é dirigido. Nunca quis ser actor. Quando, aos dezassete anos, com um grupo de amigos, fez a sua primeira encenação teatral, montando debaixo de uma bela ponte de Praga «Albergue Nocturno» de Gorki, a sua inclinação para a encenação surgia-lhe naturalmente. Chama-me a atenção para o facto de já na altura ter tirado partido de um espaço não teatral para aí fazer teatro, como tem tornado a fazer por vezes nestes últimos anos. Ele e os amigos limparam aquela zona debaixo da ponte, onde normalmente vinham dormir vagabundos, alguns dos quais continuaram a fazê-lo, como que integrando-se no espectáculo. Diz-me que tinha as noções básicas do ofício de encenador. Não sabe como, mas tinha.

É certo que havia um ambiente cultural em sua casa que ia ao encontro destas tendências: lembra-se que o pai, embora não soubesse cantar, cantava ópera em casa, tinha um tio que tocava violino, um avô que foi editor de livros, e desde muito cedo contactou com pessoas ligadas ao meio artístico. Nos anos seguintes, dedicou-se muito á escrita, como ainda hoje se dedica. Começou a publicar muito cedo. Uma peça radiofónica que tinha enviado foi aceite. No exame final do liceu, perguntaram-lhe até se era da família daquele que publicava contos nos jornais, tendo explicado que era ele próprio. Fala-me de aventuras.

De tudo o que fez como de aventuras, de coisas diferentes e conseguidas como diferentes, sempre com um toque de orgulho em as ter vivido, assim como naquelas que vive agora. Fundou, com amigos, um jornal que ainda hoje existe e com uma tiragem bastante grande, e que dirigiu durante algum tempo.

— Isso tomou-me um trabalho terrível. Foi depois da guerra, em 9 de Maio de 1945, com alguns camaradas com quem vivi em clandestinidade. Lançámos o jornal, foi o primeiro jornal livre a estar na rua. Tinha 150 mil exemplares. Ainda hoje tem 120 mil. Chamava-se «Frente dos Jovens». Foi um jornal independente, pode-se dizer que radicalmente de esquerda, mas que não foi de partido nenhum. No primeiro número, vinha na primeira página um poema de Pasternak, o que não foi muito bem visto na altura pela União Soviética.

Depois de terminar os seus estudos de filosofia em Praga, mudou-se para França, onde foi adido cultural na Embaixada, sendo seguidamente na Televisão francesa que trabalhou, fazendo um pouco de tudo: luz, som, assistência de realização... Diz não ter gostado nada do teatro que então se fazia em França, onde na altura havia pouco teatro de pesquisa. Depois desses dez anos de trabalho na Televisão francesa, veio para Portugal, onde quase de imediato o convidaram a trabalhar na Televisão portuguesa, nos estúdios do Porto, onde viria a realizar um grande número de peças de teatro, campo em que como se sabe, ao contrário do que faz agora, a Televisão portuguesa foi, nesse tempo, muito activa. Realizou assim peças de Lessing, Gogol, Dostoievsky...

Até que o convidaram para vir encenar, já não para a televisão, mas como espectáculo público, «O Diário de um Louco», de Gogol, com Jacinto Ramos, que teve na altura grande sucesso. Depois disso ficaria em Lisboa, onde a par da sua actividade jornalística e televisiva, continuaria até hoje a encenar peças para o teatro. Refere que ainda no Porto, onde colaborou no «Comércio do Porto», com artigos sobre literatura e sobre acontecimentos culturais, chamando a atenção de que não perdeu nenhum dos espectáculos de António Pedro.

No que diz respeito às suas encenações, acha que mesmo quando são encomendas, tenta transformá-las em criações. Embora o teatro não seja poesia porque a poesia acontece e o teatro tem que ser longamente elaborado até acontecer, ele tenta viver as suas encenações num estado poético, tendo bem a consciência de que o teatro acontece nquele sítio e naquele lugar, nunca tornando a repetir-se. Vinca bem que sente uma emoção especial pelas coisas que acontecem e depois desaparecem. Diz ser por isso que gosta de escrever para os jornais. Eu não estou de acordo com esse desaparecimento e pergunto-lhe, a propósito, como vê as suas funções de crítico de teatro. Listopad mostra-se pouco disposto a assumir-se como crítico. Acha que o Carlos Porto, ao contrário de si, é crítico a sério. É uma pessoa documentada, faz as coisas com rigor. Ele, Listopad, escreve sobre os espectáculos, sempre de uma maneira diferente sobre cada um, segundo o que cada um lhe sugere. Diz por vezes fazer uma análise rigorosa, outras vezes completar pela poesia, outras vezes usar o humor, tentando surpreender o leitor. Diz estar muitas vezes em desacordo com um espectáculo ou parte dele, mas querer sempre dizer a verdade, sem ofender directamente ninguém. Acha que é, neste caso, uma vantagem ter estado do outro lado, saber o que custa fazer teatro, que mesmo quando falha, mesmo teatro mau dá muito trabalho e muito esforço. E que nas afirmações que faz, sabendo a diferença que em teatro existe entre o que se quer fazer e o que se perde até a obra estar pronta, nunca quer ridicularizar ou ofender ninguém.

Em relação a este ponto, eu não estou totalmente de acordo. É verdade, de certo modo, em relação às críticas como às suas outras actividades, aquilo que afirma, a vontade de fazer, o lado poético, o empenho. Mas também em todas estas actividades e na crítica teatral em particular, pois embora não se autodefina como um crítico propriamente, no fundo cumpre essas funções, Listopad por vezes não é nada directo nem simples. Será por vezes delicado ao não o ser, mas também muitas vezes o seu humor chega a ser cruel, ofensivo, por muito que diga que não quis ofender ninguém. Lança pistas, alude a coisas e escreve por vezes de um modo tão retorcido que não se chega a ter a certeza do que queria dizer. O caso é que diz, pelo caminho, muitas coisas verdadeiras para a sua verdade, e muitas outras que a mim pessoalmente me irritam imenso, me revoltam por vezes. Acho-o interessante, inquietante, ousado e cobarde, justo e injusto. Seja como for, nada disto me parece um mal. Uma pessoa assim é extremamente útil e revitalizante na vida cultural de um país. Porque incomoda, porque provoca, faz rir ou sorrir, por vezes pensar, por vezes irritar. E não deixa de ser fascinante o ar tranquilo que tem quando se sabe tudo o que faz, e a maneira como diz que se sente bem, que encontra um equilíbrio possível fazendo teatro, actividade colectiva, e depois, poder-se recolher na escrita, actividade mais solitária e que o apaixona desde sempre. E gosto quando diz que não é encenador mas poeta de encenação, coisa que se sente em espectáculos seus como, por exemplo, «O Fim» de António Patrício, que pela segunda vez encenou, no Centro de Arte Moderna, no ano passado. E do ar seguro com que afirma estar convencido que surgiram coisas nesse espectáculo que antecipavam o que se vai fazer nos anos futuros, no teatro, em Portugal.

Falamos ainda do seu programa mensal sobre teatro, que dirige actualmente na televisão. Diz que o faz com muito gozo, não deixando de o fazer a sério, e mostra-se desejoso de mostrar àqueles que não vão ao teatro, que o teatro é outra coisa. E fala desse programa como de uma coisa que gosta de fazer com humor, mas também com seriedade, para mostrar aos outros, coisas que pra si merecem atenção.

É um poeta bizarro. Afirma-se franco, mas surge sempre envolto de uma certa dose de mistério. Se lhe perguntasse, talvez dissesse o contrário, mas adivinho que não lhe é desagradável que esse mistério lhe pertença.

Quando me explica que resiste muito à ideia de deslocar espectáculos a espaços diferentes daqueles em que foram criados, quando insiste na beleza do aspecto efémero das coisas, eu compreendo melhor porquê a sua actividade tão múltipla. Listopad tem também dirigido o grupo de teatro da Universidade Técnica, que já vai na segunda leva de actores, que se estrearão dentro de dias com a peça «Cristóvão Colombo», de Michel de Ghelderode. Pergunto-lhe se não é um pouco «pai» desses jovens amadores que dirige. Responde-me que há muito essa ideia de pai, em Portugal. Que eles têm muita tendência de o considerar assim, mas que acha mal. Mas algo haverá neste homem que lhes inspire essa segurança. Será o seu lado poético, ou o seu rigor? A sua verdade ou a dos outros?

Listopad escreveu há anos um livro cujo título me parece adequado à sua pessoa: «Labirinto Progressivo». Aqui estaremos a assistir, por vezes por fora, outras por dentro, mas certamente sem poder ficar indiferentes, sem deixar de nos perder por vezes nas curvas e contracurvas imprevistas desse labirinto.

Jean Vilar

Avignon 87

O Festival de Avignon celebra o seu quadragésimo aniversário. Livros e guias recordam Jean Vilar e as suas grandes horas heróicas, o extraordinário desenvolvimento da Semana Artística de Avignon, a sua notoriedade, a multiplicação dos espectadores. A fidelidade a uma linha de conduta garantiu a longevidade, cheia de avenidas novas, decerto, mas evidente. Uma outra instituição, nascida quase ao mesmo tempo e muito próxima do festival, dá o mesmo exemplo: o Piccolo Teatro de Milão, que Giorgio Stehler continua a dirigir.

Este Festival 87 é assim, e simplesmente, o seguimento dos trinta e nove que o precedem. O seu director Alain Crombecque continua um trabalho assente em dois princípios: a criação e a permanência. Como no princípio, Chaillot está no pátio de honra, com Claudel. Mas num desafio nunca antes tentado: a versão integral do Sapato de Cetim, por Vitez, primeiro sucessor de Vilar apto a alcançar, «na sociedade do teatro, um lugar semelhante ao dele».

Chaillot mais a Comédie Française — mas com peças contemporâneas — e Ludmila Mikael, que deixou Molière para se reencontrar com Vitez.

Ao lado da instituição, as escolas — um símbolo. A de Nanterre, a de Estrasburgo, e, como é hábito, as companhias ditas independentes, que dependem, apesar da sua designação, do dinheiro de outrem. Eis o fresco breve do palco francês, em matéria de sector público. E é a tradição de Avignon, que evolui ao mesmo tempo que o teatro. Como desde há vinte anos — vinte e dois, mais precisamente — a dança e o cinema fazem parte do programa. Menos dança decerto, mas, pela primeira vez, a Companhia Martha Graham; quanto ao cinema, Avignon presta este ano homenagem a Erich Von Strohem o escandaloso, e aos anos 60, que também o foram. É verdade: que resta deles?

Colette Godard

O espinho do Pátio de Honra

CASAIS. Casados, noivos, ou amigos. Rapazes e raparigas que fazem teatro ou sonham fazê-lo, e também estudantes, professores, responsáveis de colectividades, ou gente que faz de tudo, pares de enfermeiras, mecanógrafos, floristas, tudo...

Em cada Julho, eles vêm a Avignon. Não durante o mês inteiro. Quatro ou cinco dias de cada vez. Vêm ao longo das quatro semanas, em sucessivas vagas. Não frequentam predominantemente o Festival oficial: vão ali ao lado, ver alguns dos inúmeros comediantes que se substituem uns aos outros, desde as duas da tarde até ás duas ou quatro da madrugada seguinte, em palcos improvisados, um pouco por toda a parte em Avignon e seus arredores.

Facilmente vêem quatro peças por dia ou mesmo mais, metendo o nariz em tudo para descobrirem as coisas de que gostam. Eles vêm para *gostar*.

Vão-se embora encantados, já com o pé a puxar para o Julho do ano que vem. São os verdadeiros protagonistas, espontâneos, apaixonados, independentes, do Festival de Avignon. Claro que vêm sobretudo dos seis cantos do hexágono francês, mas vêm também de toda a Europa, do Canadá...

Depois, sem contactos com estes amadores fervorosos, há o Festival oficial, consagrado, nacional, com o seu grande corpo de espectadores corporativos. Estes tomam assento, logo para começar, no pátio de honra do Palácio.

O primeiro meio de injectar *punch* ao velho Festival seria sair do pátio de honra, de uma vez por todas. Não há festa, ali. Apesar das suas dimensões, é triste como um poço. E o oceano dos assentos vermelhos desfiguram-no por completo.

O pátio não é uma sala de teatro, não foi feito para isso. A fachada interior do Palácio, diante da qual representam os actores, contra a qual se apoiam cenários e que inspira todas as encenações, não é um pano de fundo longínquo: aliás os seus arcos são sempre *trucados* por dispositivos de cena, como se a arquitectura do Palácio tivesse de ser *iludida*. Eis o que os espectadores institucionais vêem, quando vêem alguma coisa.

Porque há ali centenas e centenas de lugares tão afastados dos espectadores, nas profundezas e nas alturas desse pátio, que esse público não tem dos espectáculos senão uma percepção minúscula, perdida.

Quando Vilar se instalou aqui, nos primeiros anos, era tudo completamente diferente: ele pôs nesse pátio, em viés, apenas um punhado de tubos para andaimes, e o palco era um tablado improvisado em pranchas de madeira. Era uma instalação modesta e leve, de tal modo que as visitas ao Palácio podiam continuar, se se quisesse.

Agora, se contarmos com a montagem e com a desmontagem da grandiosa instalação que custa os olhos da cara, o Festival significa seis meses perdidos para os visitantes do Palácio dos Papas — os seis meses das principais migrações.

O pátio é o cancro do Festival, a sua maldição. Porque, apesar dos custos de montagem e desmontagem da instalação, é ele quem bombeia as finanças de Julho. São dezenas de milhares de lugares vendidos, ano após ano, mesmo se o público, ano após ano, dali sai decepcionado logo na primeira noite.

Para todos os caretas, Avignon é o pátio, do mesmo modo que, para eles, Paris é a Torre Eiffel ou os Invalides. Os responsáveis pelo Festival deixaram-se apanhar nessa ratoeira.

Porque os responsáveis conhecem de cor e salteado os estragos e o absurdo do pátio. Sabem que a solução seria sair dali, ir para outro lado, até mais para dentro do Palácio (há, lá atrás, do lado Urbano V, um grande espaço mais prestável, e com uma parede de fundo mais bonita. Mas não se poderia atafulhá-lo com tanta gente, e além disso lá se ia a tradição do pátio «de honra»: os directores tremem perante a perspectiva de grandes quebras de bilheteira).

Círculo vicioso, como se vê. Tanto mais que entretanto o verdadeiro Festival, os seus verdadeiros acontecimentos, estão noutro lado. Por exemplo, em 1985, o Festival foi o *Mahabharata* de Brook (que anda pelas Ásias agora), e no entanto ali, naquele terreno abandonado, os espectadores eram apenas algumas centenas, bem menos do que no pátio.

Aliás o *Mahabharata* não era representável no pátio gigantesco: era uma coisa demasiado subtil, demasiado cheia de espiritualidade e de *graça*, demasiado bela. Para o pátio, os responsáveis programam o que é espectacular, decorativo, como Lavaudant, ou popular e directo, tangente à vulgaridade, como Besson, ou ainda a artilharia pesada com tambores e barulheira como Mnuchkine, ou as coisas de guarda-roupa mais rico. Os organizadores apelam também, por vezes, para encenadores mais reflectidos e mais interiores como Vitez, mas esses (e os outros também) têm medo do pátio, e vêm para ali fazer máquinas de espanto como *Lucrécia Bórgia*, de Victor Hugo. Os artistas autênticos nunca estiveram à vontade no pátio.

Com o actual escorregamento dos *media* para o abismo e com a supremacia absoluta das vedetas, o cancro do pátio vai agravar-se. No próximo ano, em 1988, Chéreau levará ao pátio Jacqueline Maillan. Talvez seja uma bênção, aliás, porque Jean-Vilar revolver-se-á de tal modo sob a terra que o Palácio deverá desmoronar-se. E então eles terão todos de ir representar para outro lado.

Neste Julho de 1987, como males menores, há Claudel e Vitez.

Vitez não é um idiota: no pátio, ele não arrisca um Claudel de grande altitude como *Tête d'Or*, *La Ville*, ou *Partage de Midi*. Dá-nos o *Soulier de Satin*, genial sem dúvida mas que é uma espécie de «banda desenhada» gigante, um folhetim de fim-de-semana cheio de «suspense» e de aventuras, que lida com coisas conhecidas do público visto que é a história de um certo Rodrigue que consegue cavar o canal do Panamá no século XVI, bem antes de Lesseps e do seu fiasco, embora isso não o impeça de se achar falido ao largo das Baleares, e de ser comprado por dois tostões, com mais uma colecção de antiguidades, pelas irmãzinhas do Socorro católico. As cenas dramáticas do genial melodrama são regularmente intervaladas por outras, cómicas ou apalhaçadas: estamos no regime de pensão completa, há de tudo e a grande poesia só é servida em pequenas doses, quando um anjo ou a Lua vêm dar uma vista de olhos.

Nos anos 60, Hubert Gignoux tinha passeado o *Soulier de Satin* pelos baldios mais ignorados da Lorena e da Alsácia, e foi o delírio. Claro que os espectadores não estavam sentados a quilómetos de distância do palco como estão, em boa parte, no pátio do Palácio.

O êxito de *Mahabharata* serviu de lição: Vitez reitera o golpe das «noites inteiras» que encantam o público.

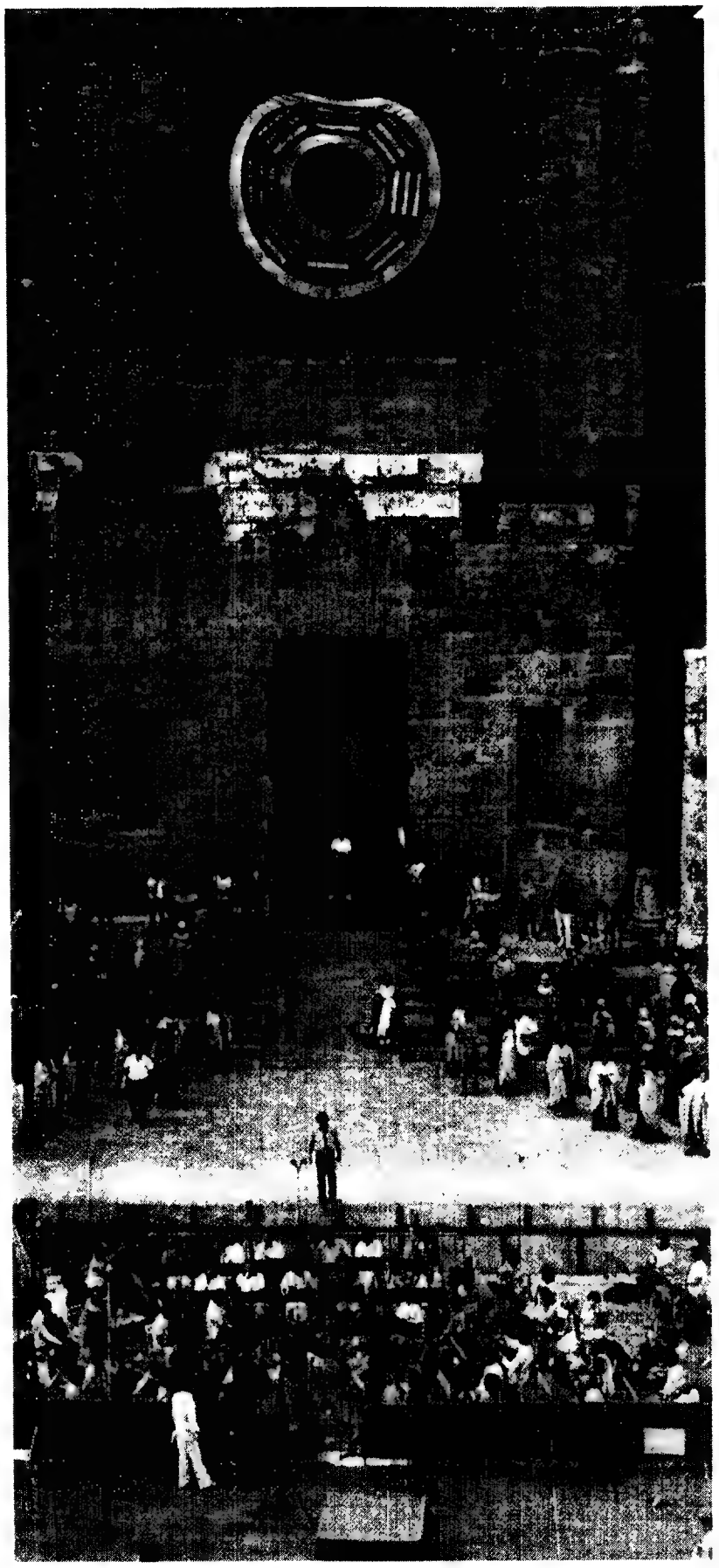
O *Soulier*, de grande duração (quatro «jornadas» bem contadas) será representado ora em duas noites (duas «jornadas» por noite), ou numa só, mas neste caso desde o anoitecer à alvorada.

Mas um dos trunfos de Brook é a sua esperteza: as suas «noites» tinham lugar num sítio encantador, no campo, para onde o público podia seguir de barco. O problema é que espectáculos de uma noite inteira implicam sempre intervalos muito grandes, de mais de uma hora. No campo as pessos passeiam-se, repousam, estende-se entre ervas, e Brook tinha instalado espaços de descanso e uma grande cafetaria. As longas pausas estavam bem programadas.

Ele limitou-se, aliás, a retomar o que fez o triunfo e a perenidade de Bayreuth: não «a noite», mas o período entre as 5 da tarde e a meia-noite. Ali há dois grandes intervalos de uma hora, mas o teatro fica num parque que é quase uma floresta, com bancos. É muito belo. Muito calmo. E por todo o lado há cafés envidraçados. O público pode *viver* as pausas, descontraído.

Em que vão tornar-se essas pausas, para o público do patio? Não há campo, nem floresta, nem grandes lugares especialmente concebidos para comer ou beber alguma coisa. As poucas esplanadas dos cafés e restaurantes das redondezas estão sempre cheias de turistas e de noctívagos de Avignon. A praça do Palácio é vazia, sem um lugar de repouso. Os espectadores arriscam-se a fazer os cem passos durante horas e horas. Ou será que Vitez encurtou os intervalos? É o que resta: ter esperança nele.

Michel Cournot



A única solução seria sair dali

Monstros XXVIII

Chaké Matossian

Ferenczi galanteador

A fêmea, segundo a hipótese de Ferenczi, resulta de uma luta violenta entre seres primitivos, morfologicamente semelhantes, em que os mais fracos (fêmeas) adaptam o seu organismo à brutalidade do macho (mais forte). Assim, a fêmea manifesta um comportamento autoplástico em oposição com o do macho, que se revela aloplástico, visto que consegue modificar o exterior, ou seja, neste caso, o corpo do Outro.

No entanto, escreve Ferenczi, «o macho impôs a sua vontade à fêmea, e ao fazê-lo subtraiu-se às necessidades de adaptação; manteve-se mais primitivo. A fêmea, pelo contrário, soube adaptar-se não apenas às dificuldades nascidas do meio ambiente, mas também à brutalidade do macho». Se Ferenczi visse realmente na mulher um ser mais apto para a cultura, estaria em completa contradição com a sua teoria, porque a mulher não pode demonstrar um carácter ao mesmo tempo autoplástico (primitivo) e progressista (aloplástico). Há, portanto, uma *questão da mulher* da obra de Ferenczi, ligada à questão do aparecimento da distinção sexual e da sociedade.

Por conseguinte, parece necessário isolar aqui duas primitividades diferentes, para chegar à conclusão de que o ser autenticamente primitivo, para Ferenczi, não poderia ser senão a mulher.

A primeira contradição que acabamos de esboçar consiste em que Ferenczi assinala com admiração a adaptação corporal da mulher como uma separação positiva em relação ao carácter primitivo do homem que em nada modifica a sua morfologia. Ora, todo o discurso de Ferenczi tende a provar que o ser que consegue transformar o exterior (conduta aloplástica) é superior àquele que metamorfoseia o seu corpo para responder à ameaça externa (conduta autoplástica). Portanto, a admiração de Ferenczi tem de ser questionada. Não funcionará ela como uma fachada em *trompe-l'oeil* que lhe permite dizer o que ele não pode confessar claramente (quanto mais não fosse por respeito para com a sua clientela): a mulher é mais primitiva, é inferior, como os lagartos abandonou a sua cauda e foi o homem quem lha fez perder para que ela se tornasse seu receptáculo, seu meio ambiente sempre transformável, como a *khôra* platónica.

Ferenczi não deixa planar nenhuma dúvida quanto à inferioridade das condutas autoplásticas, mesmo quando distingue uma autoplastia regressiva de outra, progressiva: «A autoplastia pode ser apenas regressiva (redução das necessidades, recaída em níveis mais primitivos) ou progressiva (desenvolvimento de órgãos novos)».

A inteligência, a humanidade, pertencem à aloplastia: «A adaptação pode ser autoplástica ou aloplástica; no primeiro caso, é a organização do próprio corpo que se adapta às circunstâncias modificadas; no segundo, o organismo tenta modificar o mundo exterior de modo a tornar inútil a modificação corporal. É o modo de evolução aloplástico que é o mais inteligente, o mais especificamente humano, mas ele está igualmente muito representado no mundo animal (fabricação dos ninhos)».

A luta originária entre os sexos demonstra portanto, à luz da definição dos conceitos de autoplastia e aloplastia, a inferioridade da mulher, o seu carácter primitivo. Desde logo, Ferenczi não podia verdadeiramente escapar-se à questão da diferenciação sexual, que aborda no final do seu percurso: «Compreende-se facilmente que muita gente retomará aqui o velho problema: o da superioridade ou da inferioridade de um dos sexos. Creio que esta questão não pode receber, de um psicanalista, uma resposta unívoca. Já disse que considero o organismo feminino como o mais diferenciado, e poderíamos acrescentar: o mais altamente evoluído». Ferenczi pretende avançar com prudência (a não univocidade do psicanalista) para conceder à mulher uma superioridade orgânica. Mas, em que consiste essa superioridade? Todos os elementos expostos por Ferenczi para atribuir à mulher algumas qualidades não reenviam, de facto, senão para um ser eminentemente mais primitivo do que o homem; «a mulher possui uma sabedoria e uma bondade inatas superiores ao homem; face a estas disposições, o homem deve conter a sua brutalidade por um desenvolvimento mais marcado da sua inteligência e do seu *super-ego* moral». Subtilmente, Ferenczi utiliza o atributo *superior* para falar da mulher e reenvia o homem à *brutalidade*. Mas, estas palavras demasiado brilhantes cegarão, de facto?

A teoria desenvolvida por Ferenczi revela todo um outro sentido para este discurso visando, à superfície, valorizar as mulheres.

Com efeito, para que outra coisa podem reenviar as palavras *sabedoria* e *bondade* se não é para uma certa passividade, para uma disposição bem querente, para uma capacidade de acolher, para o receptáculo puro?

E que vale essa *sabedoria* se é inata? Já se viu uma *sofia* desenvolver-se fora do saber? Que vale ela, sobretudo, face ao desenvolvimento da inteligência e do *super-ego* do homem? Nada. Tal sabedoria é um cumprimento galante, uma lisonja, uma ilusão de óptica, uma palavra cujo sentido é imediatamente anulado pelo seu carácter *inato*.

Nota:

Ferenczi, **Thalassa**

Fotografia 20 — Figuras do espanto

Horizonte(s) e Objecto(s)

A impossibilidade de uma visão clara e distinta, englobante e detalhada, aparece-nos com especial acuidade na consideração desses espectáculos que, por serem assaz complexos, exigem não só um movimento do olhar mas sobretudo um deslocamento físico do corpo próprio como condição indispensável de um «ver» que se quer eficiente. Escutemos Beyssade: «a maior parte das vezes quando se trata de um quadro, sempre quando se trata de alto-relevo, não existe um ponto de onde tudo possa ser visto simultaneamente e com distinção: a escultura exige um deslocamento em torno dela, e a passagem por perfis privilegiados até outros perfis privilegiados, coisa que o artifício óptico dos espelhos não poderia substituir, e o quadro exige um movimento de aproximação e de afastamento, *o desdobramento até à distinção de detalhes que não emergem senão pelo obscurecimento da visão do resto, o recuo fazendo vibrar indistintamente esses fundos que se renuncia a explicitar para apreender o resto» (1).*

Num certo sentido, a percepção natural humana não conhece pausas, momentos fixos: todas as suas paragens devem ser interpretadas como tempos de um movimento que se continua, gestos furtivos em que passado e futuro se contraem num momento indefinível a não ser em função do movimento que nele acontece. Como o diz Maurice Merleau Ponty, «ver um objecto, ou tê-lo à margem do campo visual é poder fixá-lo, ou responder efectivamente a essa solicitação fixando-o. Quando eu o fixo ancoro-me nele, mas essa «paragem» do olhar não é outra coisa do que uma modalidade do seu movimento: eu continuo no interior do objecto a exploração que, há pouco, os sobrevoava a todos, num só movimento eu fecho a paisagem e abro o objecto» (2). Na percepção humana, nunca a elisão do visível é completa, nunca o fundo que se recusa explicitar para poder apreender explicitamente um objecto é irreparavelmente exilado da visão: fixar um objecto é antes conceder uma energia suplementar à atenção com que o nosso olhar visa uma coisa e, como que por uma insuficiência dessa mesma energia, ter que congeminar toda uma colecção de outras visibilidades possíveis. Como no-lo faz notar Maurice Merleau-Ponty, «é preciso adormecer o que circunda para melhor ver o objecto, e perder em fundo o que se ganha em figura» (3). Suspender, portanto, o visível numa visibilidade liminar, capaz de se dar e de incessantemente refazer os seus próprios limites, até porque uma das consequências maiores da ausência de um recorte abrupto do visível na percepção humana é precisamente a flexibilidade, a versatilidade extrema da *estrutura objecto-horizonte*, assim mantida em aberto para uma infinidade de perspectivas possíveis, mantidas à disposição do olhar e não irreparavelmente suprimidas, passíveis portanto de serem ensaiadas e repetidas, experimentadas e exploradas.

É precisamente por as coisas não deixarem de estar lá, disponíveis na sua invisibilidade e apesar dela, que a visão do objecto pode ser descrita por Merleau-Ponty como um mergulho no objecto, que olhá-lo «é vir habitá-lo e daí apreender todas as coisas segundo as faces que elas viram para ele» (4); ou seja «que o horizonte interior de um objecto não possa tornar-se objecto sem que os objectos circundantes se tornem horizonte» (5). Porque na percepção natural, se a visão de um objecto corresponde a um *detalhe* (corte) do visível, ele não chega nunca a ser uma excisão radical: numa perspectiva situada, que alguns aspectos devam ser adormecidos é a condição indispensável para que

Alfred Stieglitz, Mãos de Dorothy Norman, 1932

possa haver monstração de qualquer coisa... Mas aí, os próprios trajectos actuais do ver, espacial e temporalmente imbricados de modo contínuo permitem que ao congediar do visível venha assistir um congediar da rememoração: e é nesse sentido que as deambulações se mantêm em aberto, que o corpo pode perseguir o que ainda não se viu ou revisitar o que há pouco deixou de se ver, é nesse sentido ainda que, envolvido num contacto experiencial imediato com um horizonte no qual se perfila para nós um objecto «eu não identifico o objecto detalhado que tenho agora com aquele sobre o qual o meu olhar deslizava há pouco comparando expressamente esses detalhes com uma lembrança da primeira visão de conjunto»(6). Assim, é porque face a este objecto detalhado corresponde ainda um fundo que, se bem que adormecido se mantém perceptualmente disponível, e porque esse fundo não deixa de, na sua co-presena múltipla, de se dar como mundo e, enquanto mundo, como horizonte, que podemos reconhecer os objectos mais do que os rememoramos: daí decorre a profunda separação entre o adormecimento do horizonte que caracteriza para Merleau — Ponty o detalhe perceptivo e o recorte ou, melhor, a *exacção* a que os aparelhos (foto e cinematográficos) sujeitam o visível. Porque com estes, tal como tivemos já oportunidade de fazer observar, é todo um fragmento que é extirpado em bloco de um espectáculo qualquer, fragmento esse a que faltarão os horizontes espacial e temporal que poderiam permitir a identificação das relações que ele mantém com esse espectáculo: «quando, num filme, o aparelho se detém num objecto e dele se aproxima para no-lo dar em grande plano, podemos bem lembrar-nos de que se trata do cinzeiro ou da mão de um personagem, (mas) nós não o identificamos efectivamente. É que o ecrã não tem horizontes» (7).

Notas

1) J. — M. Beyssade, *La Philosophie premiére de Descartes*, N.B.S. Flammarion, 1979 Paris p. 149

2) Maurice Merleau — Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, TEL-Gallimard, Paris 1983 p.81.

3) Idem, p. 81-82

4) Idem, p. 82

5) Idem, p. 82

6) Idem, p. 82

7) Idem, p. 82

Pedro Miguel Frade

O filósofo na cidade

Paul Ricoeur, do texto à acção

As jornadas Paul Ricoeur realizaram-se até 27 de Junho, em Paris, com o patrocínio do jornal *Le Monde* e da revista *Esprit*. Elas mostraram o reconhecimento, tardio, de um trabalho filosófico que prossegue numa tensão fecunda entre tradição e utopia. A posição de Paul Ricoeur adquire uma importância primordial na crise da consciência europeia. Encontrámos o filósofo no seu regresso dos Estados Unidos, onde continua a ensinar seis meses por ano.

Continua a manter aquilo a que chama a separação necessária das esferas da filosofia, da ética e da política?

— Actualmente estou quase no caminho inverso, a tentar coser esses domínios separados de pensamento. No que diz respeito à filosofia participei naquilo que foi um fenómeno geral, tanto no mundo anglo-saxónico como na Europa, e a que se chamou a «volta linguística», isto é, uma espécie de projecção de todos os problemas antigos, clássicos e modernos da filosofia no plano da linguagem. Os anglo-saxões fizeram-no no interior da filosofia analítica: na Europa fê-la a filosofia do eu, de onde venho, sob a figura da hermenêutica.

Tratava-se de retomar ao nível da linguagem as significações, as normas, os textos e as produções culturais no seu conjunto. Havia uma espécie de alongamento do circuito da reflexão, em vez dessa reflexão curta que se atribui, com razão ou sem ela, a Descartes.

Parecia-me que uma das responsabilidades do filósofo era preservar a especificidade, a pluralidade, formas da linguagem, quer se trate da linguagem da vida vulgar, ou da linguagem filosófica, no sentido em que se entende a filosofia inglesa, e, claro está, as linguagens científicas, mas também as linguagens estéticas, a linguagem da psicanálise, a linguagem poética, a linguagem religiosa. Uma segunda preocupação, que era mais específica da situação francesa, era impedir uma espécie de exílio da linguagem numa autonomia fechada.

Era a época estruturalista francesa, em que em última análise, a linguagem estava encerrada em si mesma. E direi que o motivo que me animou era, no fundo, uma visão sobre a linguagem como uma espécie de ritmo, de distole e de sistole: por um lado, visto que os sinais não são coisas, eles podem fazer um mundo, mas, por outro lado, a linguagem não é justamente um mundo, ela é *acerca* do mundo. A linguagem poética, também. O meu trabalho sobre a metáfora consistia, em suma, em tirar o poético do seu exílio e reencontrar, por uma reflexão sobre os sinais, a sua articulação com o real, a que o sinais se referem.

— O Paul Ricoeur propõe um arco hermenêutico que vai da vida à obra e que, da obra, regressa à vida?

— Não posso esquecer que comecei por um trabalho de fenomenologia muito clássico sobre o voluntário e o involuntário e que, consequentmente, o meu ponto de partida não era a linguagem. Era o agir humano. Depois dessa grande travessia da reflexão sobre os sinais, regresso agora à minha preocupação antiga, que é a teoria da acção. A realidade que ultimamente se discute, em filosofia, é o homem actuante. E eu acrescento sempre: o homem sofredor.

O homem actuante e sofredor. É o sentido do título que foi dado recentemente à minha colecção de artigos: *Du texte à l'action* (1). No fundo, a palavra *texto* é aqui como a palavra emblemática desta preocupação ao mesmo tempo da amplitude da linguagem e da sua acção sobre as coisas, para além do seu próprio exílio fora das coisas.

— Propõe, em filosofia, uma arca de aliança com a literatura.

— Interessei-me pela literatura porque ela é o exemplo típico da linguagem constituindo-se em mundo distinto. Pode portanto aplicar-se-lhe uma poética, no sentido de Genet. A linguagem literária como linguagem mundo efectua-se para a sua própria glória. Eu queria verificar, neste caso tão desfavorável à minha hipótese central, que a literatura está em relação com a vida e, fundamentalmente, com o comportamento humano. Foi por isso que me interessei pela forma narrativa.

— Em que é que o texto bíblico é fundador de uma perspectiva ética sobre o mundo?

— Vou responder paradoxalmente: ele só o é na condição de não ser tratado de início como um texto ético, mas supra-ético, que pinta poeticamente aquilo a que chamarei uma economia do dom. O dom da realidade num mito de criação, o dom da lei no mito do Sinai, o dom da rdenção no mito crístico, mas também o dom da possibilidde ilimitada, numa perspectiva escatológica.

O que tento esboçar, actualmente, é essa articulação sobre a ética, a partir do *mais que* ético, porque é a dádiva que engendra a obrigação: se ele vos foi dado, então dai. Para mim, o coração da ética é a regra de ouro que afinal de contas antecipa Kant: não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. E esta regra de ouro pode ser prevertida em regra de interesse: dou para que tu me dês; mas ela é preservada da perversão pela visão de uma dádiva anterior, a dádiva da vida, a dádiva da existência, e a própria dádiva da libertação. É nessa perspectiva de uma libertação que não é obra minha; podem nascer obrigações mas que não têm esse carácter moralizante, repressivo, que toda uma tradição cristã exemplificou infelizmente, e de que não deixei de me afastar desde o tempo em que escrevi sobre a culpabilidade.

«A fraqueza de Heidegger»

— O que significa que fundamenta a ética numa metafísica do ser, como dado primordialmente?

— Como dádiva, não como dado. É deste lado que eu procuro. Metafísica? Não estou certo de que a metafísica seja o mesmo que a antologia. Se se entender por ontologia a tradição ocidentalsobre o ser, então, ao contrário de muitos dos meus contemporâneos, penso que esse caminho não está fechado, porque não foram explorados aspectos da noção de ser que poderiam ter uma certa proximidade com aquilo a que acabo de chamar a economia da dádiva, porque o ser já não é do dado mas do poder de fazer.

— Em suma, integra a ontologia heideggeriana numa perspectiva ética e activa que não é de modo algum a sua?

— Sim. É por isso que no debate entre Heidegger e Lévinas sinto-me um pouco (e ao mesmo tempo) de ambos os lados. Lévinas denuncia, com razão, na tradição ontológica, a perspectiva visionária e, neste sentido, totalizante. Ele tem razão de dizer que a ética está em ruptura. Mas poder-se-á considerar, e na grande tradição de ontologia, encerrada nessa perspectiva visionária, teorética? Não creio. Há, na ontologia, recursos inexplorados.

— Recentemente tomou aqui mesmo uma posição muito firme contra Heidegger, por causa do seu empenhamento nazi. Mas não pensa que este, mesmo breve, lança uma suspeita nas bases do seu pensamento?

— O tipo de filosofia que Heidegger desenvolveu não lhe permitia ter critérios morais e políticos. É a minha principal censura. A sua filosofia tornava-o cego do seu próprio tempo, para o qual ele não tinha regras de leitura, ao contrário de Karl Jaspers. A filosofia da existência de Jaspers ajudou-me a respirar durante anos, quando fui prisioneiro de guerra. Sinto uma espécie de pena por a ter abandonado, porque estava tomado, como toda a gente, de uma espécie de fascínio heideggeriano. Agora tenho uma relação bastante crítica com Heidegger, mas o meu último trabalho sobre **Temps et Récit** dá um lugar importante à sua análise do tempo, no que devo muito a Heidegger. Aprecio muito a antropologia do **Ser e o Tempo**, mas estou persuadido de que a sua análise do ser que nós somos, o **Dasein**, merece outra ontologia que não a sua.

— Heidegger não oferece pois um pensamento para a crise da consciência europeia em que estamos?

— Há, desde **Ser e Tempo** uma distância crítica perante o conjunto do mundo tecnológico, portanto uma linha de resistência, mas sem uma articulação ética forte, e é para mim a fraqueza fundamental de Heidegger. Parece-me ilegítima a violência que ele exerce perante toda a história da filosofia, querendo encerrá-la num só tipo de metafísica que seria a metafísica da presença. A fragmentação, a pluralidade das filosofias, a multiplicidade das visões do mundo, parecem-me mais perturbadoras do que essa espécie de monotonia. É por isso que não receio ligar-me sempre a uma tradição filosófica para reavivar, se o puder, as potencialidades não desenvolvidas e talvez reprimidas também desta ou daquela grande filosofia.

«Os lamentos sobre o declíneo...

— Volta assim à Krisis de Husserl?

— Na **Krisis,** Husserl só nos dá dois termos na sua alternativa: ou a visão a que chama «**objectivista**», começando com Galileu, ou o transcendentalismo que seria puramente uma filosofia do sujeito. Não me satisfaz mais o segundo termo, que me parece demasiadamente ligado à interioridade e que não permite dar a grande volta de que falava de início, através da linguagem e das expressões culturais. Husserl deixa completamente de fora o campo cultural, ético e político.

— Na actualidade é no campo cultural e político que a crise se manifesta do modo mais alarmante? Por exemplo, na crise da instituição universitária, a questão do agir não de põe muito concretamente?

— Era preciso saber antes de mais a que sintomas nos prendemos. Eu não me sinto atingido pelas lamentações actuais sobre o declíneo e a decadência. Talvez porque acredito que há um módulo ético, invulnerável. Volto então à ilusão que há pouco fiz à regra de ouro: não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. E eu teria tendência para acreditar que isto sempre se soube e sempre se saberá. O que se chama crise é que já não, evidência, nas meditações institucionais, que nos permitam efectuar essa convicção fundamental de que o outro homem é um homem como eu e que por isso merece respeito. Não creio que haja uma diminuição do respeito do outro. Pelo contrário, vejo em toda a parte o reconhecimento de figuras esquecidas da humanidade, diferenças, quer se trate do terceiro mundo ou da pobreza.

Sentir-me-ia muito mais inquieto com outro aspecto da democracia, por exemplo que a democracia ocidental já não funciona porque a conquista da regra de maioria contra o que fora outrora a minoria, isto é, os aristocratas, volta-se agora contra outra minoria que é a dos pobres. Há uma classe média suficientemente numerosa e suficientemente satisfeita para que os pobres sejam sempre minoritários. Consequentemente, a democracia maioritária já não funciona como libertadora.

A eleição inglesa parece-me um símbolos alarmante. As pessoas satisfeitas são bastante numerosas para impor um imobilismo. Ao mesmo tempo isto cria uma marginalidade de um novo tipo que, para mim, é essencialmente representda pelos Verdes alemães. A simetria da eleição inglesa e do crescente poder dos Verdes parece-me desenhar, nos próximos anos, o combate cultural e político na Europa ocidental: os insatisfeitos são marginalizados por uma democracia maioritária dos ricos.

Estou muito impressionado com o poder de indignação que se mantém mas que é agora minoritário se não marginalizado. Sob este ponto de vista, não faltam os sinais de esperança mas, o que não vejo, é o esclarecimento institucional dessas resistências, porque não temos modelos credíveis para aquilo a que os alemães chamam as «soluções alternativas». A tarefa do filósofo é interna a movimentos mais amplos de cidadãos; é uma tarefa de análise, de descrição de sintomas, e também de lembrança dos recursos de resistência.

Nota

(1) Edições du Seuil, 1984.

Entrevista de Michel Contat

A crise em dia

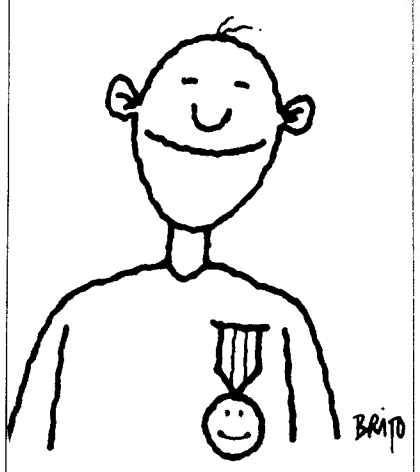
Autocolante

Sentado no metro para Alvalade, em hora de ponta, o jovem Jorge estava tão cansado que não lhe apetecia nada ceder o seu lugar a ninguém, muito menos a alguma senhora gorda cheia de embrulhos e com ar de menopausa enjoada, dessas que àquela hora aparecem sempre, inevitáveis como uma segunda-feira. Contudo, pesava sobre os ombros de Jorge um cruel dilema: pregado com orgulho ao seu peito, ia um autocolante de apoio à campanha presidencial do doutor Y e isso, já que ele tinha assumido de livre vontade a função amadora de painel publicitário com pernas, compulsionava-o a determinadas obrigações morais (ou melhor: de Boa Moralidade), sendo precisamente uma delas o fazer boa figura, oferecendo com gentileza e garbo o assento a indivíduas da etnia atrás referida, pois infelizmente também têm direito a voto.

Ora, há um ponto em que os psicólogos e demais cientistas que se dedicam a analisar a complexa maquinaria do jogo eleitoral são peremptórios: para o cidadão indeciso opera-se entre candidato e apoiante público uma espécie de **transfert,** pelo que, através do que este último aparenta ser, o indefeso cidadão vai deduzir o que o candidato **é.** Em suma: o inofensivo Jorge vê-se promovido a imagem diferida do doutor Y (alguns extremistas diriam mesmo que Jorge é Y). Daí que quanto mais favorável for a reacção das pessoas ao comportamento de Jorge, maiores possibilidades de vitória tem o sujeitinho cuja sorridente fotografia vem no pedaço de adesivo que ele traz colado na camisola.

(Trazia... Porque como o bom Jorge não tinha mesmo vontade nenhuma de se levantar, tirou o autocolante do peito, guardando-o no bolso e, até chegar ao seu destino, pura e simplesmente borrifou para as senhoras gordas, chatas e menopáusicas. Pobre doutor Y, cujo recado não chega às horas de maior afluência no metropolitano na cidade de Lisboa).

Rui Zink



Se a tendência actual se mantiver, a capital do México, com mais de 30 milhões de habitantes, será a primeira metrópole do ano 2000. Em 1950 ela contava 3 milhões de habitantes.

Implosão urbana situação caótica ou controlada?

Qualquer que seja o sentido das pressões que se irão exercer sobre, ou a partir do interior das cidades — explosão ou implosão — impõe-se uma constatação: a do êxodo rural que esvazia os campos e culmina na concentração das populações nas cidades, muitas vezes mal preparadas para acolher o fluxo dos recém-chegados.

Se este fenómeno é geral, é muito mais evidente no Terceiro Mundo, quer dizer, mais no Sul que no Norte.

Se se tomar como tempo de referência os três últimos decénios (1950-80) as cidades do Sul multiplicaram-se duas vezes mais depressa que as do Norte. Além disso e paralelamente, o aumento da população urbana dos países em desenvolvimento foi muito maior que a dos países desenvolvidos. Se se tiver em conta o período de 1950-80, trezentos milhões de pessoas viviam nas cidades ocidentais enquanto que durante o mesmo tempo a população urbana do Terceiro Mundo aumentou seiscentos e cinquenta milhões de habitantes.

ALGUNS pontos de referência interessantes: em 1950, cinco das quinze maiores cidades do mundo pertenciam aos países em desenvolvimento (Xangai, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Pequim, Calcutá). No ano 2000 serão uma dúzia e somente três macrocidades ocidentais se incluirão nessas quinze maiores do mundo. Tóquio, Nova Iorque e Los Angeles situar-se-ão nessa «cabeça de pelotão», em 3.º, 5.º e 18.º lugar.

Marie Paule de Pina

Jornalista, colaboradora de «Dossiers Faim-Développement». Texto adaptado por Maria da Conceição Newparth, do conselho de redacção de «Terra Solidária»

Se a tendência actual se mantiver, a Cidade do México, com mais de trinta milhões de habitantes, será a primeira metrópole do ano 2000, apesar de ter tido, em 1950, três mlhões de habitantes.

A capital do México terá, pois, em 50 anos, multiplicado por dez a sua população, enquanto Nova Iorque e os seus arredores — em 1950 com 12,3 milhões de habitantes — vê-la-á «apenas» duplicada.

Se considerarmos um continente como a África, onde a taxa de urbanização é uma das mais aceleradas do mundo, a população urbana, em 25 anos (de 1975 ao ano 2000), passará de 104,2 para 361,7 milhões de habitantes e cinco cidades da região subsariana ultrapassarão o limite dos cinco milhões de habitantes.

No limiar do terceiro milénio, as previsões fixam-se em cinco milhões de habitantes para Lagos (Nigéria) e Nairobi (Quénia), seis milhões para Adis Abeba (Etiópia) e oito milhões para Kinshasa (Zaire) e Jos (Nigéria).

Mas, antes de nos voltarmos para o futuro, é legítimo fazer uma pergunta e tentar saber em que situação se encontram as cidades neste momento.

Factores que motivaram a urbanização

Pondo de parte o balanço feito, que mostra que a tendência para a urbanização é fatal, quais são os factores que motivaram este fenómeno de aumento massivo, espontâneo mesmo, das cidades?

As cidades podem «inchar» a partir do interior por fenómenos demográficos. As famílias citadinas aumentam, multiplicam-se e amontoam-se em condições precárias, por falta de estruturas de alojamento e de saúde.

Mas a cidade cresce também devido ao êxodo rural. A cidade sempre foi um local de refúgio. Na Idade Média era a cidade que servia de abrigo aos «servos da gleba» quando soava a hora da batalha. Era a cidade que se defendia, porque se caísse nas mãos do inimigo, tanto os da cidade como os camponeses passariam para a tutela dum outro senhor.

Hoje, os famintos da seca, no Nordeste brasileiro, no Sahel ou na Etiópia, é para a cidade que as famílias, exaustas, se dirigem para pedir auxílio. Quando nas zonas rurais as pessoas não podem já alimentar-se, é então que movimentos populacionais se formam rumo às cidades, que acabam por ver, assim, crescer a sua população. O mesmo se passa quando das catástrofes naturais, como, por exemplo, as inundações e os ciclones. Porque a cidade, mesmo desprovida de estruturas, oferece, por vezes, muito mais possibilidades no âmbito da saúde e noutros domínios; por isso os desalojdos se voltam para ela. É ainda a famosa história do «vale do correio» que todos os imigrados enviam à família que ficou na província, que os motiva.

Infelizmente, verifica-se que a cidade é, por vezes, um mito e o camponês, perdido num bairro de lata de Dakar, torna-se um mendigo. A não ser que ele acabe por embarcar para a Europa com dívidas que irão durar meses ou anos. Transforma-se, então, num expatriado forçado, que vai confrontar-se com realidades culturais diferentes.

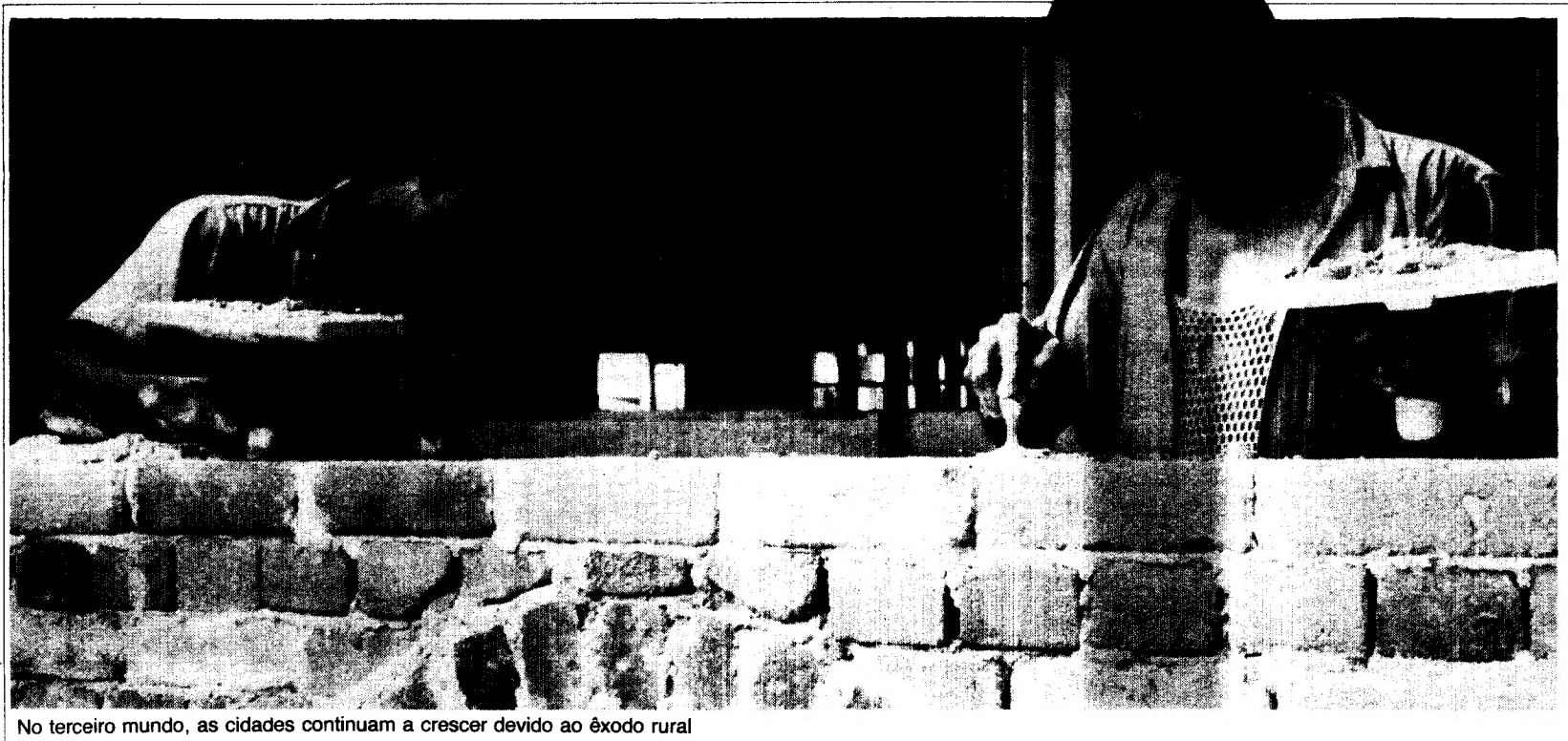
Além disso, o amendoim, a soja, o algodão, a cana-do-açúcar, substituíram a mandioca, a batata, o milho, privando as populações da sua alimentação de base. Faminto, espoliado, desprotegido, o camponês torna-se um desempregado, um desenraizado. Mas para além deste factor que justifica o êxodo rural, existe ainda a atracção fascinante que a cidade exerce nos jovens camponeses.

Tal como borboletas atraídas pela luz, muitos pensam que a cidade não só lhes trará dinheiro como também mais liberdade. É uma maneira de evitarem a autoridade dos pais e até mesmo a da comunidade local.

Um outro elemento da concentração urbana surge nos conflitos armados, que obrigam as pessoas a fugir dos campos. Quer seja no Chade, em Angola, no Bangladesh ou em El Salvador, assustados, privados de tudo, os camponeses fogem para a cidade. Não é por acaso que existe a conhecidíssima estratégia da «terra queimada».

As consequências do êxodo rural para as cidades

Quaisquer que sejam os factores que motivaram os desequilíbrios entre os campos e o mundo urbano, as cidades são, com efeito, o resultado de um modelo de desenvolvimento que não pôde, por diversas razões, ser controlado, planificado.



No terceiro mundo, as cidades continuam a crescer devido ao êxodo rural

■ Tal como borboletas atraídas pela luz, muitos pensam que a cidade não só lhes trará dinheiro, mas também mais liberdade

Depois de analisadas as causas que fazem com que as populações procurem as cidades, quais as consequências dessa movimentação? A cidade, lugar normalmente cheio de luz, é também um universo semeado de sombras, originadas por três factores: económico, sociocultural e político-jurídico. No âmbito económico, as consequências da ubanização não são totalmente idênticas no Terceiro Mundo e nos países desenvolvidos. Muitas vezes, a urbanização do Terceiro Mundo não foi acompanhada, simultaneamente, pela industrialização. E, geralmente, esta não foi planificada. De facto, as multinacionais instalam-se em zonas populosas, onde a mão-de-obra mais barata aceita trabalho sem pôr qualquer tipo de condições. Rapidamente nascem bairros à volta das fábricas, em condições precárias, sem medidas de segurança. Esta situação acaba, por vezes, em autênticos dramas, de que nos deram tristes exemplos o ano de 1984 e o princípio de 1985: o México, em Dezembro de 84 e Bhopal, na Índia, em Janeiro de 85. Milhares de vítimas pagaram o preço de uma industrialização espontânea num meio onde «o urbanismo não tem direito de cidade». Na Europa, apesar de alguns acidentes — como o de Feyzin, nos arredores de Lyon, onde uma nuvem de acroleína se espalhou sobre os bairros populares numa noite do ano de 1977 ou então em Novembro, essa «escapadela» de bromo sobre Genève, proveniente duma fábrica, que já deveria ter saído daquele local — a planificação, o urbanismo, o trabalho dos arquitectos, limitaram e, de certa maneira, anularam mesmo os riscos.

No Sul, os camponeses tornaram-se cada vez mais pobres, enquanto que na Europa, os que restam, apesar das dificuldades das comunidades, não ficaram reduzidos à miséria. Contudo, tanto no Norte como no Sul, o camponês trabalha para dar de comer aos habitantes das cidades.

O hamburguer em vez do bife

Enquanto no Norte a remuneração do trabalho é mais equilibrada, no Sul é francamente insuficiente. A invasão dos modelos de consumo estrangeiros é um fenómeno que é preciso ter em conta. No Terceiro Mundo o milho e a mandioca foram substituídos pelo pão. Os tumultos em Marrocos ou na Tunísia em 1984 poderiam ter sido evitados se o preço do pão não tivesse aumentado e se os cacetes não tivessem substituído a alimentação tradicional.

Na Europa, a implantação dos «pronto a comer» que facilitam aos jovens uma alimentação a preços mais acessíveis não é apenas um elemento que põe em causa a cozinha local. É também um meio para muitas multinacionais se apoderarem do mercado alimentar. Neste caso, como no caso da substituição dos produtos alimentares pelos destinados à exportação, os bancos estrangeiros vêem os seus cofres encherem-se de divisas.

«O hamburguer em vez de bife» — este «slogan» leva-nos a tocar no aspecto sociocultural dos hábitos alimentares que, em primeiro lugar, dizem respeito a quem vive nas cidades. A cozinha é apenas um dos aspectos socioculturais que a cidade põe em questão, tal como o que se passa com o imigrante que volta para o seu bairro com o cacete debaixo do braço, abandonando pouco a pouco o «couscous».

Estes bairros de lata que variam de nome consoante os continentes ou os países — «slums» da Tailândia, «favelas» do Brasil, «barriadas» do Peru ou «poblaciones» do Chile — são sítios onde os hábitos culturais se modificam, mas também se criam.

Estes bairros — sem água potável, sem esgotos, sem electricidade — onde se vão acumulando as situações de violência, de insegurança, onde a droga segue a par da prostituição, geraram, mais ou menos directamente, sessenta milhões de crianças. Entregues a si próprias elas têm de sobreviver por todos os meios: a escolha que lhes resta fazer será entre a delinquência e os pequenos «biscates».

De cidade em cidade para onde vamos?

As cidades alegres e acolhedoras transformadas em grandes concentrações populacionais, rodeadas de bairros degradados, tal como polvos, tornam-se verdadeiramente monstruosas. No entanto, à excepção das políticas voluntaristas que expulsam de maneira brutal os habitantes do seu «canto» como fizeram em Pnom Penh os khmers vermelhos ou na China, em Xangai, onde um milhão de seres humanos foi obrigado a emigrar, a tendência para as «cidades tentaculares» parece irreversível. Estamos portanto condenados a ter de viver na cidade.

Referindo-se aos quadros que dão as previsões da população no ano 2000, dentro de menos de vinte anos, o conjunto dos habitantes que vivem nos países industrializados constituirá apenas um décimo da população mundial. A América terá mais ou menos a mesma população urbana que a Europa. No ano 2000 mais de metade da população mundial viverá na cidade. Ora esta situação que se prevê para o ano 2000 no Terceiro Mundo, existe já entre nós há três décadas. Sem dúvida, a planificação impediu «os males do progresso» porque senão teríamos uma cidade como Paris com vinte milhões de habitantes quando afinal a capital da França tem apenas metade. Todos este esforços convergentes dos urbanistas, dos arquitectos, dos responsáveis políticos e dos da qualidade de vida não poderão ser tidos em conta quando se trata do Terceiro Mundo? Será imprescindível arrasar os bairros populares, quando aí se desenvolve a criatividade de maneira surpreendente, donde irrompem iniciativas culturais fantásticas (por exemplo, as escolas de samba nas favelas do Rio de Janeiro)?

Para alguns trata-se de locais onde se escondem desordens sociais que põem em perigo as minorias privilegiadas que detêm o poder nas cidades. É de lá que partem os distúrbios, as manifestações. Foi o caso de S. Paulo, de S. Domingo, de Tunes e de Rabat.

O lugar do ser humano nas grandes concentrações populacionais

Tornando-nos mais solidários, mais responsáveis, mais imaginativos, seremos capazes de construir cidades que, no futuro, respondam às aspirações das pessoas, tendo em conta os direitos fundamentais de cada um?

Numerosas sociedades colectivistas não conseguiram responder com êxito ao desafio que lançaram no sistema liberal: acabar com a exploração do homem. Porque conseguir isto é ao mesmo tempo racional e irracional. Porque este domínio irracional é imprevisível e, efectivamente, acaba-se por esquecer o indivíduo tal qual ele é, se se colectivizar em excesso.

Será preciso fazer desaparecer a cidade do ano 2000 ou deixar espaços de liberdade que a população ocupará em função do que lhe é indispensável? Como irão actuar estes actores e actrizes de forma a evitar que a explosão urbana nos arraste para o caos? Primeiro, dando aos homens e às mulheres a possibilidade de escolherem o seu próprio modelo de desenvolvimento, de serem devidamente informados, portanto, responsáveis. «Contar com as suas próprias forças é a única via de comportamento realista, aplicável tanto às cidades, como às nações, como ao Terceiro Mundo em geral. Trata-se de um autocomprometimento colectivo», na opinião de Ignacy Sachs. Ele diz ainda que «para alojar o excesso da população urbana seria necessário construir o equivalente a 647 cidades de um milhão de habitantes, quer dizer, cerca de uma todos os dois meses».

É claro que nem sempre é possível construir pequenas cidades ideais. A experiência da Tanzânia, entre 1969 e 1977, que pretendeu reunir as populações em «aldeias», embora tenha sido um sucesso graças às estruturas de acolhimento, não conseguiu travar o êxodo rural. A taxa de urbanização ao longo de 20 anos — de 1960 a 1980 — passou de 5 para 12%.

É sempre necessário uma certa margem de autonomia para que a imaginação chegue ao poder... Isso implica espaços de debate onde os grupos envolvidos possam tomar parte não apenas nas discussões mas principalmente nas decisões a tomar quanto ao futuro das suas cidades. E igualmente observar os diferentes hábitos culturais que se vivem nos bairros, como é o caso dos locais onde habitam os imigrantes. Quando todos tiverem uma opinião sobre o futuro, quando todas as categorias socioeconómicas puderem, em democracia, situar-se num plano de urbanismo que esteja ligado intimamente com as zonas económicas e as estruturas indispensáveis às necessidades fundamentais, então talvez possamos parar a lógica que leva ao caos. S. Paulo, México, Bhopal e ainda Feyzin (em França) e Genève, mostram bem que se vive em perigo permanente nas cidades. Tanto no Norte como no Sul.

Mas há riscos repartidos que se podem assumir colectivamente, enquanto outros são economicamente impostos. Enquanto o Terceiro Mundo não puder definir o seu próprio modelo de urbanização, os seus próprios modelos de desenvolvimento, a cidade manter-se-á num impasse. «Viver é sempre um desafio» — dizia Gaston Berger, o pai da prospecção social. «Esforcemo-nos por ver as coisas na sua globalidade, pois as 'meias verdades' são muitas vezes mais prejudiciais que os erros... ou as normas rígidas que tornam a solidão ainda mais pesada».

As maiores Aglomerações Urbanas por quantidade de população (milhões)

Aglomeração/País	População em 1970	Aglomeração/País	População em 1985	Aglomeração/País	População em 2000
Nova Iorque/região nordeste de Nova Jersey, EUA	16,3	México, DF, México	18,1	México, DF, México	26,3
Tóquio/Yokohama, Japão	14,9	Tóquio/Yokohama, Japão	17,2	São Paulo, Brasil	24,0
Xangai, China	11,4	São Paulo, Brasil	15,9	Tóquio/Yokohama, Japão	17,1
Londres, Reino Unido	10,6	Nova Iorque/Região nordeste de Nova Jersey, EUA	15,3	Calcutá, Índia	16,6
Reno-Ruhr, República Federal da Alemanha	9,3	Xangai, China	11,8	Grande Bombaim, Índia	16,0
México, DF, México	9,2	Calcutá, Índia	11,0	Nova Iorque/região nordeste de Nova Jersey, EUA	15,5
Grande Buenos Aires Argentina	8,5	Grande Buenos Aires Argentina	10,9	Seul, República da Coreia	13,5
Los Angeles/Long Beach, EUA	8,4	Rio de Janeiro, Brasil	10,4	Xangai, China	13,5
Paris, França	8,3	Seul, República da Coreia	10,2		
Pequim, China	8,3	Grande Bombaim, Índia	10,1	Rio de Janeiro, Brasil	13,3
São Paulo, Brasil	8,2	Los Angeles/Long Beach	10,0	Deli, Índia	13,3
		Londres, Reino Unido	9,8	Grande Buenos Aires, Argentina	13,2
Osaka/Kobe, Japão	7,6	Pequim, China	9,2	Cairo/Giza/Imbaba, Egipto	13,2
Rio de Janeiro, Brasil	7,2	Reno-Ruhr, República Federal da Alemanha	9,2	Jacarta, Indonésia	12,8
Moscovo, URSS	7,1	Paris, França	8,9	Bagdad, Iraque	12,8
Calcutá, Índia	7,1	Moscovo, URSS	8,7	Teerão, Irão	12,7
Tianjin, China	6,9	Cairo/Giza/Imbaba, Egipto	8,5	Carachi, Paquistão	12,2
Chicago/região nordeste de Indiana, EUA	6,8	Osaka/Kobe, Japão	8,0	Istambul, Turquia	11,9
Grande Bombaim, Índia	5,9	Jacarta, Indonésia	7,9	Los Angeles/Long Beach, EUA	11,2
Milão, Itália	5,6	Tianjin, China	7,8	Dacca, Bangladesh	11,2
Seul, República da Coreia	5,4			Manila, Filipinas	11,1

Fonte: FNUAP

Oliver North: «herói» ou mais um «dealer» do Irangate?

MAIS de meio ano após a divulgação dos primeiros factos que viriam a constituir o pior escândalo político desde que, em 1981, Ronald Reagan assumiu a presidência dos Estados Unidos, a questão central do Irangate continua ainda por esclarecer: até que ponto estava Reagan a par dos meandros da operação de venda ilegal de armas norte-americanas ao Irão e dos desvios de fundos daí provenientes para a ajuda aos «contras» da Nicarágua?

As múltiplas comissões entretanto constituídas com o objectivo de apurar a verdade não chegaram ainda a uma conclusão no que respeita ao envolvimento do presidente no escândalo. No único relatório oficial sobre o Irangate até hoje publicado — da autoria da Comissão Tower — Reagan é criticado pelo seu desleixo ao ter, aparentemente, deixado assuntos do Estado nas mãos de terceiros. No entanto, a opinião pública norte-americana é menos «suave» para com o seu presidente. Um inquérito publicado a semana passada pelo semanário «US New and World Report» assinala que 57 por cento dos inquiridos pensa que Ronald Reagan mentiu quando afirma que nada sabia sobre os desvios de fundos para os «contras». O inquérito salienta ainda que a percentagem daqueles que acreditam que o presidente mentiu, aumentou 10 pontos desde que, em Novembro de 1986, rebentou o escândalo Irangate.

E é em plena crise de credibilidade que Reagan vê agora o seu nome regressar em força às investigações sobre o caso. Com efeito, a partir de hoje, a palavra pertence ao homem que supostamente mais poderá dizer sobre o papel de Reagan no Irangate: Oliver North.

Curiosamente, e enquanto os inquiridores do Congresso dos Estados Unidos preparavam com o advogado de North o âmbito do seu depoimento, outras testemunhas se encarregaram de minar o caminho do tenente-coronel que aparece, agora desprovido da sua aura de «herói», qual espécie de Rambo sofisticado, e cujo testemunho é precedido pela interrogação: pode-se acreditar nele?

No inquérito já citado, 59 por cento dos norte-americanos afirmam não acreditar que Oliver North vá contar toda a verdade. Por seu lado, Charlie Cooper, assistente do Departamento de Justiça que interrogou North logo após o seu afastamento do Conselho Nacional de Segurança, e que foi uma das últimas testemunhas a depor, foi peremptório ao afirmar que, se estivesse no lugar dos inquiridores do Congresso, não acreditaria no homem que foi, em tempos, classificado por Reagan como sendo um «herói nacional».

Oliver North, cujo testemunho poderia ter sido uma bomba há seis meses atrás, é hoje um homem quase desacreditado, e o Congresso norte-americano poderá estr agora a lamentar-se por ter cometido um dos erros de que foi acusada a Casa Branca no âmbito do Irangate: a lentidão. Na verdade, foi preciso mis de meio ano para os congressistas se decidirem a quebrar o silêncio de North oferecendo-lhe imunidade limitada.

Sem poder já evocar a emenda constitucional que permita a uma testemunha recusar-se a depor no caso do seu depoimento contribuir para a sua incriminação, e vendo acumular-se sobre si toda uma série de acusações, Oliver North resolveu fazer uso da palavra, mas com uma condição: a de ser interrogado apenas no decurso das audiências públicas iniciadas em Maio pela comissão conjunta do Senado e da Câmara dos Representantes.

Mas antes dele outros falaram e o homem cujo motor de acção parecia ser um patriotismo exarcebado aparece hoje ao lado dos que nas operações que integram o Irangate viram a possibilidade de efectuar chorudos negócios.

Albert Hakim, negociante de armas de origem iraniana e um dos obreiros das operações com o Irão, foi o primeiro a levantar a lebre. Chamado a depor, Hakim diria que North aceitou, pelo menos tacicamente, 200 000 dólares que foram depositados numa conta secreta na Suíça, como uma espécie de «seguro de vida» não oficial no caso do tenente-coronel ser morto durante a missão secreta que o levou ao Irão em conjunto com o ex-conselheiro de Segurança Nacional, Robert McFarlane.

Seguiu-se mais tarde o testemunho de Glenn Robinette, ex-quadro da CIA, que afirmou ter instalado um sistema de segurança na casa de North, pelo qual lhe foi pedido, pelo tenente-coronel, um recibo de 16 000 dólares, quando, na verdade, as despesas tinham sido pagas pelo general na reserva Richard Secord, que, em conjunto com North, aparece entre os principais responsáveis das operações de ajuda aos «contras».

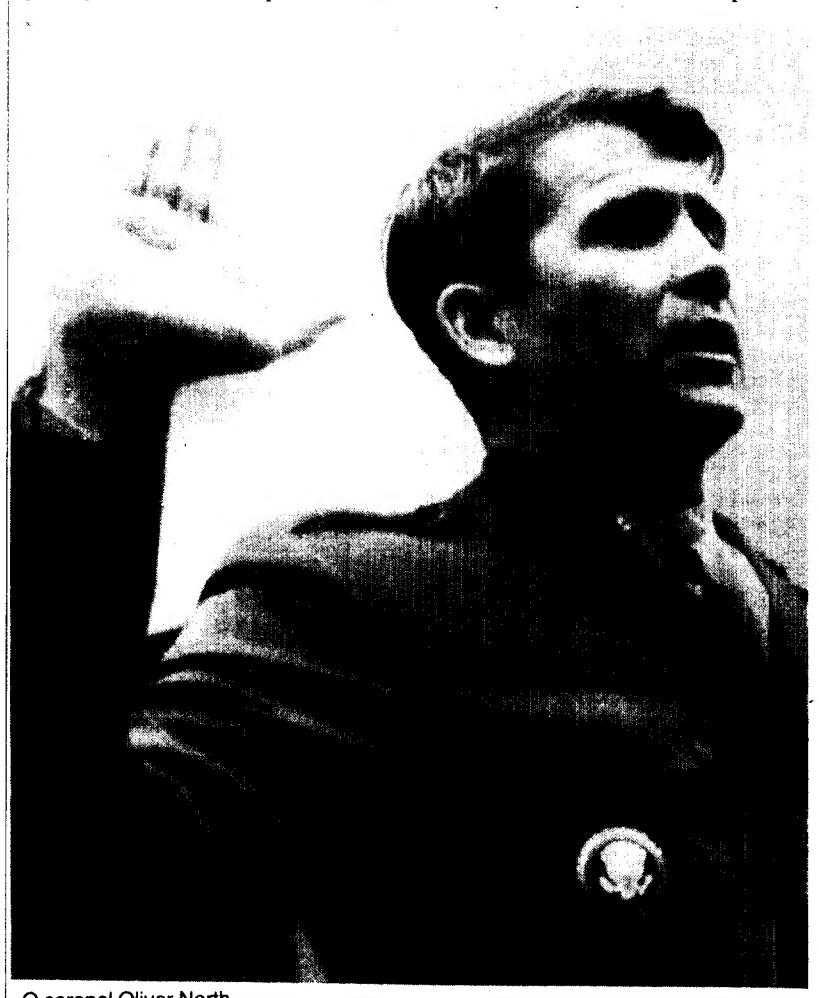
Em comparção com estes testemunhos, o da secretária de North, no que respeita á imagem do tenente-coronel, parece ter produzido efeitos menores. Na verdade, Fawn Hawll «limitou-se» a afirmar que, por indicação do seu patrão, tinha alterado e destruído documentos que poderiam ser fulcrais para a investigação do scândalo.

O «trabalho» de Fawn Hawll é, afinal, um exemplo do que um congressista apelidou de arrogância do poder e que se estende, no seu entender, a toda a Casa Branca. Ao fim de mais de 100 horas de interrogatórios públicos, esta é, também, de certo modo, a conclusão a que chegou já a comissão de inquérito conjunta do Senado e da Câmara dos Representante. Os elementos da adminitração fizeram sua uma conduta que assenta na fuga e infracção à lei, na vontade de enganar o Congresso e de conduzir os assuntos do governo de forma furtiva.

Os inquiridores consideram ainda ter dados que lhes permitem afirmar que o Irangate revelou que a política internacional dos Estados Unidos pode ser colocada nas mãos de cidadãos particulares, cuja vontade de lucro é maior do que um alegado patriotismo.

Esta versão foi, aliás, reforçada pelo jornal «Miami Herald» que, na sua edição de ontem, afirma — citando um memorando de Arthur Limas, conselheiro-chefe do grupo de Senado que integraa comissão de inquérito — que Oliver North pôs a funcionar, entre 1983 e 1986, um governo paralelo, «com um Exército, Força Aérea, agentes diplomáticos, operacionais dos serviços secretos e meios próprios.»

C.V.



O coronel Oliver North

Fawn Hall depondo no mês passado em Washington

Mensagens Pessoais

Biombo oriental

Antiquários e embaixadas, vende-se biombo antigo oriental, com altos relevos e incrustações em marfim e madrepérola, em madeira teca (220 c.). Telefonar para Jorge Fernandes — 4372861 (9h, 12h).

Correspondente

Brasileira, economista, gostaria de corresponder-se com pessoas interessadas em trocar ideias sobre economia, política, história, arte e literatura luso-brasileiras. Resposta para Maria Célia da Costa — Rua Gomes Pacheco, 425 — Espinheiro — Recife — PE Brasil CEP 52021.

Comida angolana

Mate saudades duma boa muamba de dendém, muamba de jinguba, kalulu, mufete, muzongué, kutuza, kitaba e kifufutila, micates e matete — produtos de origem. Aceitam-se reservas, serve-se ao domicílio. Telefone: Verónica Castro —4103767 (20h-23h e 12h-15h).

Explicações

Explicações de Inglês e Francês, todos os níveis até ao 12.º ano; 500 esc. por hora. Horários a combinar pelo telefone 2431508 a partir das 20h.

Vendo Diane

Agosto 1978, particular, 1 dono, aceito ofertas, telefone: 885593

Máquina de Escrever

Compro, usada, em bom estado, teclado internacional. Ofertas pelo telef. n.º 243 01 06, Oeiras.

Konkreto

Konkreto — Espaço aberto ao diálogo, publicação semestral editada pelo Círculo de Reflexão Activa envia, sem quaisquer encargos, os números já publicados:

«Prisioneiros de Consciência» em Portugal, «Cannabis Legal?», «Se te queres matar porque não te queres matar?», «No Páis das Maravilhas». Pedidos a Círculo de Reflexão Activa — Rua Actor Isidoro, 26 — 3.º Dt.º — 1900 Lisboa.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.